



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E
PATRIMÔNIO**

MESTRADO PROFISSIONAL

MARLON TEIXEIRA DE FARIA

**“DESTA ÁGUA BEBEREI”: ENTRE MILAGRES E FESTAS NO DISTRITO DE
ÁGUAS DE SÃO JOÃO (GO)**

**GOIÁS – GO
2023**

MARLON TEIXEIRA DE FARIA

**“DESTA ÁGUA BEBEREI”: ENTRE MILAGRES E FESTAS NO DISTRITO DE
ÁGUAS DE SÃO JOÃO (GO)**

Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Orientador(a): Prof^ª. Dra. Luana Nunes Martins de Lima.

**GOIÁS – GO
2023**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor

Nome completo: Marlon Teixeira de Faria.

E-mail: marlon.hist.inf@gmail.com

Dados do trabalho Título: “DESTA ÁGUA BEBEREI”: ENTRE MILAGRES E FESTAS NO DISTRITO DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO (GO)

Tipo:

Tese Dissertação

Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP)

Concorda com a liberação documento:

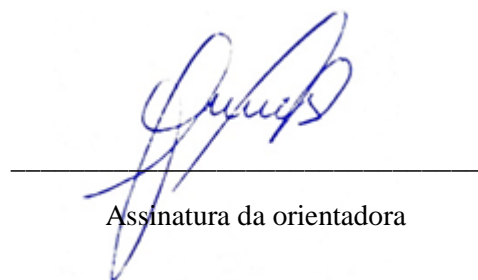
SIM NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 06 de junho de 2023.



Assinatura do autor



Assinatura da orientadora

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

F224d Faria, Marlon Teixeira de Faria.
“Desta água beberei” : entre milagres e festas no distrito de Águas de São João (GO) [manuscrito] / Marlon Teixeira de Faria. – Goiás, GO, 2023.
161 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Luana Nunes Martins de Lima.
Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

1. Patrimônio ambiental. 2. Patrimônio cultural.
3. Águas de São João, GO. 3.1. Paisagem. 3.2. Simbolismo.
3.3. Monumento. 3.4. Águas sulfurosas. I. Título.
II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 379.85:316.72(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

MARLON TEIXEIRA DE FARIA

**“DESTA ÁGUA BEBEREI”: ENTRE MILAGRES E FESTAS NO DISTRITO DE
ÁGUAS DE SÃO JOÃO (GO)**

Relatório Técnico submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), Mestrado Profissional, para fins de Exame de Qualificação como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovado em ____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Dra. Luana Nunes Martins de Lima – (UEG)
Orientadora

Prof. Dr. João Guilherme Trindade Curado – (SEDUC)
Membro Externo

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros – (UEG)
Membro Interno

Prof. Dr. Wilson de Sousa Gomes – (UEG)
Suplente Externo

Prof. Dr. Cristiano Alexandre dos Santos – (UEG)
Suplente Interno

Goiás, _____ de _____ de _____.

A valorização das manifestações culturais que cercam o estudante contribui para que este reconheça sua identidade individual e coletiva e exerça sua cidadania.

Sandra Pelegrini

AGRADECIMENTOS

Agradeço....

A minha família pela compreensão e por conviverem com minhas ausências. A proximidade nesse momento nem sempre foi possível, mas o amor sempre foi a luz que me motivou a seguir.

A namorada e companheira, Leila. Nesses momentos de estudos que pareciam intermináveis ficou ao meu lado. Obrigado pelo companheirismo, paciência e carinho. Sua força faz parte da minha força.

Ao professor, e grande amigo, Wilson de Souza Gomes. A conversa no último dia de aula, antes das férias de julho de 2007, foi um grande diferencial que levou aquele garoto aos caminhos que ele segue hoje (tropeçando muitas vezes, mas seguindo).

Ao professor, e grande amigo, Aruanã Antônio dos Passos. Poucos meses de aula que viraram amizade que tenho a honra de conservar. Sua crença e incentivo foram determinantes para esse momento. Obrigado!

Aos professores, e grandes amigos, Luiz Carlos Bento, Jean Isidio, Rodolfo Belchior, Rodrigo Godoy que sempre estiveram à disposição quando precisei. Gratidão.

Aos professores do PROMEP/UEG Maria Dailza de Conceição Fagundes, Thiago Fernando Sant'Anna e Silva, Eduardo Quadros, a ajuda, orientação e apoio foram fundamentais para que eu conseguisse chegar onde estou. Sempre que precisei estiveram à disposição. A todos, muito obrigado de coração, espero um dia poder retribuir.

Aos professores que compõe a banca e fizeram parte da qualificação: Eduardo Quadros e Valéria Cristina Pereira da Silva, as contribuições de vocês foram maiores que pensei. Adentro um mundo novo de leituras. Ao professor João Guilherme Trindade Curado, agradeço por contribuir tanto nessa parte final. Parte do que poderá vir no futuro serão graças suas contribuições. Sou grato a todos.

A professora, Keley Carneiro. Obrigado por confiar! Suas orientações, indicações e críticas foram de grande importância para iniciar e seguir nessa nova jornada.

A professora Raquel. Nossa, que exemplo de profissional. Espero, um dia, ser uma fração do que a senhora representa na sala de aula. Admiração e respeito é o que permanecem em minha mente.

Aos queridos amigos da Escola Estadual Gercina Borges Teixeira. Em especial, Cleonice e Keity, primeiro por confiar e dar a oportunidade para mostrar o que sei. Segundo, todo esse resultado começou quando recebi o apoio de vocês. Gratidão sempre!

Aos queridos amigos do CEPMG, Maria Tereza Garcia Neta Bento. Em especial, Ana Paula, Alzira, Sonilda e Major Lourenço. A confiança e apoio de cada um de vocês permitiram que eu pudesse dar mais um passo na carreira e presenciar momentos de que hoje sou muito orgulhoso. Gratidão sempre!

Aos colegas do PROMEP/UEG. Que esse programa continue ajudando a todos que anseiam por conhecimento. Parabéns pelo empenho dos profissionais! E aos professores, deixo minha admiração. O tempo vai passar, mas o aprendizado será a marca mais sólida e brilhante no caminho que segue. GRATIDÃO!

Em especial...

Jordana Gouveia e Guilherme: obrigado pelo companheirismo de sempre! Os laços construídos no início do mestrado se tornaram uma bela relação de respeito e amizade. As conversas e desabafos foram fundamentais para suportar das tensões de um período marcado por cobranças, pandemia e fragilidades sociais. Espero ver vocês mais vezes! Obrigado! E contem sempre comigo.

A todos os que estiveram próximos da pesquisa, em especial: *Santa Bruno de Bastos, Renato de Bastos Teixeira, Mariana Machado da Silva Gomes, Guilherme Alves de Lima Costa, Otília dos Santos Teixeira Pinto, Maria Guimarães Dutra e Etelvino Camargo Costa Carmo*, que contribuíram com as entrevistas. As que ajudaram muito fazendo o “meio de campo” para o desenvolvimento e obtenção de documentos: *Maria Clara, Jheniffer* e professora *Wilma*, sem vocês o caminho seria mais difícil do que foi. *Samuel de Jesus Vieira*, pela parceria e disponibilidade na pesquisa de campo. *Magna Maria* e *Júlio César Oliveira Bellini*, obrigado pela disposição em ajudar na correção e sugestão nas escritas. *Jaqueline Moraes Fernandes*, obrigado pela paciência e ajuda com fontes para a pesquisa.

A todos os que trabalham e se aventuram no mestrado... *Só hoje sei o quanto é difícil. Conciliar os estudos e trabalho é se colocar no limite corporal e mental. Se você escolheu esse caminho, desejo força e coragem. Nem sempre os frutos colhidos são doces, mas serão positivos por mostrarem o seu limite.*

Existe um fragmento de um poema do Caio Fernando de Abreu que sempre vi em tudo o que faço: entre acertos, erros, limitações e quando tento melhorar...

“Acho que fiz tudo do jeito melhor, meio torto talvez, mas tenho tentado da maneira mais bonita que sei.”

E para fechar com chave de ouro....

... professora e orientadora, Luana Nunes Martins de Lima. Fui apresentado com suas aulas quando aluno especial. Fui apresentado, novamente, quando aceitou ser minha orientadora. Não consigo agradecer a senhora, realmente não sei como. Gratidão por todas as críticas, sugestões, pressões e alívios nesses dois anos. Certa vez ouvi essa frase: “o ideal é o professor aprender com o aluno e o aluno com o professor”. Bem, creio que fiquei devendo. Aprendi muito, mas saio com grande sentimento de que poderia ter ido além, me doado mais. Ficar distante da dinâmica do ensino superior e pós-graduação mostraram nitidamente minhas limitações e, essas, transformaram minha estrada num campo bem pedregoso. Saio ainda limitado (considerando o ensino superior), mas com uma grande missão: primeiro, melhorar; segundo, ser cada vez melhor e honrar todo esforço que a senhora dedicou a minha pessoa. Acredito que a maior forma de agradecimento seja essa, tentar ser o melhor possível, tendo como referência uma das melhores que conheci... A senhora. Obrigado e sempre que estiver ao meu alcance conte comigo!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, QUADROS E SIGLAS

Figura 1: Distrito de Águas de São João

Figura 2: Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE Águas de São João) Portal da ARIE

Figura 3: Portal da Área de Relevante Interesse Ecológico: Águas de São João

Figura 4: Cerradão

Figura 5: Localização do distrito, capela, minas de água e Condomínio

Figura 6: Lago Saint-Andéol

Figura 7: Identificação de Rios e Córregos no entorno de Águas de São João

Figura 8: Fontes de São João e Santa Barbara

Figura 9: Águas Sulfurosas em Goyaz

Figura 10: Vista aérea – Minas de água, Praça, Capela e ARIE

Figura 11: Vista aérea – Praça, Capela e ARIE

Figura 12: Fonte e Bica d'água sulfurosa

Figura 13: Banheiro

Figura 14: Banheiro

Figura 15: Banheiro e entorno

Figura 16: Capela e Salão Paroquial

Figura 17: Visão do local da Capela

Figura 18: Minas d'água, Praça, Capela e Salão Paroquial

Figura 19: Placa referente a construção da Capela

Figura 20: Portal de entrada para a Festa de São João

Figura 21: Visão da entrada da Festa de São João

Figura 22: Visão da entrada da Festa de São João 2

Figura 23: Barracas na Festa de São João

Figura 24: Barracas na Festa de São João 2

Figura 25: Momento que precede a missa em frente à capela

Figura 26: Caminho que leva aos banheiros e bica de água sulfurosa

Figura 27: Mapa Mental – Igreja Assembleia de Deus

Figura 28: Mapa Mental – Igreja Assembleia de Deus e Bica

Figura 29: Mapa Mental – Igreja de São João Batista, árvore e sol

Figura 30: Mapa Mental – Igreja de São João Batista e sol

Figura 31: Mapa Mental – Igreja de São João Batista e Bica

Figura 32: Mapa Mental – Capela, Quadra de esporte, árvores e a Bica

Figura 33: Mapa Mental – Capela, árvores e casa

Figura 34: Mapa Mental – Parque e árvores

Figura 35: Mapa Mental – Mapa da Arie e seus componentes

Figura 36: Mapa Mental – Parque, Árvores, Capela, Bica e Sol

Figura 37: Mapa Mental – Parque, Árvores, Capela, Quadra e Bica

Figura 38: Mapa Mental – Capela, Banheiros e Parque

Figura 39: Mapa Mental – Bica (minas de águas sulfurosas)

Figura 40: Mapa Mental – Praça, Parque, Minas de Águas sulfurosas (Bica)

Figura 41: Mapa Mental – Praça, Árvore, Minas de Águas sulfurosas (Bica)

Figura 42: Mapa Mental – Quadra de esporte

Figura 43: Mapa Mental – Parque e árvores

Figura 44: Mapa Mental – Parque e Céu

Figura 45: Mapa Mental – Escola Municipal Águas de São João

Figura 46: Mapa Mental – Casa e sol

SIGLAS

ARIE – Área de Relevante Interesse Ecológico.

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

CF – Constituição Federal.

CANG – Colônia Agrícola Nacional de Goiás.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDAGUA – Instituto de Apoio ao Desenvolvimento de Águas de São João e de Preservação da Bacia do Rio Vermelho.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação.

RESUMO

Esta pesquisa se estrutura com o objetivo de refletir sobre a importância e contribuição de diferentes narrativas para a constituição identitária de Águas de São João. O distrito pertence ao município de Goiás-GO e faz fronteira com as cidades de Itapirapuã, Faina e Matrinchã. No passado, dava lugar a uma fazenda nomeada São João da Gurita na região da Piedade. Ganhou notabilidade, em primeiro lugar, pela popularização de suas fontes de águas sulfurosas, e por volta de 1963, com a realização anual da Festa de São João, no mês de julho. Como expresso no próprio nome, Águas de São João carrega a presença de duas fortes narrativas que produziram e produzem sentido, de um lado a Festa de Louvor a São João Batista e, de outro, a existência das Águas Sulfurosas, trazendo na narrativa local casos relacionados a milagres e curas. Buscou-se compreender a importância desses dois elementos, a presença da influência cristã e as narrativas sobre os milagres atribuídos às águas sulfurosas, para a estruturação social e simbólica do distrito. Desenvolve-se também uma problematização a respeito da constituição da Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), um patrimônio natural no qual evidencia-se o embate entre o “usufruto” do espaço pelos locais e a preservação ambiental. A metodologia adotada se divide em pesquisa bibliográfica, entrevistas com habitantes e pessoas que tiveram/têm contato com o local, e a produção de mapas mentais, pelos quais se tem a pretensão de analisar a representação do próprio distrito por meio de quem vive nele. Por fim, o produto final será um vídeo, documentário, feito com materiais desenvolvidos ao longo da pesquisa, dentre os quais destacam-se os mapas sobre a região e distrito, imagens aéreas e terrestres e reflexões sobre as entrevistas realizadas. Entende-se que o produto auxiliará na potencialização das atividades educacionais, podendo ser um material utilizado por professores, alunos e qualquer pessoa que tenha a intenção de conhecer mais sobre o distrito; e turísticas, abrindo a possibilidade de um levantamento prévio de informações para aqueles que não conhecem.

Palavras-chave: Águas Sulfurosas, Simbolismo, Paisagem, Monumento.

ABSTRACT

This research is structured with the objective of reflecting on the importance and contribution of different narratives to the identity constitution of Águas de São João. The district belongs to the municipality of Goiás-GO and borders the cities of Itapirapuã, Faina and Matrinchã. In the past, it gave way to a farm named São João da Gurita in the Piedade region. It gained notability, firstly, for the popularization of its sulphurous water sources, and around 1963, with the annual Feast of São João, in the month of July. As expressed in its name, Águas de São João carries the presence of two strong narratives that produced and still produce meaning, on the one hand the Festa de Praise to São João Batista and, on the other, the existence of Águas Sulfurosas, bringing in the local narrative cases relating to miracles and healing. We sought to understand the importance of these two elements, the presence of Christian influence and the narratives about miracles attributed to sulphurous waters, for the social and symbolic structuring of the district. A questioning is also developed regarding the constitution of the Area of Relevant Ecological Interest (ARIE), a natural heritage in which the clash between the “usufruct” of the space by the locals and environmental preservation is evident. The methodology adopted is divided into bibliographical research, interviews with inhabitants and people who had/have contact with the place, and the production of mental maps, through which the intention is to analyze the representation of the district itself through those who live in it. Finally, the final product will be a video, documentary, made with materials developed throughout the research, among which maps of the region and district, aerial and terrestrial images and reflections on the interviews carried out stand out. It is understood that the product will help to enhance educational activities, and may be a material used by teachers, students and anyone who intends to learn more about the district; and tourist attractions, opening the possibility of a prior survey of information for those who do not know.

Keywords: Sulfuric Waters, Symbolism, Landscape, Monument.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. OLHARES SOBRE O DISTRITO DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO	22
1.1 APONTAMENTOS GEO-HISTÓRICOS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA PAISAGEM DO DISTRITO DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO-GO.....	22
1.2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O SIMBOLISMO DA ÁGUA... 35	35
1.3 AS MINAS DE ÁGUAS SULFUROSAS: NARRATIVAS E IMAGINÁRIO LOCAIS.....	41
1.4 SÃO JOÃO E AS ÁGUAS DE SÃO JOÃO POR MANOEL GUIDA: UM “ACAMPAMENTO ESPIRITUAL SUBMERSO”.....	53
2. PAISAGEM CULTURAL E PATRIMÔNIO: BENS E SIMBOLISMOS NO DISTRITO ÁGUAS DE SÃO JOÃO	60
2.1 SIMBOLISMO DA PAISAGEM: O LUGAR DA CAPELA E UMA ANÁLISE DA DISPOSIÇÃO DOS BENS.....	60
2.2 A CONSTRUÇÃO DA CAPELA E A FESTA DE SÃO JOÃO: REFLEXÕES SOBRE A PAISAGEM CULTURAL.....	72
2.3 ARIE DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO: ENTRE O USUFRUTO E A PRESERVAÇÃO.....	88
2.4 O MITO FUNDADOR: “TUDO COMEÇA COM AS ÁGUAS”.....	96
2.5 ÁGUAS DE SÃO JOÃO NA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS: MAPAS MENTAIS REVELANDO SIGNIFICADOS.....	103
3. FESTA, ÁGUAS E MATA: REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO E IDENTIDADE – UMA PROPOSTA EDUCATIVA	129
3.1 PERCEPÇÕES SOBRE AS CONEXÕES: A PATRIMONIALIDADE DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO.....	129
3.2 MÍDIAS DIGITAIS E SUA POTENCIALIDADE PARA A DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL.....	133
3.3 O PRODUTO: “ÁGUAS DE SÃO JOÃO-GO: PEQUENO DISTRITO DAS GRANDES HISTÓRIAS”.....	135
3.4 PÚBLICO E ALVO E PROPOSTA DE DEVOLUTIVA.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

Fechar os olhos e pensar sobre Águas de São João, imediatamente, faz com que as memórias de infância sejam revisitadas. A longa estrada de terra, a camionete carregada com os latões de leite vazios e os banhos demorados naqueles pequenos banheiros de onde saíam aquelas águas com cheiro e gosto diferentes. Essas poucas linhas são apenas pequenos traços de uma memória que se encontra efervescente durante a escrita e realização dessa pesquisa.

As memórias individuais que surgem durante a escrita são evocadas pelas lembranças de outras pessoas. A memória individual, dessa forma, vem como uma espécie de ponto de vista sobre uma memória coletiva, conforme Halbwachs (2006). Por meio dessa reflexão, pode-se afirmar que, na infância, o conhecimento sobre o distrito de Águas de São João foi possível, principalmente, por intermédio dos relatos dos outros. A vivência prática viria mais tarde.

Se em Goiás, cidade responsável pelo distrito, o reconhecimento da Unesco como Patrimônio Cultural Mundial privilegiou a arquitetura local pode-se dizer que o oposto ocorre em Águas de São João. Não seria exitoso buscar no nesse local marcas arquitetônicas como existe na sede do município, mas isso não significa que se tem inviabilizada uma proposta de pesquisa no campo do patrimônio.

O Programa do Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG) nos levou a uma nova experimentação de Águas de São João. Levantar bibliografia sobre o distrito souo como um desafio, uma vez que existem poucas produções. Entretanto, destacaram-se três que forneceram a base para que as análises e primeiras escritas florescessem: *Águas Sulfurosas em Águas de São João*, Márcio Nunes de Oliveira (2003), *O distrito de São João, município de Goiás-GO: Formação e dinâmica territorial*, Dallys Dantas Souza (2014) e *Águas de São João: da legitimação religiosa ao surgimento do mito*, Ana Maria Monteiro et al (2016). Apesar de diferenças entre si, bem como aproximações, elas puderam contribuir amadurecendo e refinando alguns olhares que surgiriam, numa abordagem histórica, natural e simbólica.

Diante da falta de variados documentos/publicações que fornecessem um escopo para a pesquisa compreendemos que seriam necessárias as pesquisas de campo, entrevistas com os moradores, pessoas que mantiveram/mantém ligações com o distrito e, por fim, a produção de mapas mentais, tais como abordados por Salete Kozel (2018). Diante da falta documentos que consubstanciam a historicidade e aspectos culturais do local, estas informações foram buscadas nas memórias e nas percepções de moradores locais.

As reflexões de Bachelard surgem nesse momento como um aporte para reflexão e compreensão da dimensão conceitual da imaginação, que entendemos que se alinha às ideias de imaginário e percepção. Segundo o autor a “imaginação não fornece apenas imagem da realidade, ao contrário é a faculdade de formar imagens que ultrapassem a realidade” (BACHELARD, 1997, p. 17-18). Entre o racional e o milagroso, crença e ceticismo, fé no milagre e medicina... E o que seria Águas de São João se não um local que ultrapassa seus próprios limites da racionalidade se expressando pelas sensibilidades locais evidenciadas na relação do povo com seus bens locais?

Quando se explora ideia de formação imaginária passa-se a entendê-la como parte importante no ato de se conferir sentido à realidade vivida, em determinado espaço. Nessa relação, contato dinâmico e significativo, que o ser humano tem com o local onde vive, por meio da ação imaginária, passa a atribuir significado e conexões ao local e na forma que se relacionam com ele. Tal reflexão nos aproxima de uma fenomenologia da imaginação, que “seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade”. (BACHELARD, 2005, p. 184).

As mudanças culturais, sobretudo no que se refere às tecnologias, tal como fica perceptivo na fala dos entrevistados, afasta a geração mais nova da historicidade e simbolismo dos bens locais¹. Os idosos, em especial, se tornam uma espécie de porta vozes da história e dos causos que dão corpo ao conhecimento sobre Águas de São João.

Quem vai ao distrito se depara com um local pequeno e traçados urbanos simples, destacam-se ali a existência das minas de águas sulfurosas, a capela em homenagem a São João Batista e a Área de Relevante Interesse Ecológico, ARIE Águas de São João. Esses elementos provocam diferentes lembranças entre a população e turistas que mantêm ou mantiveram contato em dado momento, além de promover uma dinâmica própria ao local. Sobre as águas, segundo Oliveira (2003), Dantas (2014) e Monteiro *et al* (2016), bem como analisados pelas entrevistas, oferecem elementos que permitem pensar no povoamento e dinamização da localidade, ou como pondera Dantas (2014), “tudo começa com as águas”.

A Festa de São João, que ocorre normalmente no final do mês de julho, fornece outra parte importante da história do distrito, a religiosidade. Ela tem seu início por volta dos anos de 1963, período em que a capela é construída. Além de manifestação da fé, marca também outra atividade importante do local, o turismo. Apesar do período festivo apresentar diferenças

1 Segundo a fala de: Mariana Machado da Silva Gomes e Maria Guimarães Dutra.

se comparado ao presente, tal como abordado nas entrevistas, a festa continua a chamar a atenção e ter visibilidade no interior do estado e em outras localidades, tal como Brasília.

Ao longo dos anos a realização da festa promoveu a aproximação de pessoas por meios distintos, seja para o batizado “nas águas do São João”², participação das missas/celebrações ou mesmo para momentos de lazer. Cabe ressaltar que, mesmo durante o período festivo, a presença de pessoas no local, também, promovia o conhecimento e a busca pelas águas, o que pode ser visto como expressão da força do simbolismo criado.

Os detalhes apresentados são comuns aos que conhecem o distrito. Entretanto, como dito anteriormente, a nova experimentação de Águas de São João ocorre, principalmente, quando a atenção passa do conhecimento geral para um diálogo com os conceitos de paisagem, paisagem cultural (contribuições de Carl Sauer, Paul Claval, dentre outros), lugar e monumento (Roberto Lobato Corrêa, Paulo Cesar da Costa Gomes).

Nos autores supracitados percebe-se que o ser humano, por ser dotado de intencionalidade em suas ações, atribui a cada elemento criado um sentido que julga pertinente para si e/ou para seu grupo. A construção de bens/monumentos, tais como os que são explorados na pesquisa, não fogem a essa lógica, não existem de forma aleatória, mas guardam, mesmo que velada, uma mensagem. A disposição de um bem em detrimento de outro, por exemplo, pode evidenciar sua visibilidade que pode ser traduzida/entendida em grau de importância para quem os observa.

Um pouco à frente do local onde se encontram as minas de águas sulfurosas (as da entrada, nomeadas como: *Águas de São João* e *Águas de Santa Luzia*) é encontrada a Capela que está situada em local mais elevado, se comparado às minas. A visualização desse local nos leva a uma reflexão a partir das ponderações de Corrêa (2013), quando aborda que a disposição dos bens expressa uma mensagem. Levando em conta essa perspectiva, será possível perceber no local a existência de duas fontes de narrativas que, em certo sentido, orientam a dinâmica do distrito. A constituição da identidade de Águas de São João está calcada nessas narrativas, o que é um ponto fundamental de análise desta pesquisa.

O passado de Águas de São João é uma *matéria-prima* com a qual os atuais moradores constroem suas explicações e justificações de algumas das práticas existentes no presente. As histórias fazem parte de uma tradição que, em constante repetição, apresentam relatos que podem mostrar o simbolismo existente, baseado na vivência dos idosos que reafirmam um conjunto de narrativas que fortalecem o imaginário local entre as gerações posteriores. A

2 Trecho da fala de Guilherme Alves de Lima Costa.

dificuldade de encontrar trabalhos sobre a história de Águas de São João coloca a pesquisa, em contato com essa *matéria-prima* que, no que lhe concerne, nos apresenta traços que definem uma identidade local, trazendo próximos de si, uma relação estreita com elementos que fazem parte de uma dinâmica que transita entre o “sagrado e o profano”, dimensões aprofundadas por Mircea Eliade (2016).

Para o desenvolvimento da pesquisa, as seguintes etapas foram seguidas:

- **Levantamento bibliográfico:** foi realizado um levantamento bibliográfico³ visando explorar a historicidade local, nesse momento foi possível constatar que pouca produção existia sobre o distrito. Dessa forma, fora aproveitada toda produção que envolvia direta e indiretamente o distrito (monografias, dissertações, teses, artigos e blogs).
- **Visitas in lócus:** foram realizadas visitas no distrito de Águas de São João em momentos distintos, no dia 6 de janeiro de 2022: levantamento de informações gerais sobre o distrito e criação de banco de fotos sobre o espaço onde se encontram as minas de água sulfurosas, a praça, a capela e a ARIE.
- **Entrevistas semiestruturadas:** realização de 7 entrevistas: cinco foram a distância por intermédio de aplicativos como WhatsApp, Google Meet e Google Duo, duas foram presenciais⁴. Nelas, foram abordados temas gerais e específicos que envolviam direta e indiretamente o distrito e a relação que os entrevistados tinham com ele. Das pessoas entrevistadas foram 4 homens e 3 mulheres. Essa escolha não foi premeditada, na medida que fluíam as falas, por vezes, os mesmos sugeriam outra pessoa.

Entrevistado	Idade	Profissão/ ocupação	Formato	Data
Santa Bruno de Bastos	52	Dona de casa	Presencial	26/03/22
Renato de Bastos Teixeira	34	Mecânico	Virtual	16/04/22
Mariana Machado da Silva Gomes	36	Dona de casa	Virtual	24/04/22
Guilherme Alves de Lima Costa	29	----	Virtual	03/05/22
Otália Santos Teixeira Pinto	32	Dona de casa	Virtual	06/07/22
Maria Guimarães Dutra	77	Aposentada	Virtual	15/07/22
Etelvino Camargo Costa Carmo	42	Guarda	Presencial	23/07/22

3 Para isso foram consultados: Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), obras regionais e geral que pudessem oferecer contextos da história de Goiás.

4 A submissão da pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/UEG e à Plataforma Brasil foi realizada no mês de agosto de 2021. A aprovação da pesquisa foi realizada pelo CEP/UEG em 19/10/2021, conforme Parecer Consubstanciado no 5.045.889.

- **Observação participante na Festa de São João:** no dia 22 de julho de 2022 foi realizada nova visita ao local. Nessa, por sua vez, o objetivo foi observar a festa do padroeiro e realizar mais entrevistas. Ademais, estar na festa permitiu a realização de registros fotográficos que mostraram como a festa está organizada, sua extensão e quantidade de barracas no local.
- **Mapas Mentais com alunos da Escola Municipal Águas de São João:** no dia 25 de novembro de 2022 foi realizado entre os alunos do 3º e 5º ano, da Escola Municipal Águas de São João, um mapa mental que considerava a visão dos mesmos sobre seu local de vivência, o que eles acham importante em Águas de São João, o que gostam e/ou o que lembra o nome do distrito. No total, a escola possui cerca de 35 alunos, destes 20 participaram.

No *primeiro capítulo* foram realizados apontamentos geo-históricos, por meio de mapas e descrições, que permitiram localizar e compreender Águas de São João e a sua trajetória, do passado até o presente. O ato de projetar historicamente o distrito fez com que parte das leituras e escritas seguissem para um dos bens locais, as águas sulfurosas, que foi um dos responsáveis por uma fase de ocupação e mudanças, conforme Dantas (2006) e Oliveira (2003). Explorando a dimensão simbólica desse elemento foi possível observar conexões com um passado, acessado por meio de pesquisas historiográficas (pensando em costumes e rituais de localidades distintas), além disso, nos aproximou de um simbolismo próprio de Águas de São João.

Esse capítulo foi enriquecido com o uso de imagens, o que proporcionou ao leitor a possibilidade de visualizar parte das abordagens elencadas pela pesquisa, principalmente as que visavam uma observação dos bens, sua localidade e proximidade com outros pontos do distrito (tais como a aproximação da capela, minas de água e a praça, todas essas próximas da ARIE). As entrevistas, por sua vez, forneceram uma visão dupla ao pesquisador. Por um lado, as falas de algumas pessoas que expunham suas vivências e crenças fazendo com que fosse possível notar suas relações com o local, por outro, fomentou um processo de rememoração do pesquisador gerando as cores necessárias para que fosse pintado o conjunto das percepções pessoais que haviam se perdido com o tempo e tornavam parte de um passado distante. Por fim, foram utilizadas como complemento trechos de uma obra espírita psicografada por Manuel Guida, que traz alguns temas gerais, dentre eles uma espécie de pré-história de Águas de São João.

No *segundo capítulo* o conceito de paisagem cultural torna-se um dos pontos que contribuem para aproximar e compreender as relações natureza-sociedade que foram

construídas e dotadas de sentido. São apresentadas fotografias do distrito, especificamente dos entornos da ARIE, onde estão alguns de seus bens, que possibilitam conhecer um pouco da dinâmica local em períodos distintos (sejam os festivos ou os cotidianos). As entrevistas seguiram demonstrando cada vez mais a formação de vínculos locais, por meio da construção da memória coletiva e, conseqüentemente, potencializando a compreensão da criação do imaginário local. As falas foram coletadas individualmente, as pessoas entrevistadas estavam sozinhas e não tiveram contato sobre o teor das questões com os demais. As questões foram as mesmas, mas cada um teve liberdade de responder ou explorar algum tema que não estivesse no roteiro proposto.

A reflexão patrimonial ganha espaço nesse capítulo, sendo baseada nas ponderações de Lima (2017), uma vez que são pautadas não apenas numa perspectiva material, mas pensando o espaço, as relações que nele ocorrem e as formas de expressão dos próprios moradores. Se os adultos entrevistados cederam suas falas que nos proporcionaram diversas percepções sobre o espaço pesquisado, às crianças couberam a realização de mapas mentais.

A metodologia dos mapas mentais, baseada em Kozel (2018), proporcionou para a pesquisa representações dos espaços vividos pelas pessoas do distrito. Dessa forma, após compreender as percepções dos adultos, agora os desenhos são importantes para que seja possível perceber como os bens e, no geral, o próprio distrito é pensado e experienciado pelos alunos.

Por fim, o *terceiro capítulo*, apresenta o produto final, o qual consiste em um vídeo educacional. Enquanto professor, vivendo no interior e que já presenciou partes de alguns aspectos locais do distrito, entendemos a necessidade de construir um objeto que possa proporcionar conhecimentos de partes da história de Águas de São João aos que vivem, aos que não conhecem e, acima de tudo, mostrar elementos próprios do local, as marcas da cultura e memória dos que ali vivem.

No vídeo podem ser encontradas informações geo-históricas, fronteiras e dados do último Censo do IBGE. Como se trata de uma produção com poucos minutos, apresenta uma síntese de informações históricas e geográficas que se mesclam com o simbolismo do local. A ideia da extensão desse vídeo tem respaldo na maior facilidade para seu compartilhamento, ao mesmo tempo, no fato de ser algo de rápida assimilação. O compartilhamento ocorrerá pelas plataformas como Instagram, YouTube e Facebook. Como se trata de um distrito com aspectos turísticos, há algumas passagens que dialogam com a percepções dos próprios habitantes e que podem fomentar a curiosidade daqueles que ainda não conhecem Águas de São João.

1. OLHARES SOBRE O DISTRITO DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO

1.1 APONTAMENTOS GEO-HISTÓRICOS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA PAISAGEM DO DISTRITO ÁGUAS DE SÃO JOÃO.

O tópico e subtópico acima, antes de aprofundamento filosófico, cobra do autor uma breve, porém sentimental, explanação: os olhos de uma criança que por volta dos anos de 1994 tinha seus 6 anos de idade, e viam Águas de São João, apenas, como o local que nos finais de semana a família passava as tardes. Era calmo e o frescor das matas era tranquilizador, naquelas tardes quentes e típicas daquele local. Era uma aventura chegar de camionete, sentado nos latões que ficavam na carroceria, passar pela trilha e ver aquelas pedras ricocheteando, em alguns momentos, devido à pressão das rodas sobre elas.

Pouco se sabia de todas as narrativas existentes, no máximo aproximávamos do que Michel Pollak (1992) denomina como “memória por tabela”. O que era conhecido somente era possível por meio de outros. Algo que fora construído, mas sem total discernimento pessoal, algo que vinha de gerações diferentes ajudando a formar nossa própria visão e interpretação. Além de um pequeno comércio, pessoas indo e vindo do mato, daquela água que não era tão saborosa, e os gritos dos macacos naquelas árvores altas, o que mais um local como aquele poderia oferecer ao garoto?

O distrito de Águas de São João, conforme o IBGE, está localizado na Mesorregião do Noroeste Goiano⁵, na Microrregião do Rio Vermelho. É pertencente ao município de Goiás (que fica a aproximadamente 70 km) e possui, atualmente, uma população de 498 pessoas⁶. Tendo em vista se tratar de um local pequeno, a população muitas vezes necessita se deslocar em busca de serviços que ali não são ofertados, tais como instituições escolares de nível médio e superior, tratamentos médicos, entre outros. Nesses casos, os municípios vizinhos Matrinchã (35 km), Itapirapuã (21 km) e Jussara (49 km) são os mais procurados, tendo em vista a proximidade.

Atualmente a dinâmica socioeconômica do distrito não difere totalmente do que ocorre na região e, em alguns aspectos, pode ser percebida a continuidade de algumas práticas do

5 Com base no site IDAGUA: A Região Noroeste Goiano (Estrada do Boi) foi definida tendo como critério os eixos das rodovias GO-070, GO-156 e GO-164 (antiga estrada do Boi). Compreende 13 municípios ocupando um território de 15.543,894 km², o que corresponde a 4,57% do total do território de Goiás.

6 Dados referentes ao Censo de 2010, base de consulta utilizada: sinopse por setores.

passado. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1958), dentre as atividades que eram praticadas em Goiás nos anos de 1950, destacavam-se a agricultura e pecuária. Hoje, segundo o *Instituto de Apoio ao Desenvolvimento de Águas de São João e de Preservação da Bacia do Rio Vermelho*:

A pecuária, agricultura, mineração e o turismo são as principais atividades econômicas do Noroeste Goiano. Sendo o agronegócio a base da economia regional, visto que apenas o município de Faina constitui hoje um centro de mineração e somente Aruanã e Goiás são polos turísticos consolidados. (INSTITUTOIDAGUA, 2022)

Antes de se pensar no distrito de Águas de São João, no passado, aquela localidade dava lugar a uma fazenda nomeada São João da Gurita, uma região chamada Piedade. Não se pode presumir, exatamente, a data que marca o início do povoado, contudo pode-se considerar ter sido habitado desde antes da década de 1930. De acordo com uma análise de Dantas (2014), o povoamento do território goiano fora marcado pela presença de migrantes que vinham em busca de trabalho que era normalmente encontrado nas atividades agropastoris⁷. Em Águas de São João, seguiu-se essa mesma lógica, sendo este argumento corroborado pela presença de migrantes dos estados da Bahia e do Ceará⁸. Na localidade as atividades que envolvem trabalhos ligados a agricultura e pecuária eram facilitadas, segundo Oliveira (2003), devido ao aspecto natural da vegetação existente, com destaque às amplas pastagens⁹.

Entre a exposição descritiva das características do distrito, acima, ousamos atravessar breves resquícios da memória complementando de forma pessoal os dados. A vida no interior, principalmente para quem viveu em fazendas, se resumia no trabalho intenso durante o dia e as longas conversas durante a noite. Por entre o turbilhão da memória e do esquecimento, parte

7 Maiores detalhes também podem ser encontrados na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: “93% das pessoas em idade ativa (10 anos e mais) estavam ocupadas no ramo "agricultura, pecuária e silvicultura". (1958, p. 198).

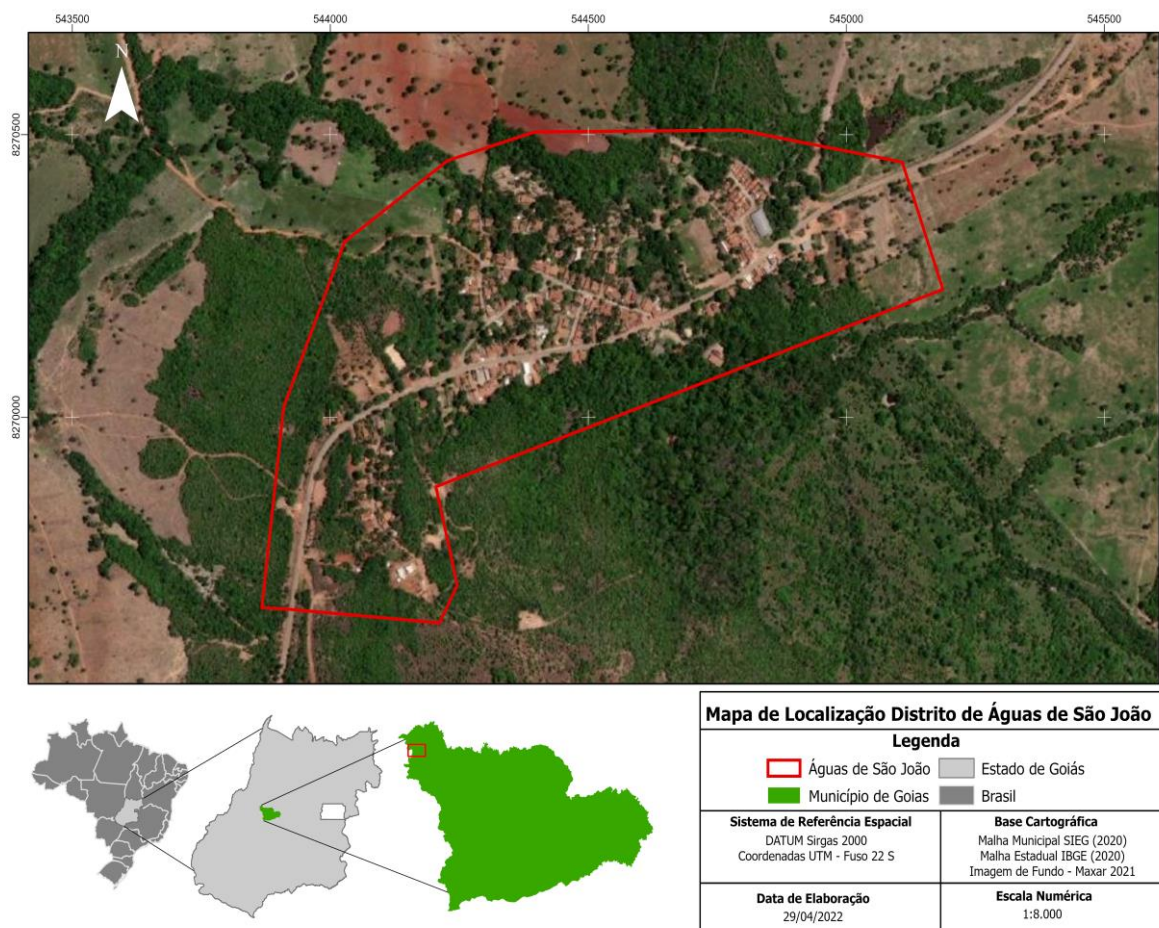
8 Não foram encontrados documentos que apontem a localidade de Águas de São João como parte de um processo de migração relacionado a alguma política governamental. No entanto, deve-se considerar que, numa compreensão macro ocorreu a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás: “A Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) foi criada na década de 1940 durante a política de expansão econômica que ficou conhecida como “Marcha para o Oeste” do então presidente Getúlio Vargas. Somado a criação de Goiânia e da Fundação Brasil Central, os projetos de Vargas muito influenciaram a configuração territorial da região central de Goiás denominada, naquele período, de Mato Grosso Goiano”. (CASTILHO, 2012, p. 117).

9 Dentre as descrições realizadas, Mônica Martins da Costa (2014) apresenta em sua pesquisa a descrição da vegetação local, onde fica evidente a presença de cerrado e pastagem.

das lembranças rememoradas veem como falas sobre as pessoas que viviam nos arredores do distrito de Águas de São João e que só iam na cidade em busca de produtos específicos como ferramentas, remédios, por exemplo. A comida, que sustentava toda a família e muitas vezes era utilizada nas folias e para abrigar quem necessitava, era retirada da terra trabalhada pelos próprios familiares¹⁰.

O mapa abaixo apresenta a localização geográfica do distrito, bem como permite dimensionar a fitofisionomia do entorno.

Figura 1: Distrito de Águas de São João



Fonte: Pequi Mapas, 2022.

Um relato sobre algumas das características do passado de Águas de São João pode ser encontrado na obra *Velhos Portais*, de Nice Monteiro Daher (2004). Segundo a autora, é

10 Essa fala expõe um exercício de recordação do pesquisador no ato da escrita e revisão desses parágrafos.

provável que o texto fora escrito por volta dos anos de 1940, entre os anos do governo de Coimbra Bueno¹¹. O texto em questão é de autoria de Zoroastro Artiaga¹², seu tio, e os escritos ilustram alguns aspectos da condição do vilarejo de São João e dos caminhos percorridos para se chegar ao local. Os fatos narrados, segundo o autor, são de aproximadamente 30 a 35 anos atrás. Pode-se presumir que esse pequeno quadro de detalhes produzido por Artiaga (2004) condiz com os anos de 1915 e 1920.

A região é toda ela cheia de empecilhos naturais. O terreno é coberto de cascalho miúdo, quase que em toda a extensão que fica entre a estrada e a fonte, oferece condições vantajosas para a conservação da estrada de autos que for construída. Nas circunvizinhanças não existem moradores, nem se pode contar com recursos no local, devendo conduzir consigo o conforto que puder aquele que pretende visitar o Araxá Goiano¹³ (ARTIAGA, 2004, p. 66).

A partir do exposto pode ser percebido que, mesmo com o fluxo de pessoas que ali chegavam em busca de trabalho, a localidade ainda era de difícil acesso. Conforme o mesmo, ressaltando as condições que estavam os trechos, em uma possibilidade de percorrer usando um

-
- 11 Consultando o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), na sessão de verbete biográfico: “O governo de Jerônimo Coimbra Bueno ocorre entre os anos de 1947-1950, eleito pela legenda da União Democrática Nacional (UDN). Saindo-se vitorioso, governou durante o período de 1947-1950, acumulando a função de membro da Comissão de Estudos e Localização da Nova Capital do Brasil. Durante sua gestão organizou e dirigiu o primeiro serviço privado para as zonas de garimpo e cristal e construiu ferrovias no estado. Em 1950 transferiu o governo ao vice-governador Hosaná Guimarães”.
- 12 Conforme aparece no site O Popular: “Geógrafo, diretor, historiador, jornalista e professor, o itaberino Zoroastro Artiaga foi um grande pesquisador da historiografia goiana com obras importantes, como *Dos Índios do Brasil Central* (1947) e *Riqueza Vegetal do Planalto Goiano e do Vale do Tocantins* (1947). Serviu ao que hoje é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e percorreu todo o Estado mapeando a sua geografia. Ficou conhecido como o grande “divulgador do sertão”.
- 13 Uma breve explicação sobre o termo Araxá Goiano: durante as escritas foram consultadas duas pesquisas, ambas explicam que o termo está relacionado ao estado de Minas Gerais e a prática desenvolvida envolvendo o uso de águas sulfurosas e da lama que era possível de se extrair do local. Explorando algumas descrições: “A localidade foi formada em torno do Barreiro, onde se encontram as águas mineralizantes, sulfurosas, lamas medicinais de origem vulcânica que inicialmente serviam ao restabelecimento dos animais que instintivamente procuravam o lugar para a cura de feridas e reposição de nutrientes, a partir da ingestão da água e do sal que ficava preso às pedras. Sendo hoje utilizadas para tratamentos estéticos”. (DIAS; CAMILO PEREIRA, 2022, p. 111). Corroborando com os autores, tem-se que: “Desde o início do século XIX, o espaço foi pesquisado por geocientistas e médicos, sendo gradativamente reconhecido como capaz de promover bem-estar e equilíbrio psicofísico através de banhos de imersão em águas sulfurosas, compressas de lamas medicinais e ingestão da água mineral”. (SANTOS, 2008, p. 93). Além disso, de acordo com os Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (2014), sua vegetação é composta por cerrado e campo. Pode-se, então, deduzir que a expressão *Araxá Goiano* faz uma comparação com o local e práticas já conhecidas de Minas Gerais, mas pensadas aqui no interior de Goiás.

automóvel, em alguns percursos seria “preferível deixá-los à margem da rodovia” (ARTIAGA, 2004, p. 66).

Segundo Dantas (2014) e Artiaga (2004), essa situação muda por volta dos anos de 1940. Após o descobrimento das águas sulfurosas¹⁴ no vilarejo foram implementadas mudanças, se destacando a criação de um banheiro e um telégrafo. Ambas levam a entender que tanto o conforto quanto a comunicação seriam ferramentas importantes ao desenvolvimento local. Enquanto o primeiro, de certa forma, presume a preocupação com as atividades turísticas e da população que ali era formada, o segundo, no que lhe concerne, está relacionado a uma busca de rompimento com a condição de isolamento.

Considerando que as mudanças não cessaram, paulatinamente, a estrutura do local e o fluxo de pessoas dinamizavam a vida que ali se formava. O ano de 1968 anunciariam grandes mudanças, tanto, em sua estrutura quanto no simbolismo que floresceria no lugar. No dia 19 de junho de 1968 é criado o Distrito de São João, conforme a Lei nº 6.944, de 19 de junho de 1968. “E embora no Brasil as vilas devam possuir a mesma denominação de seus respectivos distritos, em São João essa determinação é, por assim dizer, sem efeito. Águas de São João é como ficou conhecida a vila do Distrito.” (DANTAS, 2014, p. 34).

É necessário, porém, uma ressalva: até o momento da escrita dessa pesquisa não fora possível obter uma justificativa, objetiva, da razão do distrito se chamar “Águas de São João”. Fica evidente, por meio de Dantas (2014), que as nomenclaturas sempre estiveram próximas a elementos que podem ser relacionados à fé cristã, presumindo a força e influência do cristianismo na região: o local se chamava São João da Gurita; após, passa a ser conhecido apenas como São João; por fim, após os anos de 1968, com a lei municipal, tem-se o Distrito de São João que fica conhecido como Águas de São João.

De acordo com Oliveira (2003), por volta dos anos da década de 40 a 70 o distrito de Águas de São João ficou marcado pela constante presença de turistas. Estes vinham ao local esperançosos devido às narrativas associadas à ideia de cura que a água poderia proporcionar. Conforme diz o autor, as pessoas que ali buscavam sua cura chegavam afetadas por afecções de pele, tratos digestivos, por exemplo.

Atualmente, as possibilidades turísticas em Águas de São João podem ser observadas por meio da festa em homenagem a São João Batista, as minas de águas sulfurosas, a área onde

14 Geralmente, as águas sulfurosas apresentam valores de pH superiores a 7, concentração de sílica que representa mais de 10% das respectivas mineralizações totais, concentração de fluoreto superior a 5mg/L e contêm formas reduzidas de enxofre. (PIRES, 2008, p. 28).

se encontram minas, banheiros e bica e o condomínio. Conforme Dantas (2014)¹⁵, após os anos 2000, a região das minas de águas sulfurosas ganhou foco e maior cuidado: por meio do Decreto Nº. 5.182, de 13 de março de 2000, a área foi oficializada como Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE). Em termos legais, essa medida visa a preservação do local, instituindo normas que visam resguardar os bens naturais do distrito, tal como pode-se observar no “Art. 2º - A Área de Relevante Interesse Ecológico instituída no artigo anterior destina-se a preservar os mananciais, a flora, a fauna e o paisagismo na área de surgimento das águas sulfurosas do Distrito de São João.” (GOIÁS, 2000, p. 1).

Figura 2: Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE Águas de São João)



Fonte: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2022.

A proteção da ARIE não está relacionada apenas com a preocupação com a fauna e flora, na descrição acima percebe-se a intenção de ‘compatibilizar’ o ambiente com a ação humana, destaca-se então a importância da convivência, da percepção de sua relevância à

15 Conforme exposto pelo autor: por volta dos anos de 1960, Carvalho Franco que gerenciava o Grande Hotel em Goiânia conseguiu, por meio do Decreto nº 44.972, de 2 de dezembro de 1958 explorar as águas que das minas brotava. A ideia foi de aproveitá-las para fins mercadológicos. Com o intuito de aumentar a vazão de águas das minas foi considerada a ideia de implodir as minas. Entretanto, a população se posicionou contra levando o empresário a desistir da ideia.

sociedade. Esse espaço chama atenção à história do distrito, pois carrega as marcas das relações sociais que ali foram desenvolvidas temporalmente. Dessa forma, protegê-lo significa preservar as águas sulfurosas, que estão presentes na construção das narrativas e tradição do distrito.

O Decreto Nº. 5.182, de 13 de março de 2000 que traz foco à proteção das águas sulfurosas não deve ser visto como algo novo, uma vez que a preocupação com as águas pode ser vista desde o passado na história do Brasil. A exploração desse elemento e sua relação com medidas medicinais não é recente:

No Brasil, a legitimação do uso das águas termais aconteceu a partir de 1818, data associada à criação da primeira estância termal brasileira. Dom João VI emitiu em 1818 decreto pelo qual ordenava a construção de um hospital termal que se deveria reger pelos estatutos do Hospital das Caldas da Rainha (Portugal). (...) Foi durante o século XIX que nasceram e se desenvolveram as práticas termais em espaços institucionalizados pela medicina brasileira. (NUNES; TAMURA, 2012, p. 253-254)

Por meio das exposições das autoras, fica perceptível que o conhecimento sobre o tema ocorre de forma lenta devido ao pouco avanço das pesquisas nesse campo. A situação mudaria no século XIX com os estudos realizados pela química, medicina e, com o aumento das publicações tem-se como consequência a criação de uma ciência para se estudar tal elemento, a hidrologia médica, no final do século XIX¹⁶.

O estado de Goiás, desde então, aparece como um dos destaques devido ter em seu território a existência dessas fontes, tal como mencionam as autoras: “as primeiras notícias sobre águas minerais referiam-se às fontes termais de Goyaz e à utilização da sua água no tratamento da morfeia¹⁷, em 1839” (NUNES; TAMURA, 2012, p. 254). Fato interessante na exposição é de que seu uso decorre de interesses medicinais, até então nada que a ligue ao domínio do sagrado.

Numa exposição explorando seus usos: as águas sulfurosas “(...) tem como principais características a alta concentração de enxofre e por isso algumas águas possuem um cheiro

16 Em todas as falas e reflexões que apontam para a divulgação desse elemento faz-se aqui uma observação: sem pretensão de generalizar, mas busca-se entender que quanto mais divulgação, mesmo que no meio científico não se pode descartar a popularização numa perspectiva mística. Isso corrobora com a ideia de que quanto mais divulgado, mais se ajuda na construção de um simbolismo que paira sobre a construção de um imaginário em torno do elemento.

17 Esclerodermia localizada (EL) é uma rara doença do tecido conjuntivo, de provável etiologia autoimune, caracterizada por espessamento cutâneo, resultante de aumento na síntese de colágeno, glicossaminoglicanos e outras substâncias produzidas pelos fibroblastos, Tomiyoshi et al (2019, p. 1)

forte e nada agradável”. (SOUZA, 2019). Tal descrição, mencionada num blog que aborda temas relacionados à maquiagem, consegue ser fiel às falas das pessoas que já recorreram às águas do distrito de Águas de São João. Ponto comum que, mesmo com a mudança das gerações, segue o mesmo.

A criação da ARIE e os apontamentos do decreto apresentam justificativas pertinentes para a preservação da área em questão. No entanto, deve-se destacar que o local agora protegido, no passado, principalmente, fora intensamente frequentado por pessoas do distrito e de fora, na busca pela água e pelo barro. Tornar essa uma área protegida e estabelecer pontos a serem obedecidos com o intuito de resguardar a integridade local pode ocasionar o rompimento com as práticas que eram realizadas ali (o que de fato, ocorreu). Nesse sentido passa-se a observar relatos de moradores com o intuito de compreender as mudanças nas práticas estabelecidas no distrito após o estabelecimento do decreto nos anos 2000. A Entrevistada 3, Mariana Machado da Silva Gomes, mulher, casada, 36 anos, faz a seguinte ponderação, a respeito da criação da ARIE:

Tinha muito fluxo de gente lá, as pessoas iam, faziam piquenique, faziam acampamento, iam com carro, sem carro, hoje não pode fazer nada disso. Ficou chato, não pode ir lá fazer um piquenique, não pode colocar um som, não pode fazer muita coisa do que se fazia antes. Tem as vigilâncias [...] E, eles estão lá para não deixar ninguém entrar, estão fazendo o serviço deles. A gente, comunidade, não gosta do serviço que eles fazem, mas é o serviço deles, então, respeitamos. (Entrevista concedida em 24/04/2022)

Ficou perceptível que a entrevistada compreende a importância do decreto que garante a preservação da área. No entanto, a criação de normas de proteção e segurança fez com que surgisse um sentimento de insatisfação entre a população que se afasta do hábito de frequentar o local, que agora, com as proibições, não podem usá-lo como antes era de costume. Deve-se mencionar que no passado era comum a presença nessa área de carros, som, realização de piqueniques, por exemplo.

Para o entrevistado 4, Guilherme Alves de Lima Costa, homem, solteiro, 29 anos:

Hoje, quando você vai em Águas de São João, já se deteriorou um pouco, mas há um portão grande, portal para entrar no parque que tem uma porteira de madeira. Essa porteira por um tempo foi fechada para que nenhum carro pudesse chegar lá. A ideia era se proteger, porque estava acabando com a vegetação, com o barro que era próprio de lá. Levavam o barro para vender. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

Em sua fala percebe-se que a oposição passado-presente soa como um pensamento saudosista de alguém que, percebendo as mudanças, sente falta das relações do passado que

parece ser visto como o ideal. Sua exposição se aproxima da fala de Mariana, no que se refere a importância da preservação e, principalmente, no sentimento de rompimento com um costume local.

Outro ponto a ser observado está relacionado com a exploração dos bens naturais pelos próprios moradores. Como se trata de um local turístico e que desde o passado esteve entrelaçado com narrativas de curas, a venda do barro¹⁸ retirado dos arredores das minas de águas sulfurosas tornou-se um problema na medida que poderia causar problemas no ato da exploração, como o desmatamento¹⁹.

Para ilustrar a fala de Guilherme Alves de Lima Costa, a seguir tem-se uma fotografia da entrada da ARIE. Ressalta-se que esse registro é referente ao mês de janeiro de 2022, momento em que ainda as atividades turísticas encontravam em menor escala²⁰.

Figura 3: Portal da Área de Relevante Interesse Ecológico: Águas de São João



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

18 Após consulta aos moradores do distrito: até onde se sabe, a venda do barro ocorria àqueles que o buscavam como parte do que era usado em busca de alguma cura, algo próximo e complementar ao que era pretendido com as águas.

19 O barro retirado do terreno que circundam as fontes de águas sulfurosas era, principalmente antes da preservação da área, como um elemento para auxiliar na cicatrização e limpeza da pele. Mais detalhes podem ser vistos nesta pequena filmagem disponível no canal Wagneroliveiragoias: <https://www.youtube.com/watch?v=3iBIQU7kiYI&t=37s>

20 No dia em que foram retiradas as fotos (Jan. 2022) o local não aparentava ter algum fluxo de pessoas devido ao descuido. Aparentemente, o fluxo existia mais para fora do que dentro da ARIE.

Para a Entrevistada 1, Santa Bruno de Bastos, mulher, casada, 52 anos:

Bom, acho muito importante como estão preservando lá, sabe por quê? Porque as pessoas vinham, levavam o barro e comercializavam fora. E não era pouco, era em grande quantidade. Então, isso daí, foi bom demais, maravilhoso. Está de parabéns quem fez. (Entrevista concedida 26/03/2022)

Diferente das falas anteriores, ela não vê problemas com a criação da ARIE e as consequentes limitações que sofreram e sofrem os turistas, a população e demais pessoas que pretendem visitar. Sobre o tema, sua fala denotava preocupação e alívio para com os bens naturais, agora protegidos. Ressaltou ainda que, antes, a exploração e a venda do barro ocorriam devido seu uso oferecer resultados próximos aos encontrados nas propriedades das águas. No passado, tanto observado pelo pesquisador, quanto nas entrevistas, um ponto em comum permaneceu: o uso pelos turistas seguia uma espécie de operação de tratamento, onde cobria-se o corpo ou parte dele, e após algum tempo, depois de seco, a pessoa tomava banho nas águas sulfurosas e removia da pele o barro.

A Entrevistada 6, Maria Guimarães Dutra, mulher, 77 anos, casada, apresenta outra abordagem em sua explicação. Segundo ela, a demarcação das terras como uma Área de Relevante Interesse Ecológico não trouxe benefícios ao distrito. Sua fala passa por dois momentos, primeiro, faz apontamentos sobre a quantidade de funcionários responsáveis por cuidar do local e a ineficiência, observados o zelo e a estrutura disponível²¹; segundo, mais emotivo, relacionado a distância que esse rompimento provocou, principalmente, na população mais idosa²². O caminho a ser percorrido não é de fácil acesso às pessoas idosas, devido à presença de folhas, pequenos gravetos em decomposição e das pedras. Seguir o caminho em veículo automotor por exemplo, era uma das formas que tornava possível o acesso à parte da população.

O Entrevistado 2, Renato de Bastos Teixeira, homem, casado, 35 anos, considera importante a preservação do local, e explica que no passado aqueles arredores eram desmatados visando os trabalhos agropastoris. Sua fala acentua a importância da preservação enquanto

21 Ressalta-se: a entrevistada não problematiza o serviço, apenas faz uma reflexão na qual sobressai uma crítica maior que leva em conta a quantidade de funcionários para a estrutura básica que é colocada para fiscalização.

22 Entende-se que nessa parte que também é abordada por outras pessoas do distrito caberia um outro momento de reflexão que apresentasse as aproximações e distanciamentos entre população-município, no que tange às leis e disposição do bem para usufruto de sua população.

destaca que a formação vegetal do local “parece árvore de Mata Atlântica...” (Entrevista concedida em: 16/04/2022). Essa parte gera uma percepção interessante: ao longo de sua fala ele demonstra ceticismo quanto a qualquer visão que se relacione com aspecto místico, contudo, as diferenças no tamanho e formato das árvores, e, principalmente, o fato de estarem localizadas próximas às minas de águas sulfurosas, povoam e aguçam a sua curiosidade.

Tratando de compreender o que aguça a percepção da população sobre as relações entre a paisagem e o imaginário, podemos então buscar uma explicação para a questão. Pode-se perceber as características da vegetação da seguinte forma: “O Cerradão apresenta dossel contínuo e cobertura arbórea que pode oscilar de 50 % a 90% (...), sendo maior na estação chuvosa e menor na seca. A altura média do estrato arbóreo varia de 8 m a 15 m (...)” (SANO; ALMEIDA; RIBEIRO, 2008, p. 172).

Figura 4: Cerradão

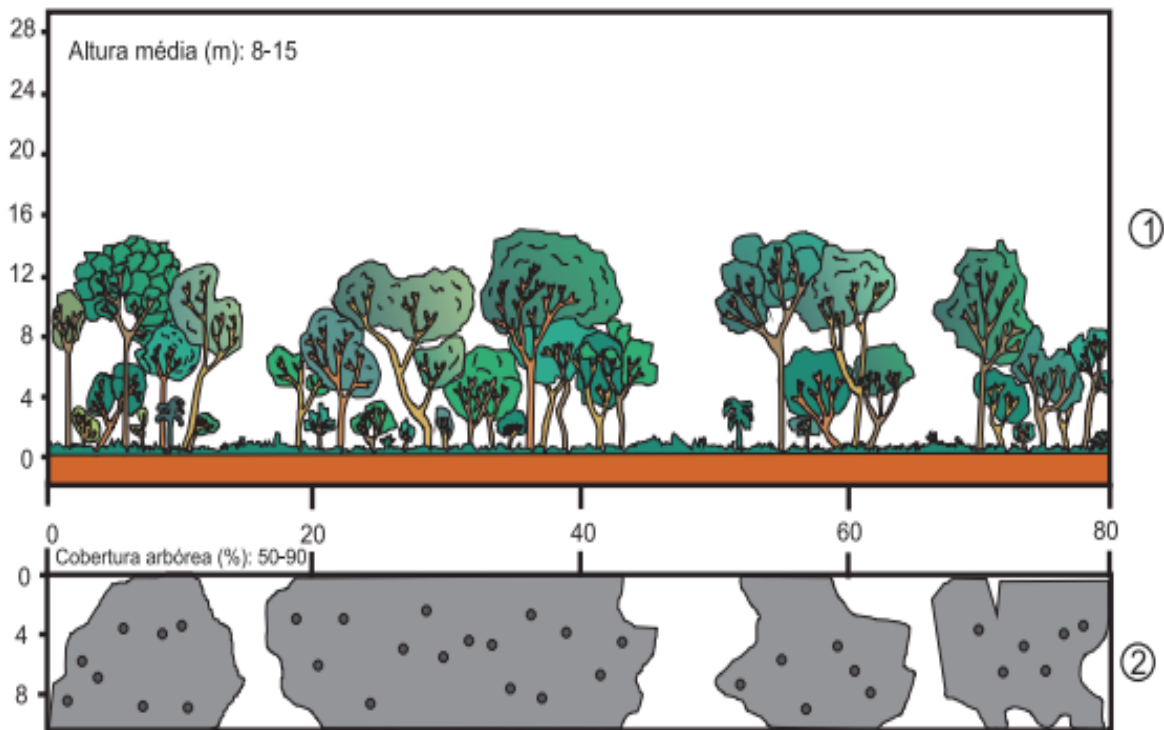


Fig. 7. Diagrama de perfil (1) e cobertura arbórea (2) de um Cerradão representando uma faixa de 80 m de comprimento por 10 m de largura.

Fonte: Cerrado: ecologia e flora (2008).

Os entrevistados entendem que criação da ARIE é importante para auxiliar na preservação do local demarcado, no entanto, mesmo em acordo com o ato de preservar, fica evidente que o cuidado promove a limitação do fluxo de pessoas pelo local, gerando uma ruptura das práticas do passado, tais como a visitação do espaço para uso dos banheiros e banhos

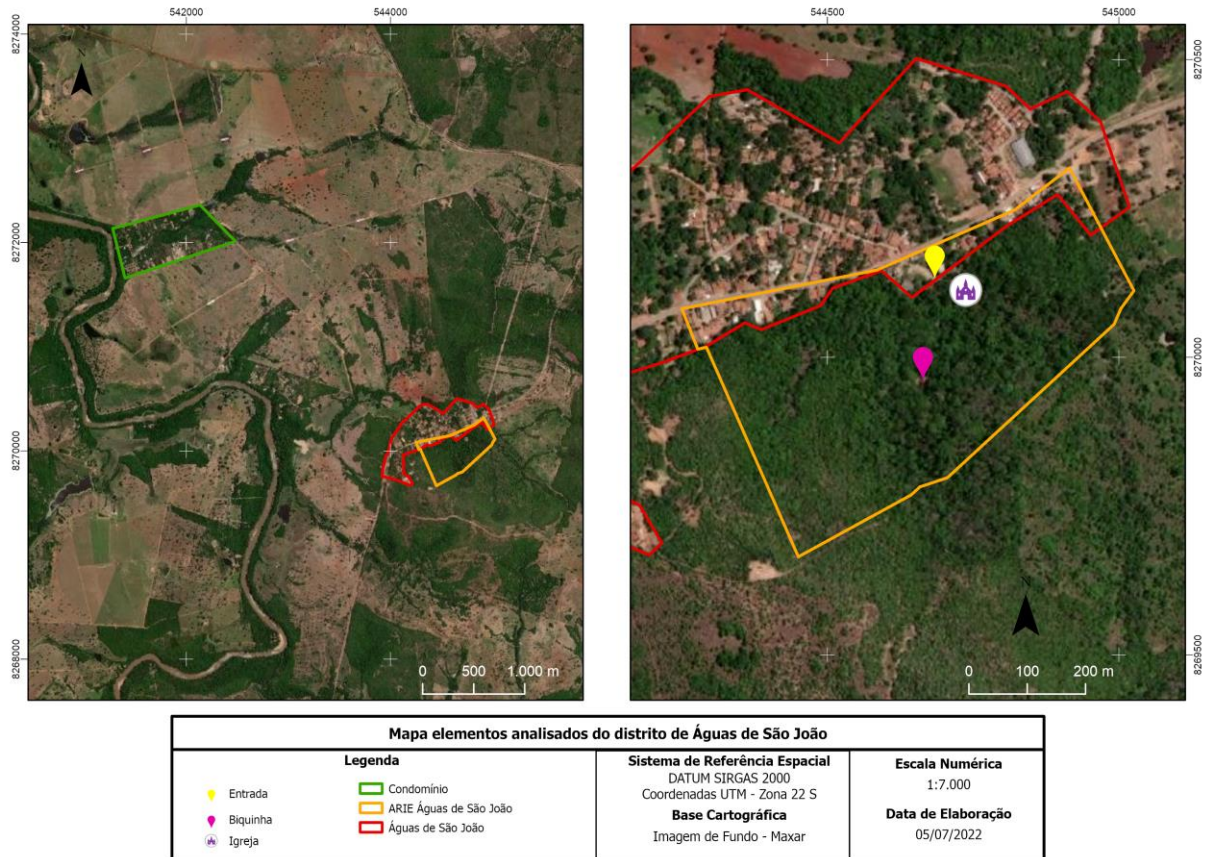
com águas sulfurosas e, no geral, a quebra de uma socialização que se dava no local devido a calmaria.

Outro ponto que atrai o fluxo de turistas e moradores para os arredores é o Condomínio Paraíso Rio Vermelho que fica cerca de 2 km afastado do distrito. Durante o trabalho de campo, no ano de 2022 foi possível perceber que não se trata de um local com construções homogêneas. É um espaço territorial marcado por construções feitas e em andamento. Ainda não existem estradas pavimentadas e, na maior parte, os limites entre cada residência é básico (cerca de arame, liso e farpado) o que gera uma sensação de tranquilidade e maior contato com a natureza (nele foram feitas adaptações por onde passa o rio, de forma que os moradores usam o espaço para promover piqueniques, churrascos e mesmo colocar som automotivo durante a estadia).

De acordo com os entrevistados, a construção do condomínio não promoveu mudanças de grande impacto ao distrito. Ele é visto como um local destinado ao descanso. De acordo com as falas, entende-se que as pessoas que ali habitam não estão em contato direto com o distrito, recorrendo a ele apenas quando necessitam de algum serviço básico (compras, por exemplo). Abaixo pode ser vista sua distância da zona urbana de Águas de São João e a localização de cada um dos elementos elencados até o momento²³:

23 A princípio menções ao Condomínio não seriam expostas, uma vez que ele não está diretamente relacionado à pesquisa. No entanto, entendemos que ao menos uma breve descrição e sua localização seria positivo e agregaria ao conhecimento do leitor.

Figura 5: Localização do distrito, capela, minas de água e Condomínio



Fonte: Pequi Mapas, 2022.

Cada um dos elementos abordados, das minas de águas sulfurosas até a capela, é percebido numa relação simbólica e estruturante para a história do distrito. Ora, relacionados com o surgimento, movimentação e pequenos agrupamentos, até a formação do distrito (caso das águas sulfurosas); ora, como marco referencial do local enquanto espaço festivo (construção da Capela e, anualmente, realização das festividades em homenagem ao santo padroeiro) e consolidação da prática e da fé cristã.

Nessa relação entre a existência de bens, a formação de narrativas e a perpetuação da memória, percebe-se uma linha de identificação e percepção entre os moradores do distrito de Águas de São João. Cada uma das abordagens deve ser pensada numa perspectiva maior considerando a constituição identitária do local que, segundo Pesavento (1993, p. 384), pode ser entendida como “(...) uma base de coesão social, uma corrente de identificações”.

Dentre todos os bens que podem ser pensados em Águas de São João é evidente que as águas possuem maior destaque, uma vez que grande parte das narrativas analisadas convergem para esse tema. Elas circundam o distrito geográfica e imaginariamente, uma vez que não se

trata apenas de seu aspecto visual, mas sensorial. Dialogando com Bachelard (1997), aproximamos do conceito de imaginação material que pode ser visto como uma forma/abordagem que visam romper com as limitações da visão. Nas palavras de Bento (2010, p. 69), “contém uma crítica dirigida à hegemonia da percepção visual”.

Os bens do distrito não devem ser entendidos, apenas, numa dimensão da imagem contemplativa, como aborda Bachelard (1997). A mera observação pode escamotear o simbolismo que eles emanam e como estão presentes na vivência do grupo. Águas de São João encontra-se num emaranhado de córregos e rios, dando aos locais uma mescla entre o lazer e o sustento. Os rios estão tanto para o lazer quanto para o labor. Para melhor compreender o simbolismo em torno dos bens locais e da água será desenvolvida, no próximo tópico, uma análise que explora do ponto de vista histórico esse elemento e como, considerando tempo e lugar, as pessoas faziam uso.

1.2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O SIMBOLISMO DA ÁGUA

Desde o nascimento, as pessoas estão em contato com a água. Nas memórias da infância não é incomum se lembrar dos banhos, do momento de lazer nos rios e córregos. Já na escola, dificilmente o professor deixará de dizer que uma civilização não utilizou dos benefícios das águas em sua formação. Em casa, esse elemento se faz fundamental em tudo o que está relacionado à limpeza, higiene e alimentação. Este tópico pretende apresentar alguns elementos que mostram as águas para além de sua condição e propriedades químicas, seguirão explorações no campo do simbolismo e imaginário, uma vez que, conforme Cunha (2000), as águas estão para a natureza como para a cultura.

Segundo Lazzerini e Bonotto (2014), as águas estão presentes na dinâmica de toda sociedade e ao longo da história não é incomum notar o florescer de agrupamentos humanos nos entornos de cursos de rios, lagoas e fontes. Não apenas para o desenvolvimento econômico e social, mas de acordo com os autores, esse elemento se faz constante na construção de muitas abordagens e simbolismo de povos distintos²⁴. Acrescentam que não só as águas, mas os locais onde são buscadas encontram-se marcados por diferentes narrativas nas quais sua importância é ressaltada. Os locais são entendidos como pontos de contato entre o mundo humano e o

24 Agregando à reflexão, Ribeiro (2003) expõe que tanto no Egito quanto na Mesopotâmia as águas estão relacionadas com o tema das Cosmogonias. Não se trata apenas do bem natural, mas de um elemento que dá origem a vida e as relações que dali decorrem.

sagrado. Além disso, como consequência da devoção, crença e fé, podem promover fluxo de pessoas que para lá se deslocam em busca do sagrado.

Além da relação com diferentes povos e culturas, as águas também podem ser encontradas em diferentes escritos religiosos²⁵. Inês de França Bento, na relação da água e das religiões, ressalta que: “Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação”. (BENTO, 1998, p. 31). No entanto, se por um lado está relacionada às ideias de salvação e purificação, por outro, está, também, relacionada a morte e medo²⁶.

Goedert (2004), corroborando com a autora, faz a seguinte observação, na relação das águas com o cristianismo:

A Bíblia põe em evidência o sentido e a importância da água para o homem, e ressalta seu simbolismo na história da salvação. O nascimento do cosmos é descrito como uma imensidão líquida sobre a qual paira o Espírito de Deus (ruah) para criar as condições para a vida (Gn 1,2). A ação do Espírito transforma as águas em fontes de vida. (GOEDERT, 2004, p. 80)

Em exemplos pré-cristãos e cristãos observam-se alguns elementos semelhantes: primeiro, as águas estão ligadas a história da humanidade tanto nas necessidades básicas da sobrevivência quanto em sua presença nas narrativas o que demonstram explícita aproximação com o sagrado. Elas proporcionam aos seres humanos tanto a ideia de salvação, purificação e vida quanto a de medo, terror e morte.

Conforme a bibliografia levantada, o uso das águas em prol de uma cura ou para se purificar, seja qual for o outro objetivo, não é feito sem que haja na pessoa a fé nesse elemento. Fica perceptível que o simbolismo sobre as águas leva as pessoas a fazerem usos do elemento, e a acreditarem em aproximações com o sagrado e que, nessa dinâmica, promovem a formação

25 Corroboram com a autora: Edgard Leite (2004), as águas são vistas nas tradições judaicas normalmente relacionadas ao momento da criação, entretanto, já existente após Deus criar o céu e a terra; aos hindus: as Águas estão relacionadas ao princípio feminino matriz da criação. Para o islamismo: segundo Bruni (1993), as águas também são referentes referente à vida, Deus faz descer do céu uma água que dá abundância a terra.

26 De acordo com Cunha (2000), as águas nem sempre são vistas apenas positivamente, estão associados os medos provenientes da Renascença, medo, morte e incerteza ficam relacionados aos mares; os medos da água. Na Bíblia algumas passagens mostram essa outra abordagem sobre as águas: em Gênesis, as águas são abordadas no dilúvio; em Salmos, existem referências à momentos de tormentas e tempestades; em Jó, relacionadas a ondas de desespero e pavor; em Apocalipse, águas amargas, relacionadas a morte e destruição. Mais exemplos: <<https://www.bibliaon.com/aguas/>>

de tradições sobre seus usos e benefícios²⁷.

Eliade (2008) em sua obra, o *Tratado de História da Religião*, aborda a dimensão sagrada que possuem as águas lançando mão de exemplos, tempos e espaços distintos, dentre os quais é perceptível que esse elemento está relacionado com o renascimento, purificação, vida, redenção dos pecados, dentre tantos outros:

A esta multivalência religiosa da água correspondem, na história, numerosos cultos e ritos concentrados à volta de fontes, rios e riachos. Cultos que se devem, em primeiro lugar ao valor sagrado que a água incorpora em si, como elemento cosmogônico, mas também à epifania local, manifestação da presença sagrada em certos cursos de água ou em certa fonte. (ELIADE, 2008, p. 162)

Ao longo de suas escritas o autor faz com que seja percebido que o simbolismo criado em torno desse elemento desenvolve tamanha influência, aceitação e força na figura de seus seguidores a ponto de se tornar uma forma de resistência. Segundo o mesmo autor: “o culto das águas acabou por ser tolerado pelo cristianismo, depois das perseguições infrutíferas da Idade Média.” (ELIADE, 2008, p. 163). Aqui cabe uma ressalva: como é feita uma referência a Idade Média deve-se levar em conta que nesse contexto havia forte intolerância com qualquer outra forma ou entidade que não Deus. Perceber o fortalecimento desses movimentos mostram a força da fé e da crença dos indivíduos nesse elemento e nas relações místicas e religiosas que a ele estão associados.

Um exemplo que traz elementos de simbolismo sobre o elemento água e a formação de um imaginário pode ser percebida no Lago Saint-Andéol, Montes Aubrac, na França. Conforme apresenta Eliade (2008), ele é um bom exemplo para se pensar de forma prática e real a ação cristã diante a adoração das Águas por um grupo de pessoas. A devoção a esse elemento ocorria, nesse local, mediante a realização de festas que duravam cerca de três dias recebendo pessoas que chegavam em carroças e permaneciam em volta do lago.

levavam, em sinal de oferenda, roupas brancas, peças de vestuário, lãs, queijos, bolos, etc. No quarto dia levantou-se grande tempestade seguida de chuva (tratava-se, evidentemente, de um rito bárbaro para conjurar a chuva). Um padre, Parthenius, depois de ter tentado, em vão, convencer os camponeses a renunciarem a este cerimonial pagão, construiu uma igreja, para a qual os homens acabaram por levar as oferendas destinadas ao lago. No

²⁷ O interessante dessa reflexão é que ficou exposta nas entrevistas feitas no distrito de Águas de São João. Alguns mencionavam que a água faz milagre se você acredita no milagre.

entanto, o hábito de jogar na água do lago objetos usados e bolos conservou-se até o século XIX: os peregrinos lançavam ao lago camisas e calças, sem compreenderem o sentido desses atos. (ELIADE, 2008, p. 163)

A presença de pessoas no local podia ser vista com insatisfação por parte da tradição cristã, fazendo essa prática ser vista como uma ideia de paganismo. A adoração seguia, independentemente, da posição cristã da época. Fica subentendido, então, que mediante não concordância com a realização desses rituais, ocorre uma espécie de ajuste no local, uma forma de fazer com que duas tradições passem a dividir a mesma localidade. De um lado, a existência do lago e suas águas; do outro, a construção da Igreja que passa a ser o local em que se destinam os objetos que antes seriam jogados nas águas do lago, como formas de oferendas.

Figura 6: Lago Saint-Andéol



Fonte: Survol de France, 2022. ²⁸

28 Imagem disponível no site: https://survoldefrance.fr/affichage2.php?&coordonneesGPS=44+37+08+N+03+04+53+E&f=0&img=4170&prev_suiv_link=1 Acessado em: 01 de julho de 2022.

No exemplo apresentado por Eliade (2008), a construção de uma igreja próximo à localização do lago onde eram realizadas as peregrinações, pode ser vista por alguma pessoa como normal sem que houvesse nenhuma contestação. No entanto, a medida tomada serve como uma maneira de frear a adoração dos peregrinos, o que cada vez mais tendia a exaltar a condição de sacralidade do lago. A partir de então, pode-se dizer que, nesse local passam a existir dois polos de simbolismo distinto, um com a extensão das práticas e rituais cristãos e, outro, ao que se considera como práticas pagãs, e mais, há uma possibilidade de convívio e assimilação de ambas as práticas como uma única forma identitária daquela região.

Corroborando e dando profundidade a especificação do que se compreende por paganismo, pode-se considerar a seguinte explicação:

o paganismo é um movimento religioso contemporâneo, que acredita nos deuses antigos, sendo a natureza sacralizada e cultuada em ritos sazonais, com adaptações para a vida na sociedade moderna. Buscam a inspiração e reconstrução das antigas religiões pré-cristãs europeias e/ou das tradições indígenas do país e origem dos praticantes. (BEZERRA, 2019, p. 16-17)

De acordo com as análises de Bezerra (2019), entende-se que as práticas ritualísticas não institucionalizadas pela Igreja estão na categoria do não sagrado. Essas, por sua vez, vinculam-se às práticas entendidas como naturais, voltadas a adoração e contemplação da natureza. Outra reflexão sobre essa relação pode ser vista da seguinte forma: “O sagrado opõe-se ao profano de maneira bem definida, pois o primeiro marca a vivência religiosa do homem, enquanto o segundo afasta-o da sacralidade que os crentes almejam no momento em que buscam os seres dessa natureza para pedir auxílio.” (SILVA, 2018, p. 30).

A Igreja não rouba o espaço e nem o simbolismo construído em torno do lago, mas passa a deslocar parte dos rituais de adoração dos peregrinos, se antes eram arremessados alguns objetos de uso pessoal nas águas, agora passariam a ser guardados dentro da Igreja. O espaço que era tido como marca a existência do Lago Saint-Andéol e, por consequência das práticas de adoração, agora passa a ser dividido com a experiência e influência cristã.

No exemplo dado pelo autor não houve uma forma direta de embate, mas o ato de se instalar uma igreja nas proximidades do lago soou como uma confrontação simbólica. Isso permite algumas reflexões: primeiro, que os movimentos populares ganham força de tal modo que não se torna benéfico, mesmo para a Igreja, um confronto questionando as tradições locais; segundo, conforme exposto em Eliade (2008), percebe-se que esses movimentos são fortes e duradouros, uma vez que até por volta do século XIX as pessoas ainda lançavam objetos pessoais no lago, mesmo desconhecendo a importância ou motivo da realização de tal ato.

Os exemplos apresentados por Eliade (2008) nos lança rumo aos estudos do conceito de imaginário. Partindo do caso do Lago Saint-Andéol, um costume comum no passado (arremesso de objeto em suas águas) sofreu alterações em sua execução (passaria a ser depositados dentro da igreja construída próximo ao lago), isso não fez com que se desaparecesse os motivos em sua realização, afinal, essa prática resistiu até o século XIX. A resistência de determinado ato ocorre por meio da constituição do imaginário sobre determinado evento²⁹. A dinâmica que marca a relação entre o sagrado e o profano, as construções e as configurações sobre o espaço criando lugares dotados de sentidos e relações simbólicas ajudam a dar solidez às tradições, comportamentos, relações sociais e até estruturais que permitem adentrar no entendimento do conceito de imaginário.

De acordo com Durand (2002, p. 13) “entende-se por “imaginário”, tanto o museu de todas as imagens passadas ou possíveis quanto os procedimentos, mentais como materiais, de produzir imagens”. Dessa forma, destaca-se que a produção de sentido e do entendimento humano da realidade que vive faz parte da dinâmica do imaginário. O olhar está na relação homem-mundo, não numa ação abstrata sem consonância com o social. Refletir sobre esse conceito permite, entender com base no mesmo autor, uma espécie de compreensão de dinâmica entre a vida social e cultura.

Tomando como lócus da reflexão o conceito de imaginário, exploram-se as posturas e comportamentos humanos, em outras palavras, explora-se o meio social. Nesse sentido, aproximar essa reflexão com as ponderações sobre o simbolismo em torno do elemento água permite ao leitor ter em mente que tais sistemas de compreensão extrapolam os limites do físico e se mostram numa perspectiva abstrata/sentimental que além de conferir sentido, fortalecem os laços entre as pessoas que vivem no local, bem como as que ali frequentam em busca de usos ou mesmo curiosidade sobre as águas sulfurosas.

Entre milagrosa e normal, não se busca categorizar a água para entendê-la. A riqueza que se entende na pesquisa consiste em compreender a coexistência num local de distintas percepções sobre esse elemento. Recorrer ao exemplo analisado por Eliade (2008) serviu de criação de um quadro comparativo, guardadas todas as proporções, em que não é impossível a associação entre decisões que também foram tomadas em Águas de São João. O fluxo das

29 Segundo Andrade, Maciel e Dias (2006, p. 364) “O imaginário, por sua vez, nos remete ao processo de formação do símbolo e das preservações das memórias coletivas”.

memórias, costumes e simbolismo propiciaram a criação do imaginário local que marca a importância as águas para um grupo de pessoas, novamente ressaltando, nos dois casos.

Lago Saint-Andéol e Águas de São João trazem exemplos de como um grupo de pessoas conseguem lidar com a coexistência de duas tradições, como o imaginário social consegue promover a coexistência dos distintos elementos e suas lógicas próprias de forma que não se perceba conflitos e instaurações de relações de poder opressivas, mas formas de se interagir, ora aproximando, ora distanciando.

Os sentimentos de fé e esperança, tal como são ressaltados ao longo das reflexões, passam a ser vistos como projeções centrais na dinamização e na potencialização do imaginário social (e até fortalecedores destes). No decorrer do próximo subtópico, o foco será dado ao simbolismo construído em torno das águas sulfurosas do distrito Águas de São João, explorando as narrativas e o imaginário local.

1.3 AS MINAS DE ÁGUAS SULFUROSAS: NARRATIVAS E IMAGINÁRIO LOCAIS

O simbolismo existente no distrito de Águas de São João não está totalmente documentado em trabalhos acadêmicos³⁰, ele existe por meio das relações sociais construídas no local, entre os moradores, turistas que por ali passaram e conheceram as águas. De forma significativa, o turismo e a coletividade do distrito são elementos conferidores do tônus de renovação e resistência desse imaginário que fornece significado a cosmovisão local, seja pela passagem do tempo e suas mudanças de perspectivas ou seja pela mobilidade de pessoas na construção dos espaços ali existentes. Se sustenta na coexistência de diferentes abordagens, sejam elas documentais (jornais) e/ou pela comunicação, elemento potencializador nas reflexões do imaginário. Nesse sentido, tem-se uma construção de imagens produzidas pelo ser humano, Durand (2002). Nesse sentido, o ato da construção pode potencializar e disseminar para além as narrativas que, como consequência, darão ainda mais forças aos elementos e crenças.

Os saberes e histórias locais estão inseridos no imaginário construído pelos moradores, bem como pelos que por ali passam. Para melhor compreender a construção dessa coletividade, buscou-se por meio da memória da população transeunte, turistas e demais membros da

30 Com base em levantamento bibliográfico, pode-se mencionar trabalhos que direta e indiretamente exploram elementos do simbolismo do distrito: Dallys Dantas de Souza (2014); Márcio Nunes de Oliveira (2003); Monteiro et al (2016).

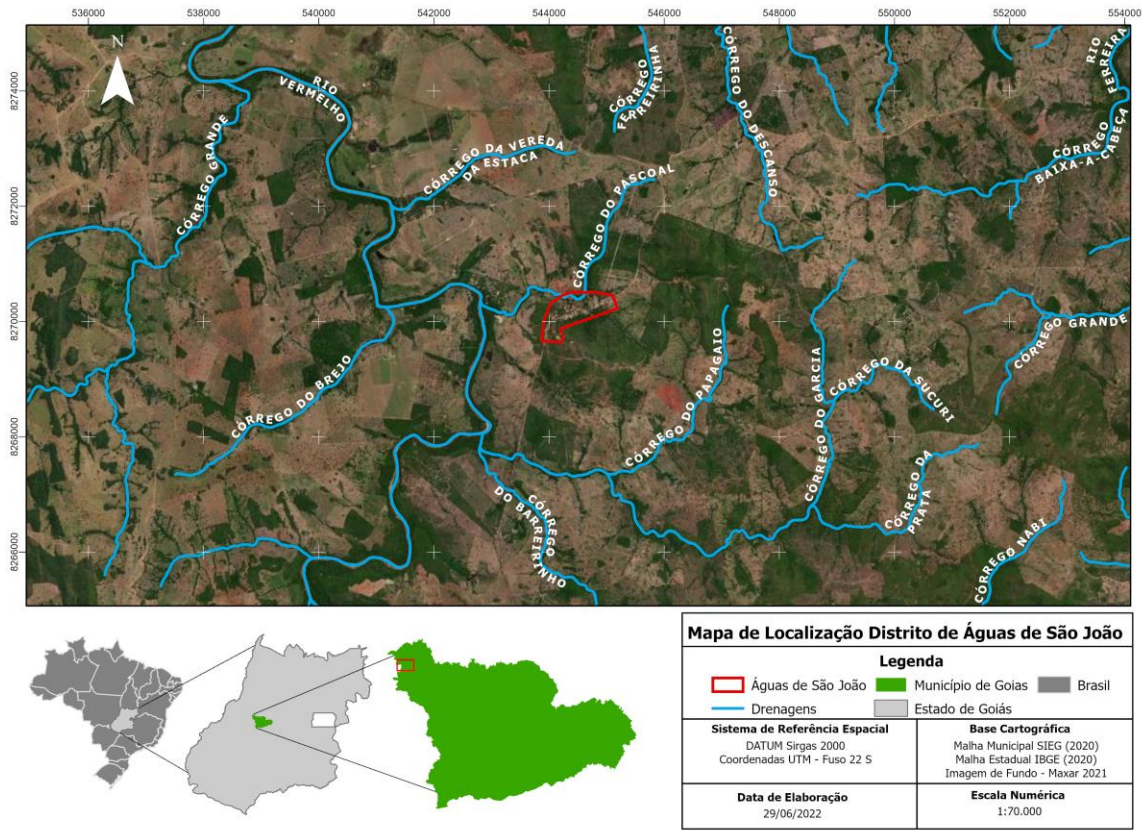
comunidade local, as evidências que pudessem corroborar e, ao mesmo tempo, dar maior solidez. Este tópico lida com abordagens documentais, as disponíveis, tal como a oralidade, que aqui assumem um papel de matéria-prima relacionada à historicidade do distrito.

Segundo Maurice Halbwachs (2006, p. 29) “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação (...)”. A falta de outros documentos que viessem a complementar a história local abriu caminho para se explorar as dimensões das memórias nas narrativas colhidas, essas permitiram maior solidez ao passado de Águas de São João, bem como compreender a construção e formação do imaginário em torno das águas e dos ocorridos locais, uma vez que “O imaginário é o conectivo entre a memória coletiva, as representações das imagens e a identidade cultural. É a partir do imaginário que questionamos os processos de formação sócio-culturais”. (ANDRADE; MACIEL; DIAS, 2006, p. 363).

Essas memórias oferecem a quem as ouvem um conjunto de saberes que se localizam num tempo e espaço, mas não apenas. Elas, como diz Ecléa Bosi, “são o mapa afetivo de sua experiência e de sua experiência com o grupo (...)” (BOSI, 2003, p. 56). São essas memórias que permitirão compreender parte das dinâmicas locais, as mudanças e articulações da comunidade para com seus bens. Deve-se destacar que elas são permeadas entre as lembranças e aquelas que são marcadas por aspectos de sentimentalidade, vínculos, pertencimento e respeito.

Geograficamente, Águas de São João é circundado por águas, conforme apresentado no mapa da figura 7, sendo possível notar a presença do Rio Vermelho, principal rio da região (Bacia Hidrográfica do Rio Vermelho) e importante afluente do rio Araguaia, e demais córregos:

Figura 7: Identificação de Rios e Córregos no entorno de Águas de São João



Fonte: Pequii Mapas, 2022.

As águas estão para o distrito assim como as águas sulfurosas estão para os sentimentos de fé e esperança. Se são constantes no desenrolar de suas vidas, isso vem a corroborar com as análises de Durand (2002) nas quais fica evidente que nossa concepção do real é constituída por meio de nossas percepções de como é/está o meio em que vivemos. Qual a relação podemos inferir da abordagem do autor para com as narrativas que foram colhidas? Não há dúvidas de que as águas sulfurosas passaram a constituir-se como uma das pilastras de organização e relevância de todo o distrito. Não a única, mas uma das que podem proporcionar movimentação relacionada à fé e ao turismo.

Se anteriormente as águas foram pensadas em sua dimensão simbólica, numa abordagem historiográfica, agora, no distrito será possível perceber que a situação não é tão distinta. A presença de rios e córregos apresentam duas visões para o uso do elemento água, tanto para o lazer quanto para o trabalho. Atividades comuns como a pesca, por exemplo, que por vezes pode ser associada aos fins de semana, passam a compor o espaço de trabalho para algumas pessoas. Conforme o Entrevistado 2, *Renato de Bastos Teixeira*:

Mas, o que mais fiz mesmo foi pescar. Sair com tio Tiago, acordava 4h da manhã, subia o rio, pela estrada dava 5 km, pelo rio ia batendo canoa e subindo. Ai, esperava, na hora que dava 10h da manhã, já estava na casa da minha vó para almoçar. Dava 6 horas e voltava pondo espinhel, caçando para ver se tinha pescado algum peixe. Isso, eu tinha 11, 12 anos. (Entrevista concedida em: 16/04/2022).

Das águas provem a diversão, o descanso, o trabalho e a alimentação. Numa fala permeada por um aspecto nostálgico, a entrevistada 1, *Santa Bruno de Bastos*, faz uma simples exposição que apresenta conexões desse elemento com o passado, a família e ao sentimentalismo envolto no local: “Sinto muita falta da minha vó. Era tão bom quando a gente chegava lá e ela já estava esperando a gente com molho de mandi³¹ com açafraão.” Após, quando questionado se a pesca era importante, a entrevistada sintetiza o passado e presente numa frase simples e direta: “Era e é.” (Entrevista concedida em: 26/03/2022). Aos poucos o que passa a ficar evidente é que a pesca além de ser importante para o complemento da renda de uma família, por exemplo, pode vir a proporcionar a alimentação da mesma³².

Se os rios e suas águas são marcas afetivas presentes nas falas dos entrevistados levando-os a pensarem em suas infâncias, relações de trabalho, conexão com pessoas e alimentação, como poderemos pensar a dimensão social, simbólica e emotiva na relação das pessoas com as águas sulfurosas, estas sendo carregadas de narrativas sobre a tradição, os milagres e as curas? As reflexões e apontamentos que seguem visam a reconstrução do contexto histórico do distrito, a fim de compreender a formação do simbolismo e do imaginário local. Nesse sentido se faz preciso considerar a seguinte ideia: numa abordagem sobre Durand, de acordo com Andrade, Maciel e Dias (2006) “o imaginário é uma construção psicológica que envolve o sujeito, sua interação com o meio, com outrem e o modo como esse sujeito forma e cristaliza os processos mentais.”

Dantas (2014) aponta que São João é antiga, existindo provavelmente desde os anos de 1920. Como se pode deduzir, as minas de águas sulfurosas também já existiam, apenas não

31 Tipo de peixe de água doce. “*Pimelodus maculatus* - Conhecido como mandi-amarelo ou mandijuba, é um bagre amplamente distribuído nas bacias de rios sul-americanos. É um peixe de porte médio e coloração amarelada com manchas castanhas distribuídas por todo corpo. A espécie habita preferencialmente o fundo dos rios, possui dieta variada, constituída por larvas de insetos, algas, peixes, fragmentos de vegetais e até moluscos como o mexilhão dourado”. Fonte: <https://www.pisciculturapanama.com.br/especies/especies-nativas/mandi>.

32 **Um acréscimo pessoal:** ao longo da minha infância muitas vezes, entre finais de semana e férias, meus tios acampavam na ‘beirada’ dos rios durante dias. O intuito era a pesca para a venda (o principal) além de poder complementar a alimentação e festividades do fim de ano.

eram conhecidas fora daquela localidade como são hoje. Sua descoberta passa por relatos que existem na tradição local, alguns desses podem ser observados nas pesquisas de Oliveira (2003), Dantas (2014) e Monteiro *et al* (2016). Um deles está relacionado a um Frei chamado Manoel que, de passagem pela localidade, sente sede e deslocando até a fonte que lhe é indicada percebe a peculiaridade da água.

Com base nas análises de Durand (2002), o imaginário é formado na conexão do ser humano com o meio em que vive. Entendendo essa reflexão no contexto da pesquisa, sobre o distrito de Águas de São João, pode-se deduzir que o simbolismo presente no local fora construído de acordo com a trajetória anterior a sua formação distrital, bem como as que se deram posteriormente. Paulatinamente, as narrativas apresentadas, bem como as pesquisas consultadas, tendem a apresentar essa relação humano-ambiente nas descrições do distrito (assim como nas falas sobre suas origens).

Abaixo é exposto um episódio situado espacialmente (considera-se que algumas narrativas não são precisas temporalmente), não há registro de quando ocorreu, existindo apenas pela força da tradição local pela qual tais relatos cruzam as gerações:

a história de um fazendeiro que sofria de lepra e foi isolado por seus familiares e amigos. Ao se distanciar da sociedade para morrer, moscas varejeiras pousaram em seu corpo e ele rolou na lama a fim de diminuir a coceira. Graças às propriedades curativas da água, ele voltou a ser saudável e contou aos demais sobre o milagre. (MONTEIRO *et al*, 2016, p. 110)

Tendo em vistas as narrativas analisadas foi possível perceber que o descobrimento das águas vem, em passos curtos, com os casos de curas e milagres, eles não estão desassociados. E, deve-se ressaltar que, os casos não são restritos apenas aos seres humanos, o mesmo autor apresenta outro caso, também relacionado a cura, mas de um cavalo abandonado para morrer próximo a uma fonte, onde tempos depois seu dono passando pelo local encontra o animal forte e saudável (MONTEIRO *et al*, 2016).

Narrativas como essas estão cristalizadas nas memórias e, como consequência, são elementos da base do imaginário social. Até o momento, todas as entrevistas realizadas com pessoas de diferentes idades e sexo, os relatos de curas/milagres são conhecidos e mencionados. Independente da crença, o fato é que são contados e passam a se constituir na memória coletiva do local³³. Mas elas não se restringem apenas ao local, ultrapassam seus limites geográficos e

33 As exposições de Michel Pollak (1992) sobre a Memória por tabela fazem muito sentido nessa pesquisa sobre o distrito de Águas de São João, uma vez que muitos fatos ocorridos não foram presenciados, mas passados

chegam em outras cidades, principalmente para aqueles que carecem de algum tratamento ou esperam algum milagre. Os relatos do passado expostos no presente tornam-se as motivações e inter-relações pelas quais caminham as pessoas até o distrito.

Não se pode negar que existe uma narrativa local, nesse sentido explora-se seu caráter coletivo, composta por diferentes casos de milagres e curas desde antes da formação distrital até o presente. O imaginário local, tal como explora Durand (2002), se estrutura numa relação das pessoas com seus bens, e conseqüentemente, estruturam novas relações ao interagirem com pessoas diferentes aos costumes locais. Águas de São João tornou-se atrativo turístico cujas motivações principais são a crença nos milagres e/ou na busca por alternativas medicinais.

Quando se propõe analisar o imaginário no distrito de Águas de São João não se pretende uma abordagem abstrata que negligencie a interação e percepção dos que ali vivem. Com base em Durand (2002) entendemos que a constituição imaginária da sociedade não exclui as pessoas, pois é decorrente dessas e das experimentações para com o local em que vivem. Nesse sentido, a repetição de um determinado acontecimento (datado ou não), a existência e manutenção de discursos que conferem legitimidade a ação ou acontecimento promovem o fortalecimento de padrões sociais. Quando se pensa em similaridades, ainda mais na coletividade de uma condição (formas de pensamento ou ação), passamos a entrar num campo de reflexão que permite a aproximação dos conceitos de imaginário e identidade, uma vez que, com base nas análises de Pesavento (1993) e Baczko (1985), a força do imaginário decorre, também, da mobilização dos discursos e sua perpetuação.

A construção do simbolismo em torno das águas sulfurosas do distrito de Águas de São João não ficou a cargo, apenas, das pessoas que ali viveram. A tecnologia foi um fator que conseguiu impulsionar e potencializar notícias do local. No ano de 1934, no Rio de Janeiro, a revista Informação Goyanna³⁴ apresentava um panorama sobre esses elementos e suas possibilidades de usos.

Na primeira publicação foi abordado de forma geral a importância das águas e como sua exploração poderia trazer benefícios para dinamizar a economia local. Para isso trouxe

por seus parentes mais próximos. Sabe-se da dimensão de tal conceito e que o autor não para apenas nele. Percebe-se que suas ponderações demonstram, em alguns pontos, a memória numa reflexão fenomenológica que está próxima das reflexões identitárias.

34 A Revista Informação Goyanna foi criada em 1917 e encerrou em 1935. Maiores detalhes: <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/historia/informacao-goyana-408136/>>

comparações com outros locais do Brasil, tais como Poços de Caldas^{35 36}, em Minas Gerais, como pode ser verificado na figura 8.

A segunda publicação, figura 9, é de autoria de Marechal Eduardo Sócrates. Nela é apresentada uma descrição do local onde foram encontradas as águas: “Baptisaram-na com a denominação de – São João – lugar despovoado outr’ora, onde provisoriamente levantam abrigos” (SÓCRATES, 1934, p. 14). A exposição da revista deixa claro que antes o local não era marcado por forte presença de pessoas, mas que a descoberta das águas proporcionou nova dinâmica ao local: “Já se contam às centenas os enfermos que a têm frequentado com sucesso, colhendo francos e sensíveis benefícios de seu uso, destacando-se entre estes o Revdm. Monsenhor Joaquim Confúcio, restabelecido de antigos padecimentos, que sem aqui encontraram alívio” (SÓCRATES, 1934, p. 14).

35 Para ilustrar outro local e algumas aproximações no que se refere a usos do elemento águas: “As águas termais sulfurosas de Poços de Caldas são referência desde o século 19 na prática de banhos de imersão, nebulização, hidropinia (ingestão) e fisioterapia, empregos que se estendem até hoje em seus balneários. A população da cidade as utiliza inclusive para ingestão sem nenhuma cautela, ignorando a ausência de um controle sistemático sobre suas qualidades bacteriológicas, microbiológicas e químicas”. (NETTO, 2014).

36 Ainda para ampliar o entendimento e relação das águas sulfurosas em Poços de Caldas: “Atualmente em Poços de Caldas já se tem aplicado a água sulfurosa por nebulização aerosol, com excelente resultado, sobretudo na asma alérgica e também nas rinites, sinusites e faringites. Nos seios paranasais e nas afecções nasofaríngeas as nebulizações aerosol por meio das águas termais nascentes dão excelente resultado, precedidas das lavagens nasais da mesma água antes da nebulização aerosol das águas. Os resultados têm sido tão animadores que se cogita de ampliar as instalações para aproveitar a notável ação terapêutica das finíssimas partículas da água sulfurosa pela aerosolização. Em trabalho separado já tratamos do uso das vaporizações para o tratamento da surdez nos casos indicados”. (NETTO, 1955).

Figura 8: Fontes de São João e Santa Barbara

2

INFORMAÇÃO GOYANA

Fontes de São João e Santa Barbara

Por LUIZ MENDES

O Brasil é um Paiz privilegiado em aguas mineraes. A medicina consagra um capitulo de relevancia para os tratamentos internos ou externos pelas aguas, isto é, a Crenotherapia. Os governos de visão administrativa têm dispensado especial cuidado a esta portentosa fonte de renda, cuja exploração official muito tem favorecido e melhorado a situação financeira de várias unidades do Paiz. Com o exemplo de Minas Geraes, o exemplo maximo, com suas numerosas e magnificas cidades, as demais autoridades da Federação deveriam proteger e incentivar as iniciativas tendentes a formação de novas estancias, amparando e auxiliando as empresas que se destinarem á propaganda das fontes hydro mineraes. Poços de Caldas honra o Brasil.

O governo de Minas gastou milhares de contos com sua perfeita adaptação, entretanto, pôde se afirmar, a vantage economica é compensadora. Milhares e milhares de forasteiros, de continuos, visitam a linda cidade. O dinheiro que deixam em circulação é um grande lucro para o Estado. Além de tudo, o turista sempre gasta bastante, porque a classe é de ricos e abastados. Agua mineral. Ficou convenconado no Congresso Brasileiro de Chimica, realizado em Bello Horizonte, em 1922, ser agua mineral "toda aquella que, pelas suas propriedades physicas e chemicas, se afasta de tal modo da média das potaveis, que possam ser usadas com fins therapeuticos, ou como agua de mesa naturalmente gazona".

As aguas de "Santa Barbara" e de "São João", conforme os exames feitos, podem ser consideradas aguas mineraes, com um optimo coefficiente de radio actividade.

São aguas que podem ser indicadas como agente therapeuticos. Na verdade, não são raras as aguas mineraes, conhecidas, cujas propriedades physicas e chemicas ainda são desconhecidas, mas que não deixaram de ser mineraes, visto o effeito therapeutico e as vantagens de ordem higienica das mesmas. Outra cousa não aconteceu com as aguas de "São João", o que veio corroborar com a Escola franceza, que assim pensa, pois estas aguas foram bastante usadas antes dos exames realizados pelo

de nossas riquezas e possibilidades e na defesa dos direitos mais sagrados e dos interesses mais legitimo da terra goyana.

É um precioso repositório de conhecimentos uteis da nossa historia, da nossa geographia e da nossa litteratura, da integralidade dos limites do nosso territorio.

Toda a existencia desse illustrado historiador e cientista se personifica e se transfunde, de corpo e alma, na "Informação Goyana".

Saudando-a, pois, pela passagem de mais um seu glorioso anniversario, nós fazemos "ipso facto" uma justa consagração e registramos mais uma ephemeride do illustre compatriota.

Está ainda em tempo de Goyaz dar o premio que merece a obra gigantesca e inconfundivel do eminente goyano, o valor de sua grandeza, a grandeza de sua extensão e a extensão de seus beneficos.

Rio, 1934.

MARIO CAIADO

Prof. Diogenes Cupertino de Barros, com um alto coefficiente de curas.

As referidas aguas são sulfurosas, radio activas, com gases naturaes. O radio, o thorio, o polonio, o actinio, o uranio são os elementos productores de radio actividade. O exame revelado das aguas de Goyaz não attesta ser a radio actividade de longa ou de curta vida. Supponho, porém, tratar-se de radio actividade de curta vida, porque as propriedades peculiares desaparecem em poucas horas, como cheiro gosto. Não ha perigo de se confundir com emanções do radio ou do thorio, etc., porque o exame encontrou radio actividade. Considera-se agua radio-activa a que tiver 3, 64 M. M. C. (milli-micro-curies), limite minimo estabelecido entre nós para determinação da radio-actividade. A Escola franceza exige 8 para coefficiente minimo. As aguas radio activas tem grande valor, porque influem beneficamente no metabolismo geral, especialmente sobre o metabolismo urico, provocando sua oxidação no organismo de modo mais sensivel. D'ahi sua indicação para os individuos que tenham calculos renaes, gotta, reumathismo, arthitismo. Só podem ser indicadas as aguas, cujo tempo de duração da radio actividade seja conhecido. Fóra d'ahi, sem duvida, desaparece o cunho scientifico. Entretanto, as aguas de vida curta, sem grande prejuizo, podem ser usadas.

A radio actividade das aguas é um forte e poderoso estimulante da funcção ovariana, como das demais glandulas de secreção interna. É um poderoso agente sobre as excitações do systema nervoso sympathico. Foi observado que até as funcções reproductoras se tornam mais activas, mais excitadas. Tem influencia sobre a thiroide. Estimula a hematopojése (formação sanguinea), sendo util no tratamento das anemias e chlorose. A therapeutica do cancer, como ensina a medicina clinica, podendo-se evitar a intervenção cirurgica, é feita com brilhantismo pelo radio, entretanto as aguas radio activas são contra indicadas para os individuos cancerosos, visto serem as emanções estimuladoras das cellulas cancerosas. São as aguas mineraes, como se vê, contra indicadas nos casos de cancer, enquanto este só é curavel com o proprio radio metalico. Mais do que o canceroso, o tuberculoso não pôde fazer uso das aguas mineraes radio activas, porque é grande o seu metabolismo e que seria augmentado e excitado com as propriedades radio activas.

Os individuos com hyperthiroidismo não devem fazer uso das aguas radio activas. Toma-se a agua mineral com o estomago vazio, hora e meia antes das refeições. As aguas de Goyaz, capital, pelas propriedades physicas e pela sua composição chimica, são de alto valor. Estão bem classificadas entre as demais do Paiz. É necessario, agora, que o governo auxilie a propaganda das mesmas, favorecendo as industrias do genero. No proximo numero transcreveremos o resultado obtido pelo Professor de Chimica da Escola de Minas — Ouro Preto — doutor Diogenes Cupertino de Barros, que a convite da Prefeitura da Capital, realizou o exame puramente scientifico das aguas de Santa Barbara, de propriedade particular, de S. João, fonte afastada 14 leguas de Goyaz, a meio caminho de Leopoldina, o mais accessivel porto de Araguaya, ponto certo de escala da Companhia Goyana de Navegação, que faz o serviço entre Goyaz e Belém do Pará.

Figura 9: Águas Sulfurosas em Goyaz

14

INFORMAÇÃO GOYANA

AGUAS SULFUROSAS EM GOYAZ

Telegrammas de Goyaz dão-nos a conhecer sensacionais e milagrosas curas, operadas em enfermos, que allí recorrem á fonte sulfurosa, recentemente descoberta á margem do rio Vermelho, que banha a Capital do Estado, jacente a cerca de 84 kilometros, na estrada que a liga á povoação de Leopoldina.

Baptisaram-na com a denominação de — São João — lugar despovoado outr'ora, onde provisoriamente levantam abrigos.

Já se contam ás centenas os enfermos que a têm frequentado com successo, colhendo francos e sensíveis benefícios de seu uso, destacando-se entre estes o Revdmo. Monsenhor Joaquim Confucio, restabelecido de antigos padecimentos, que nem aqui encontraram allivio.

A bemfazeja agua brota de uma rocha marginal ao rio Vermelho e possui sabor característico, indicativo da presença do enxofre.

Póde ser attingida, a partir desta Capital, em quatro dias de viagem, sendo tres em estrada de ferro.

O viajante que tomar o R. P. 1 (rapido paulista), chega a São Paulo com tempo de alcançar o nocturno para Ribeirão Preto, na estação da Luz.

No segundo dia partirá de rapido para Araguay, que atingirá ás 20,14, allí pernoitando; no terceiro dia, pela "Goyaz", alcançará a estação Leopoldo de Bulhões, onde pernoitará; no quarto dia, tomará o auto e á tarde chegará á fonte.

Além desta, conheço de *visu* uma outra fonte tambem sulfurosa, á margem do ribeirão Salobra, na estrada da Capital a Registro do Araguaya.

Quando em 1890, exercei o cargo de engenheiro ajudante da Comissão Constructora da Linha Telegraphica para Matto Grosso, visitei uma fonte que nosso vaqueano e encarregado do transporte do material nos informára ser uma optima *espera*, pois as caças a frequentavam assiduamente.

Visitei-a sem demora e então comprehendí tratar-se de agua mineral de primeira qualidade, possuindo virtudes therapeuticas.

Jaz á margem direita do ribeirão Salobra.

O leito deste corre sobre rocha diabásica, possuindo suas aguas pronunciado sabor salino e propriedades purgativas.

O nosso acampamento allí não se pôde manter, em consequência dos disturbios intestinaes por ella causados no pessoal.

A fonte é formada por jactos intermitentes e surgo de uma fenda da rocha.

Tomei do copo de que me havia munido, enchi-o e sorvi a agua, tomando-lhe o sabôr.

O primeiro sorvo deixou-me a impressão de beber agua assucarada, mas para logo senti forte sabôr de enxofre, devido ao gaz sulfidrico que a torna intragavel.

A circumstancia de ser procurada pelas caças está explicada pela sua acção benéfica sobre o organismo. Lá encontrámos a boiada das carretas, que a bebia soffregamente.

Enviei amostra da água ao governador de Goyaz, mas não consta que este a mandasse analysar.

Pessoas da Capital affirmam a radio-actividade da agua da fonte de São João, parecendo-me que a do Salobra a possui igualmente.

O ribeirão Salobra é muito piscoso, como verificámos, servindo-nos de uma rêde apropriada e fazendo abundante pescaria.

O terreno é descampado, com ondulações e outeiros de fórma conica, inteiramente despídos de arvores, sim cobertos de gramineas, dando-lhes pinturescos aspectos.

Esta fonte deve ficar a 90 kilometros da Capital do Estado, nas proximidades da linha telegraphica.

A estrada, que a liga a Registro do Araguaya, passa na colonia allemã localizada no rio Uvá, distante 54 kilometros da Capital.

De Goyaz me escrevem informando o valor therapeutico das aguas de São João, affirmando serem sulphurosas e radio-activas, mas não se informa se foram ou não analysadas.

O que ha de positivo é o seu grande poder curativo, verificado por parentes meus, que a usaram vantajosamente.

O Interventor de Goyaz é medico e assim aereredito na sua acção no sentido de incrementar a romaria que vem fazendo á fonte, dotando-a de recursos, de bem-estar, que amenisem a permanencia allí dos enfermos, cuja affluencia vae crescendo dia a dia.

Activam-se as obras de construcção do primeiro hotel; outras serão erigidas, e dentro em breve Goyaz contará com uma estação hydro-mineral de alta importancia.

Marechal EDUARDO SOCRATES.

N. DA R. — A narrativa do nosso digno collaborador veio confirmar o que sobre o ribeirão — Salobra — disse Pohl em 1818, na sua grande obra — *Reise in Innern von Brasilien*.



Bello espectmen de "peroba rosa", das matias do rio Paranahyba (margem goyana), preferida pelos madeireiros aqui do Rio ás de outras procedencias.

As duas páginas da Revista Informação Goyanna podem demonstrar como a mídia consegue atuar na construção do imaginário social. Por meio da exposição de fatos e situações em que pessoas conseguem a cura ou a melhora de um quadro clínico é possível criar uma aura de esperança e de fé. Falas sobre as águas, como a de Marechal Eduardo Sócrates, “O que há de positivo é o seu grande poder curativo verificado por parentes meus, que a usaram vantajosamente.” (SÓCRATES, 1934, p. 14), promovem uma mobilização por parte dos que carecem de alguma cura. Essas matérias, para além de informações, mostram a operacionalização da projeção de uma ideia além dos limites do estado de Goiás.

Ter seu nome vinculado as matérias na capital do Brasil não promoveram, de forma imediata, transformações no local. Mas, conforme explica Dantas (2014), as mudanças ocorreram de forma gradual. Segundo o autor, após os anos de 1934:

(...) havia no lugarejo um banheiro público que possivelmente fora construído pelo governo estadual a fim de subsidiar o fluxo de visitantes ao local. Já em 1940, São João também contava com uma estação telegráfica. [...] a linha telegráfica ligava o povoado à cidade de Goiás. Assim, o telégrafo propiciava aos turistas e residentes do lugarejo a comunicação com a ex-capital do estado, de onde eventualmente se poderia solicitar socorro médico ou policial. (DANTAS, 2014, p. 27)

A existência do telégrafo permitiu explorar alguns detalhes: primeiro, mesmo se tratando de um local novo em relação ao conhecimento nacional, a estação telegráfica já demonstrava que ali não existia uma condição de total isolamento; segundo, as notícias que já haviam chegado ao Rio de Janeiro (com a Revista Informação Goyanna) ganhavam agora maior possibilidade de divulgação e, ao mesmo tempo, maior contato com desconhecidos.

A partir da descoberta das águas, não demoraria a se espalhar a notícia de suas maravilhas curativas. Assim, pouco a pouco as pessoas chegavam até o local em busca da “água milagrosa”. Os mais necessitados e crédulos logo se instalaram nas proximidades da mina. Ranchos de palhoça eram montados para o abrigo e estadia junto às águas. Pouco a pouco, os acampamentos passaram a constituir moradias permanentes. Um pouco mais afastadas foram surgindo também as primeiras e pouquíssimas moradias feitas de adobe e pau-a-pique. O povoado ia se formando à medida que mais gente frequentava aquele espaço e nele passava a residir, especialmente os mais idosos e doentes com suas respectivas famílias. O bebedouro foi, portanto, o epicentro do povoado. (DANTAS, 2014, p. 25)

A história do povoado se funde com o conhecimento das águas sulfurosas e a crença em seus milagres, ou como na abordagem do mesmo autor, tudo começa com as águas. Tal como explora-se na abordagem de Durand (2002) sobre o imaginário, na relação das pessoas com o

meio em que vivem novas relações foram construídas. Isso não bastou, seguiram novos olhares, novas necessidades e, paralelamente, novo fluxo de pessoas que além de dinamizar o distrito potencializaram a divulgação do simbolismo ali construído.

Segundo Paul Claval (2022):

os homens devem compreender o meio onde vivem para o poderem explorar e organizar; têm de se orientar e de ter pontos de referência; só se identificam com os lugares onde vivem se estes contiverem signos que compreendam e símbolos que partilhem. (CLAVAL, 2022, p. 17)

Compreender o local em que se vive abre margem para explorar tanto a memória quanto a identidade local. A fé, a esperança e os milagres tornam-se as referências do vilarejo, marcas incrustadas na dinâmica local que fomentam fluxo de pessoas, que cada vez mais buscam ali conexões com elementos que proporcionem alguma forma de benção. Nessa relação, entre chegadas e saídas, segue a manutenção das narrativas que tendem a se reforçarem coletivamente enquanto apresentam um renascer dos eventos passados³⁷.

O passado se conserva no presente. Por meio das entrevistas observa-se que mesmo com o passar dos anos a crença e a fé nas águas ainda existem no distrito. Não se pode afirmar que com a mesma intensidade e presença de outras pessoas, mas esta resiste enquanto se pensa na memória coletiva. Segundo a Entrevistada 4, Mariana Machado da Silva Gomes:

Tem várias pessoas em São João que alegam ter sido curadas, que faz bem, que estão bem, que faz bem para o estômago, para a pele. Para pele e cabelo, eu garanto que é boa. Para beber, eu não gosto. Sou suspeita para falar dela na bebida. Para tomar um banho, lavar o cabelo, ela é ótima, deixa o cabelo e a pele maravilhosos. (Entrevista concedida em 24/04/2022).

É perceptível ao longo das entrevistas que os costumes e algumas formas de lidar ainda resistem, mas não é percebida/seguida como no passado. Os jovens do distrito já não acreditam ou se importam com o caráter curativo/milagroso que as águas carregam. Mas não significa que seu uso ficou esquecido. Complementando, Mariana Machado da Silva Gomes ainda acrescenta que o costume dos usos não está restrito apenas aos moradores. Segundo a mesma, existem ainda hoje pessoas que moram em outras cidades, mas que vão ali com galões de cinquenta litros e levam das águas para casa.

37 Evitando maiores repetições: destacam-se as descobertas das águas sulfurosas, os casos de cura no passado e na atualidade, dentre outros.

Durante as entrevistas, apesar da liberdade de fala concedida ao entrevistado, foram feitas algumas perguntas gerais e específicas que se atentavam à condição do distrito, como aspectos do seu passado, causos e relatos, atividades turísticas, o período festivo e as águas sulfurosas. Em dado momento da conversa, quando perguntados sobre o caráter de cura/milagre atribuídos às águas, sobre casos que ouviram ou conheceram e se eles acreditam, algumas das respostas obtidas foram as seguintes:

Quando eu morava no entorno, havia sim muitos comentários e, vinha gente de vários Estados para ficar lá dentro da Águas de São João fazendo estação. Tinha vezes que ficavam até seis meses, fazendo uso da Água, do barro. Um chegava com ferida no corpo, outro chegava desenganado. E iam para lá com intuito de curar e, muitos, eram curados. Isso eu lembro, ia muita gente para lá. (Santa. Entrevista concedida em 26/03/2022).

Hoje vejo e sinto que a água é procurada por quem vai de encontro a ela como objeto medicinal, ou como meio natural. A pessoa gosta daquela água. Você encontra hoje, por exemplo, pessoas de Itapirapuã (município vizinho) que vai lá buscar a água, porque gostam. Então, há os que gostam da água e os que veem nela um benefício medicinal, mas não mais um benefício milagroso. Você não vê mais pessoas assim, não há mais pessoas que buscam a água como um veículo do milagre. [...] Meu avô era um exemplo vivo, ele faleceu a três anos atrás. Ele tinha uma ferida na pele, uma espécie de micose e a água ajudou que cicatrizasse aquela micose. (Guilherme. Entrevista concedida em 03/05/2022).

O primeiro milagre é a fé, porque se não tiver fé, não adianta tomar. Se não confiar no remédio, não adianta tomar o remédio que não vai fazer efeito e dizem que o P.h dela é muito alto, é um P.h forte né? Bem alto. (Otália. Entrevista concedida em 06/07/2022).

Já teve gente que era cego, voltou a enxergar, no contar da minha mãe, não cheguei a presenciar isso ainda. A pessoa está muito doente, com câncer. Câncer de pele que, antigamente, era a lepra que faz hidratação com a água, que sara, isso eu já vi. Então, assim, acho que é a da pessoa ter fé mesmo, porque não tem outra explicação. (Otália. Entrevista concedida em 06/07/2022).

Tem um pessoal que é de Trindade. A mulher tinha câncer, ela fala que o que curou ela foi a água, porque ela fazia estação. Hoje em dia, tem um senhor que é de Rondônia, ele está em São João fazendo estação para tratamento de Câncer. Assim, até hoje, tem muita gente que acredita no milagre da Água pegou. Assim tem gente que duvida, mas não duvido não, eu acredito que pela fé, pelos componentes da Água realmente curam. (Otália. Entrevista concedida em 06/07/2022).

Nem todas as falas são alinhadas ao ponto de concordarem com as narrativas que abordam as águas como milagrosas. O entrevistado 2, Renato de Bastos Teixeira, segue o caminho oposto: “você escuta que a água é abençoada e que cura um monte de coisa (...) é algo

que galera fala lá, né? Mas eu num sou muito calcado na fé não...” (Entrevista concedida em 16/04/2022)

As falas acima, além de apresentarem alinhamento nas explicações, principalmente no que se refere às águas e possíveis casos de milagre, podem expressar de forma prática a constituição do imaginário local. Sua força pode ser percebida, segundo Pesavento (1993, p. 385), “(...) na capacidade de mobilização que os discursos e imagens possam trazer, produzindo práticas sociais efetivas”.

1.4 SÃO JOÃO E AS ÁGUAS DE SÃO JOÃO POR MANOEL GUIDA ³⁸ : UM “ACAMPAMENTO ESPIRITUAL SUBMERSO”

Durante a realização das entrevistas, em alguns momentos, surgiam falas que mencionavam a existência de um livro que apresentava uma abordagem sobre Águas de São João, mas sem tantas especificações de outros detalhes. Após obtê-lo e realizar a leitura, algumas percepções ficaram em mente: primeiro, o livro esboçava uma espécie de história do distrito; segundo, apresentava uma justificativa sobre os motivos de existir naquele local as águas sulfurosas; e terceiro, ao final da leitura fica a sensação de que aquela obra ganha ares de um manual de usos das águas. Em alguns momentos nas falas dos entrevistados é como se a memória contida nas narrativas dos habitantes do distrito se alinhasse com o conteúdo daquelas páginas envelhecidas, mesmo que, de acordo com o que foi possível perceber, todas as pessoas não tenham feito a leitura do livro.

Por um lado, se não foram encontrados tantos documentos que apresentassem mais elementos relacionados à sua historicidade, habitação, ocupação das terras, costumes e fluxos de pessoas, agora era possível observar novas óticas que versam sobre o distrito, mesmo sendo uma vertente religiosa/mística. Um novo olhar fora criado com *Águas de São João*, de Manoel Guida.

O livro espírita apresenta um diálogo entre dois espíritos, *Milsow*, “estudioso no processo do desenvolvimento do planeta terra” (GUIDA, S/D, p. 9), e *Farmis*, “entidade bem-

38 Como se trata de um livro psicografado foi optado por manter fielmente cada uma das expressões e palavras encontradas no livro.

intencionada; segundo fonte credenciada pertencente ao setor de divulgação do planeta Júpiter” (GUIDA, S/D, p. 9). Manoel Guida foi a pessoa responsável por psicografar o diálogo³⁹.

Os diálogos travados entre Milsow e Farmis, caracterizam a geografia e história do local que no futuro ficaria o distrito de Águas de São João. Deve-se considerar que se trata de uma obra que recorre mais a elementos espirituais que historiográficos. Dessa forma, tem-se referenciado a construção de um passado captado por meio da espiritualidade que se mantém entre um sentido místico e explanações do real (essas entendidas também numa espécie de alinhamento com o diálogo das entrevistas).

Outro ponto abordado no livro é referente a natureza humana, o bem e o mal, o egoísmo e ética, dentre outros. Na medida em que seguem as conversas entre os espíritos esses temas se afunilam e passam a considerar o espaço que se localiza o distrito de Águas de São João e suas peculiaridades.

Inicialmente é preciso destacar o panorama de como o planeta se encontrava, no que se refere a população e suas relações:

Há dezessete mil anos antes do Cristo, disse Milsow – viveu a terceira geração humana na crosta terrena. O Brasil por exemplo fora muito bem habitado: tão logo chegara a era dos atormentados sobre a guerra da ambição, conflitos mais conflitos eram impostos uns dos outros por falta do progresso. A guerra matava de um lado e a epidemia matava do outro; em curto prazo estavam resumidos numa quantidade insignificante. Desfacelados, mais tarde, começaram a se reunir em pequenos grupos, ignorando tudo da civilização em tudo por tudo eram indígenas. Foram multiplicando a raça; logo criaram tribos selvagens, entretanto prosseguiram com o ódio, valorizando acima de tudo a guerra, daí foram os mais fortes sobre os mais fracos, exterminando uns e escravizando outros. (GUIDA, S/D, p. 30)

O trecho que segue pode ser entendido como um dos primeiros passos dados para que no futuro fosse possível o povoamento da região que seria conhecida por Águas de São João. Como se trata de um passado que não oferece marcas ou datação/referências históricas, a narrativa a seguir apresenta um ato de expulsão de alguns indígenas de suas tribos o que vai gerar uma espécie de peregrinação à terra em que haviam de assentar-se:

Certo dia, o cacique da tribo Caraou, uma das maiores tribos do Estado de Goiás, usando de sua autoridade, preferiu expulsar a bem da disciplina indígena, dois de seus filhos homens, por sinal índios guerreiros, Xupé e

39 No ímpeto da realização de uma pesquisa historiográfica fora realizada uma pesquisa com os nomes que Manuel Guida apresenta no decorrer do livro, no entanto nenhuma referência fora encontrada.

Tuxaem. Como as leis da tribo mandavam, o índio expulso da tribo tinha o direito de fazer um pedido de qualquer coisa que tivesse em seu agrado, mas para isso tinha que enfrentar e vencer o índio guerreiro mais bravo da tribo. Xupé e Tuxaem lutaram e venceram os verdugos que as leis da tribo lhes impuseram. Vitoriosos, ambos preferiram que as suas noivas, Xabané e Xutani fossem para o exílio com eles. (GUIDA, S/D, p. 29)

Os dados colhidos no livro não serão submetidos a uma comparação bibliográfica ou produção acadêmica. Alguns pontos que serão expostos não possuem a pretensão de serem questionados, mas a ideia de remontar a lógica de desenvolvimento e ocupação da região, mesmo que numa perspectiva espiritual. Em algumas passagens, tal como a supracitada, pode-se notar alguns traços de uma geografia dos locais habitados que representam uma compreensão espiritualizada sobre o processo de povoamento regional.

No trajeto seguido pelos indígenas expulsos, percebe-se que o Estado de Goiás também é caracterizado pelos espíritos de Milsow e Farmis. Segundo o diálogo,

Goiás possui seis maiores tribos, uma no Pindó, cabeceira do rio Manoel Alves Pequeno; outra na barra do rio do Sono; outra na Raizinha, serra do Carmo; as maiores tribos, uma delas no Muquem, outra nas cabeceiras do Rio Claro. O lugar denominado hoje Vargem do Turco, era onde se concentravam os poderosos da tribo, dizendo-se guardiães de seus Deuses, os quais moravam ali debaixo do chão. (GUIDA, S/D, p. 28)

A narrativa exposta traz amalgamados um mundo onde o contato dos seres humanos (neste caso os indígenas) e de seres divinos são marcados pela orientação e sentido de sua jornada. E, por meio dessa interação com o sagrado, eles conseguem chegar ao novo lar:

Em seguida o deus trovão orientou, mas talvez para experimentar a fé dos novos adeptos. Sigam agora mesmo; erguendo sua destra apontava-os uma estrela; acompanhe essa luz que eu vos dou como guia. Antes de partir, o deus trovão recomendou-os fé, união, trabalho para vencer. Imediatamente se demandaram pelas crateras agudas do despenhadeiro da grande serra, até ganharem a planície. Última etapa da jornada sem interrupção, às duas horas da madrugada para o amanhecer e do sexto dia, a estrela parou sobre uma rocha iluminando-a. Os quatro seguidores, surpreendidos viram que da fenda da pedra subia um canudo comparado ao esguicho de água, que soprava a altura de dois metros e vinte centímetros. A admiração de todos girava em torno da grande quantidade de animais que ali se domiciliavam proveniente da água, que por todavia era salubre, dizendo ser ali onde deveria situar a sua tribo, conforme orientação do guia espiritual. Visto isso, procuraram descansar e se alimentar; logo sem perda de tempo partiram para o campo no dia seguinte, e no prazo de oito dias eles tinham vasculhado toda área da circunvizinhança a fim de conhecer os empecilhos que por acaso existissem por ali. Quinze dias seguramente, os dois casais indígenas já possuíam cada

qual a sua cabana bem apetrechada e com o exemplo dos animais que só tomavam daquela água, fizeram o mesmo (...). (GUIDA, S/D, p. 31)

Produções com métodos distintos, mas que se aproximam de um ponto em comum: nas pesquisas de Oliveira (2003) e Dantas (2014) é possível observar que a descoberta das águas sulfurosas é um dos marcos que propiciaram maior fluxo de pessoas ao local que, no futuro, seria o distrito de Águas de São João. Já na psicografia apresentada por Manuel Guida, apesar de se apresentar uma conjuntura mística que explica a movimentação da região, relação humano-sagrado, a importância do líquido também se mostra como um dos elementos que marcam o fluxo de pessoas na localidade.

Os usos das águas sulfurosas, na obra psicografada por Manoel Guida, ocorrem por intermédio do divino e vem carregada de sentido, não basta apenas o consumo. O deus Trovão indica uma dieta a ser seguida pelos indígenas: “Xupé e Tuxaem obedeciam o regime autorizado pelo deus trovão, se alimentavam somente com frutas, ovos de aves e favo de abelhas; só bebiam da água da pedra, conforme eles a chamavam. Tuxaem viveu 238 anos e Xupé viveu 282 anos.” (GUIDA, S/D, p. 33). Seguindo as orientações do deus e usando constantemente das águas da pedra, os indígenas viviam feitos impensáveis aos seres humanos do presente. Sua fé no deus Trovão, suas relações com a natureza promoveram, então, num plano sagrado/místico, os primeiros casos medicinais e de milagres.

O livro consegue trazer em sua narrativa argumentos que fazem com que seja percebido a organização dos indígenas, divisão entre grupos e, se olhado de forma ampla, percebe-se a dinamização populacional que recai sobre o território em que vivem. Em suas narrativas tem-se uma história e uma geografia do lugar que escolheram viver.

Sobre a divisão da tribo, cada parte foi deixada aos cuidados de diferentes primos:

(...) a própria deusa deliberou que dividissem a tribo em duas turmas, e os dois primos, cada um assumisse a chefia de um bando e autorizou confeccionar um colar de presa de onça e o capacete de pena de arara, para o novo cacique. Xumaianu, o novo cacique, tão logo foi empossado no cargo, preferiu se deslocar com o seu pequeno bando e acampou na barra dos dois rios Tororó e Xoru, hoje chamados por Rio Bugre e Rio Vermelho, à esquerda das águas da pedra. (GUIDA, S/D, p. 33)

Sem nos prendermos aos mínimos detalhes da narrativa que aponta a vivência da tribo e suas formas de relacionar com o todo e em dado momento passa-se a focar em eventos que ocorrem no século XIX. Nesse ponto a leitura fica interessante, pois nas linhas seguintes têm-se fatos que espelham a realidade narrada no atual distrito de Águas de São João. No exemplo

do livro é apresentada a vida errante de um homem. Na fala de Milsow é apresentada a figura de um sujeito que sai de casa em busca de um novo local para se viver, entretanto:

Foi infeliz antes de encontrar seu local de preferência, a epidemia lhe pegou em cheio e fez do infeliz o seu amigo inseparável. Meses e mais meses de viagem aos trancos e barrancos, José Patrício inesperadamente chegou nessas águas. Isso aconteceu sábado às 10 horas do mês de setembro de 1896. O viajar sedento tomou a água e tão logo o líquido lhe caiu no estômago, José Patrício sofreu um desmaio (...) Ao despertar do referido desmaio, nada conseguiu a não ser recostar numa pedra (...) A sua roupa estava enxuta e ele com outro ânimo (...) daí José Patrício tinha bastante razão para ficar tomando a água e o banho, no prazo de trinta dias estava curado. (GUIDA, S/D, p. 34)

Na sequência, assim como em outros momentos da narrativa, tem-se como um pano de fundo as potencialidades curativas das águas ao serem consumidas pelo ser humano. O livro dá exemplos de usos e as devidas precauções para que o elemento possa propiciar às pessoas boas condições de saúde. Ao mesmo tempo que menciona as propriedades curativas das águas, também reforça a importância de as pessoas cuidarem de si mesmas:

Se uma criatura humana antes de adquirir enfermidades orgânicas, não se sujeitasse a vício algum, se alimentasse regularmente, não descuidasse de proceder ao ar livre sua educação física e mental, higienizando a consciência com o uso exclusivo da prática do bem e das Águas de São João as suas propriedades fluídricas e minerais, seriam suficientes para lhe oferecer condições de vida máxima na carne, as quais variam de 230 a 280 anos. (GUIDA, S/D, p. 21)

Se, por um lado, as narrativas do livro não trazem exatamente exemplos que podem ser vividos na prática (a se pensar um ser humano atingir cerca de 280 anos), por outro lado, cumpre com um papel importante que é o reforçar de um simbolismo ainda existente na atualidade do distrito. Não se descaracteriza o livro e sua argumentação, respeita-se a religiosidade. No entanto, apenas uma breve abstração: percebe-se que com o tempo as narrativas sobre os milagres de Águas de São João começam a ser apresentados por mais polos de emissão: pessoas, revistas e livros⁴⁰.

Por fim, uma passagem apresenta uma explicação que pode ser relacionada às propriedades curativas/milagrosas das águas localizadas em Águas de São João. Em tempos que não são localizados historiograficamente, numa relação que ultrapassa a vida humana na

40 Os exemplos mencionados são os que considera-se primeiros. Atualmente é mais fácil encontrar dados do distrito e seu simbolismo: páginas na internet (os oficiais, da prefeitura municipal, páginas do YouTube, além dos anais de eventos e produções acadêmicas.

Terra, ocorre a intervenção do plano divino em prol da região:

Os espíritos da luz que lhe damos referência, são considerados obreiros da vida eterna, preferem se aproximar das águas por vias do Caminho do além, estrada que a Providência Divina concedeu ligando o plano esclarecido à Pátria do Evangelho com vários terminais anexados. São João da Guarita foi agraciada com um desses ramais e um acampamento espiritual submerso na região administrada por Beatriz. (GUIDA, S/D, p. 24)

As águas não seriam apenas o único o elemento do milagre. Chama a atenção que o local é marcado pela existência de um canal por onde os espíritos de luz intervinham no mundo humano. Percebe-se esse argumento como o elemento por onde ocorre a ligação entre os dois mundos, para beneficiar o ser humano em sua jornada.

O distrito de Águas de São João pode ser entendido por meio de olhares distintos, mas ambos têm como pano de fundo a esperança. Se nos faltam materiais acadêmicos a versar sobre a historicidade do distrito, por outro lado, encontram-se, por meio de narrativas espirituais, histórias de tempos que não existem nas memórias preservadas de ninguém vivo, mas apenas uma espécie de hereditariedade criada numa reação da memória no meio social passando às gerações vindouras, Pollak (1992). Os espíritos falam de um tempo que, não seria exagero afirmar, como mitológico no surgimento do povoado.

O ponto em comum entre as fontes aqui utilizadas, salvas as devidas especificidades das pesquisas e suas respectivas abordagens, é o fato de as águas sulfurosas estarem no epicentro da formação de grupos, aglomeração de pessoas ao seu entorno e como consequência o povoado. A isso buscam-se os exemplos que passam desde a experiência indígena até os fins do século XIX, por volta dos anos de 1870, quando chega ali um homem que, tal como nas narrativas atuais, encontra a cura para sua enfermidade recorrendo às águas.

O que nos interessa com o uso dessa obra, está diretamente ligado ao conteúdo narrado e apresentado como uma base argumentativa pelos habitantes do distrito. Se o livro traz relatos sobre a cura da enfermidade de José Patrício, as pesquisas realizadas por Oliveira (2003), Dantas (2014), Monteiro *et al* (2016) e as que foram feitas, *in loco*, para o desenvolvimento desses escritos, todos eles apontam a existência de narrativas que são marcadas pelo imaginário local, e estão presentes nas memórias dos que ali viviam/vivem que recobram um passado sem datas, mas marcado pela ação milagrosa. Ao longo das conversas e leituras, ficou nítido que os casos de milagres são as marcas decorrentes dos usos das águas sulfurosas e, esses, ocorrem não apenas com as pessoas, mas também com os animais que bebem dela.

Por fim, um último ponto que carece de explanação: até o presente momento dessa

pesquisa, é desconhecida a existência de relação direta entre o livro e os hábitos populares. O que fica, e ficou, evidente é que partes do livro corroboram e poderiam dar sustento a muitas narrativas apresentadas pelos habitantes de Águas de São João, caso ele fosse usado de base para se justificar determinado fato ou acontecimento. Ao mesmo tempo é interessante que, mesmo sendo referente ao distrito, nem todos possuem acesso a esse livro⁴¹.

41 Durante conversas com moradores do distrito foi dito que existem dois livros do mesmo autor, Manoel Guida que falam sobre Águas de São João. Entretanto, até o momento não foi obtido maiores detalhes do segundo.

2. A PAISAGEM CULTURAL E AS REFLEXÕES PATRIMONIAIS: BENS E SIMBOLISMOS NO DISTRITO ÁGUAS DE SÃO JOÃO

2.1 O SIMBOLISMO DA PAISAGEM: O LUGAR DA CAPELA E UMA ANÁLISE DA DISPOSIÇÃO DOS BENS

De acordo com Paul Claval (2013), o termo paisagem surge aproximadamente entre o século XV, utilizado para se referir a quadros que retratavam a natureza. Nesse momento, a atividade humana era vista de forma secundária. Contudo, no século seguinte, o ser humano passa a figurar na composição da paisagem, uma vez que o ângulo e distância, por exemplo, são elementos que decorrem de escolhas humanas.

No século XVIII, novas percepções são criadas sobre o conceito de paisagem, “Concebida em termos de interface, a paisagem deixa de ser um quadro sem vida; ela é feita de ambientes”. (CLAVAL, 2013, p. 249). Percebe-se novos ângulos e novas posturas para se pensar esse conceito e isso, de forma positiva, potencializa as reflexões. Não se trata mais de um quadro, pensado num ambiente único, mas de um conjunto de elementos que são totalizados.

Entre os anos de 1880 e 1890 uma nova abordagem é desenvolvida, passa-se a considerar a geografia física e a humana como integradas e não mais como polos epistemológicos distintos e dicotômicos. Sauer acrescenta que: “O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas de seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana”. (SAUER, 2012, p. 191).

De acordo com as ponderações sobre o conceito de paisagem, entendemos que analisar Águas de São João por meio do que Sauer (2012) chama de paisagem cultural pode oferecer à pesquisa uma dimensão reflexiva das mudanças que ocorreram no seu território, em especial onde se localizam as minas de águas sulfurosas, a praça, a capela e a ARIE. Segundo o autor: “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente; a área natural, o meio; e a paisagem cultural, o resultado”. (SAUER, 2012, p. 209).

Cabe ressaltar que não é apenas as transformações materiais que interessam a essa pesquisa. Se tratando do ser humano e suas ações, toda modificação é dotada de pretensão e sentido, logo uma paisagem diz mais que a estrutura de sua materialidade. De acordo com Denis Cosgrove (2012):

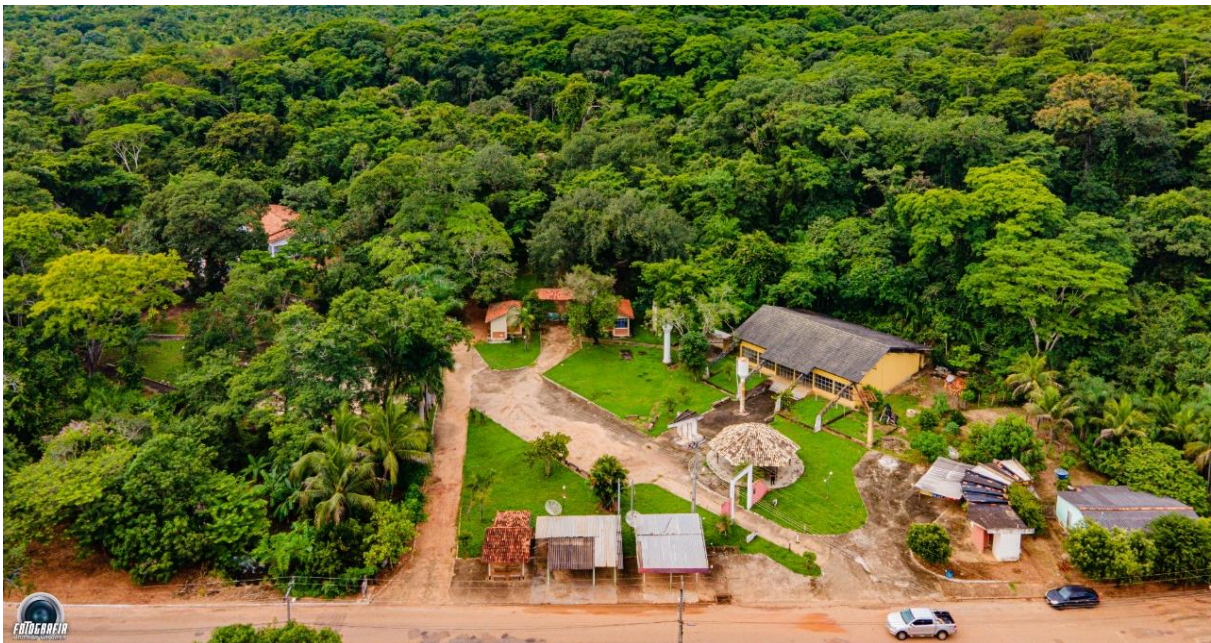
a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e cujo mecanismo são acessíveis a mente humana, assim como o olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente. (COSGROVE, 2012, p. 223).

Na medida em que seguem as leituras sobre o distrito de Águas de São João, compreendemos que nele há uma paisagem marcada pelo processo antrópico, pelo qual marcas e sentidos foram atribuídos ao local. “Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”. (COSGROVE, 2012, p. 228). Nesse sentido, cabe um esforço reflexivo por meio do qual sejam pensadas quais as mensagens que essa paisagem quer nos dizer.

Em Águas de São João, o local onde são realizadas as suas festividades no mês de julho está marcado pela presença dos bens locais: as minas de água sulfurosas, a praça e a capela. O local também é um ponto importante do distrito. Ali os turistas e moradores podem usar as águas, logo na entrada ou no território demarcado pela ARIE, onde, também, estão localizados os banheiros e a bica maior.

As análises que seguem alinham-se às pretensões de explorar o simbolismo existente na relação de harmonia contida na disposição dos elementos encontrados nessa localidade. Abaixo algumas fotografias que ilustram o local abordado:

Figura 10: Vista aérea - Minas de água, Praça, Capela e ARIE



Fonte: Amelico Cardoso Ferreira Júnior (2022)

Figura 11: Vista aérea – Praça, Capela e ARIE



Fonte: Amelico Cardoso Ferreira Júnior (2022)

As próximas fotografias foram feitas dentro da ARIE⁴², todas no ano de 2022. Elas, em compasso com as escritas, ajudam a compreender a situação e parte das projeções que ficam expressas ao longo das entrevistas (nos detalhes, os relatos próximos ao lazer que ali eram encontrados). O trajeto que era feito por meio de conduções, atualmente é feito andando sem a presença de nada que venha a oferecer algum risco ao meio ambiente. O caminho até se chegar aos banheiros não é longo (aproximadamente cerca de 200 metros), entretanto não é seguro para as pessoas idosas, devido à presença constante de pedras de diferentes tamanhos que podem causar desequilíbrio e provocar a queda do visitante, fato criticado por Maria Guimarães, entrevistada 6⁴³.

42 As próximas fotografias foram feitas com intenção de promover a construção de um acervo pessoal para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. Foram feitas nos meses de janeiro e julho.

43 Segundo a Entrevistada a dificuldade de acesso, principalmente, para os idosos faz com que eles fiquem impedidos de visitar o local. Uma vez que, como dito, é proibida a entrada com veículos para não causar nenhum dano à fauna ou a flora do local.

Figura 12: Fonte e Bica d'água sulfurosa



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 13: Banheiro



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 14: Banheiro



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 15: Banheiro e entorno



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

De forma concreta, as edificações que podem ser vistas nas fotografias acima mostram que a ação humana muda um determinado local com intuito de ajustá-lo para sua vivência. Em Águas de São João, a intencionalidade, a necessidade e a comodidade fazem com que os aspectos naturais do lugar passem a ser ressignificados, dotados de elementos artificiais a fim de oferecer base para acolher as pessoas. Com o tempo, na medida em que se seguiu o processo de povoamento, as áreas livres deixaram de existir em detrimento de novas edificações.

Segundo Sauer (2012):

As ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. Pode haver uma sucessão dessas paisagens com uma sucessão de culturas. Elas derivam, em cada caso, da paisagem natural, com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação. [...] A paisagem cultural, então, é sujeita à mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas. (SAUER, 2012, p. 209)

O conceito de paisagem cultural, segundo Sauer (2012), mostra-se como resultado da relação desenvolvida entre o ser humano e o meio ambiente em que habita. Nesse sentido, as mudanças e/ou transformações não são percebidas apenas nas formas materiais (estruturas e construções), mas também como os reflexos e as intencionalidades que são amalgamadas a elas. As paisagens apresentadas pelas fotografias compõem um cenário que, ao longo dos anos, foi pensado e ajustado de forma que pudesse proporcionar maior fluxo entre as pessoas que ali passavam ou desejavam a estadia.

Neste caso não houve uma substituição de cultura, mas a organização de uma forma de coexistência harmonicamente entre diferentes formas e percepções sociais. As imagens anteriores, assim como as posteriores, seguem uma mesma lógica: podem ser percebidas de acordo com a pretensão humana de transformar um determinado lugar. Por um lado, algumas apresentam construções que visam oferecer mais qualidade de estadia; por outro lado, outras oferecem uma construção que vem a promover a frequência de pessoas no local e, sobretudo, a disseminação da fé cristã.

Figura 16: Capela e Salão Paroquial



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 17: Visão do local da Capela



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Ao se observar as figuras 16 e 17, considera-se pertinente o diálogo com o conceito de monumento, apresentado por Roberto Lobato Corrêa (2013), pois, ainda que um dos pontos centrais da análise seja o simbolismo oriundo das águas sulfurosas, a capela construída próxima das minas faz com que ali seja criada uma relação simbólica entre a fé no elemento e a fé no santo, remetendo a uma proximidade entre os costumes e a sacralidade.

Segundo Corrêa (2013), um monumento não deve ser visto de forma neutra, entendendo que uma determinada construção consegue exprimir valores e ideias a quem a observa. Em vista disso, é possível perceber que a o lugar onde se encontra a capela não mudou a religiosidade que ali já existia, no entanto, “sua construção representou um marco na organização social daquele lugar” (DANTAS, 2014, p. 33).

Desta maneira, tanto no caso do Lago Saint-Andéol, abordado anteriormente, como na área onde estão localizadas a capela e as minas de águas sulfurosas, existe um espaço atravessado por narrativas e crenças distintas. Por meio da pesquisa realizada e da revisão bibliográfica, pode-se classificar o ambiente de cada uma como espaço sagrado e profano. Contudo, não se percebe um conflito entre as duas ambiências, mas uma coexistência na qual os fiéis participam tanto da religiosidade quanto do uso das águas. Um exemplo que pode ser apresentado está na fala do entrevistado, Guilherme Alves de Lima Costa:

Ali, é um momento que reúne gente, pessoas que tiveram casa, que tem parentes, que passaram por Águas de São João e vão para essa época. E, pessoas de fora, da redondeza também vão. Há uma certa religiosidade muito forte na figura de São João Batista, porque na tradição religiosa, na figura bíblica, ele é o Batista, porque ele é quem batiza. Muitos pais faziam promessas, há muitos anos, de levarem o filho para batizarem no distrito por conta do padroeiro. Por exemplo, se hoje se vai na paróquia responsável por São João que é à Paróquia Domingos vai perceber que há centenas de registros de batizados realizados, sempre no mês de julho, de pessoas que não são do município. Gente que ia de Goiânia, Brasília, de várias cidades para batizar em São João por conta de uma tradição, de batizar na cidade do Batista, daquele que batiza na Bíblia, daquele que batizou Jesus. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

De acordo com Guilherme, com o tempo, criou-se uma tradição dos pais (e pessoas dos arredores, outros municípios) levarem seus filhos em Águas de São João para batizados. Destaca-se, por meio de sua narrativa, que a religiosidade era o que impulsionava esse momento, batizar um filho no distrito que homenageia aquele que batizou Cristo. Em sua fala, fica perceptível que apesar de existir o simbolismo relacionado as curas promovidas pelas águas sulfurosas, o batismo era relacionado à devoção religiosa pelo santo padroeiro.

Outro ponto importante de sua fala: no passado, quem ficava a frente dos assuntos religiosos de Águas de São João eram os Dominicanos que vinham de Goiás. Devido às dificuldades, como distância e até certa carência de padres, quando estavam no local realizavam um “desobriga”. Essa, segundo Guilherme, era uma prática em que no mesmo “fazia todos os sacramentos de uma vez só”⁴⁴.

Devido às dificuldades mencionadas acima e, nas palavras do entrevistado, a uma possível carência de padres em Goiás, a paróquia de Itapirapuã passou a dar assistência ao distrito de Águas de São João. Nesse momento, outra mudança viria a ocorrer:

Então, por muito tempo se teve essa cultura até que, por volta de 10 anos atrás, acabou. O antigo padre que passou pela cidade, achou que não podia mais fazer batizado durante a festa, que batizado devia ser feito ao longo do ano e por isso, acabou. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

Recorrendo a uma análise geral de sua fala, dá-se a entender, que a interrupção da realização do batismo nos dias da festa pode ter ocorrido apenas por questões de tempo. Como se trata de uma festividade anual poder-se-ia avolumar-se a quantidade das celebrações a serem realizadas, necessitando então do “desobriga”. Já com a presença da paróquia de Itapirapuã, possivelmente alguns dos problemas, como a distância, foram amenizados, o que implicou no estabelecimento de outros critérios para o batismo.

Outro relato coletado versa sobre um fato que se perde entre as memórias e as tradições que o local sustenta, apresentando uma visão sobre as duas tradições locais juntas, não se excluindo, mas se acolhendo. Primeiro, na fala de Guilherme fica evidente que não pareceu haver um problema específico na relação entre a crença nas águas e a fé cristã. Se o tema dos milagres promovidos pelo elemento não era abordado pelos padres que por ali passavam, muito menos eram menosprezados. Segundo a Entrevistada, Mariana Machado da Silva Gomes, considerando a relação entre a religião e as águas sulfurosas: “(...) Num livro que tinha, mas não sei se era nele ou foi um caso que me contaram, que encontraram a imagem de São João nessa água, daí passou a ser, as Águas de São João e as águas milagrosas de São João Batista.” (Entrevista concedida em: 24/04/2022)

A fé, a busca pelo milagre e a crença marcam o distrito, que atualmente sempre se encontra vinculado à religiosidade e ao uso das águas sulfurosas. Considerando as falas obtidas durante a pesquisa de campo realizada foi possível identificar que, para os moradores, não há

⁴⁴ Segundo Guilherme, os dominicanos cuidaram de Águas de São João até cerca de 70 anos atrás.

problemas entre a coexistência do sagrado e do profano⁴⁵. A questão que passa agora a centralizar nossa atenção é como ocorre simbolicamente essa coexistência de narrativas e tradições.

Se um monumento construído não está separado da intenção de transmitir uma mensagem, qual foi a pretensão pela qual a capela fora construída próxima às minas de água sulfurosas? Para responder tal indagação, se faz necessário pensar sobre aspectos da visualidade e como podem criar um sentido/mensagem a quem os vê.

Ao analisar a Figura 18, a seguir, podem ser observadas as seguintes características: um ambiente marcado pela existência da ação humana em meio a natureza, um espaço sagrado devido a presença de uma capela, um local turístico devido a presença das minas de águas sulfurosas ou mesmo um espaço de lazer e a praça.

⁴⁵ Vale enfatizar que ao longo das entrevistas realizadas não foi possível identificar uma forma de combate entre um segmento da população em relação a crença nas águas sulfurosas. Há os que mantêm suas crenças e usam e aqueles que não as usam. Na relação com a Igreja, também não foram encontradas evidências que mostrem alguma forma de resistência, destaques apenas para mudança de local e períodos de realização de batismo.

Figura 18: Minas d'água, Praça, Capela e Salão Paroquial



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Destarte, não basta que sejam apenas identificados os elementos que compõe essa paisagem. O olhar aqui empreendido está baseado nas ponderações feitas por Corrêa (2013) e Gomes (2013), que, por meio de suas reflexões mostram a importância de problematizar e investigar as pretensões por trás das localizações de edificações, monumentos ou outras referências culturais presentes na paisagem.

Segundo Gomes, “(...) a visibilidade depende da morfologia do sítio onde ocorre, da existência de um público e da produção de uma narrativa, dentro da qual aquela coisa, pessoa ou fenômeno encontra sentido e merece destaque.” (2013, p. 90). Entende-se, dessa forma, que refletir sobre a visualidade de uma construção/monumento vai além da observação da estrutura, mas de uma compreensão do contexto e do simbolismo dos elementos em questão. Pode-se dizer que a disposição estrutural do que fora construído faz parte de um conjunto de táticas com finalidade de produzir/criar uma mensagem.

Outrossim, pode-se entender a existência de uma estratégia no que se refere a apresentação ou construção de um bem, ou monumento. Sobre as imagens, segundo Gomes (2013, p. 92): “(...) competem pela visibilidade: quanto mais ampla, melhor. Quanto maior o público atraído para a contemplação das imagens, maior a sensação de que elas atenderam aos objetivos de fixar a atenção.”. Essa reflexão relacionada a busca por *visibilidade e atenção* são pontos que são perceptíveis e nos estudos realizados no distrito de Águas de São João, considerando a dimensão, profundidade e distância entre os elementos observados.

A Figura 18, nesse sentido, passa de uma mera fotografia, mostrando alguns elementos do distrito que expõe uma relação social/estrutural que projeta um simbolismo que pode ser evidenciado através da posição de um elemento em detrimento de outro. A forma em que se encontram dispostos cada um dos bens apresentados expõe a tendência de que a capela passe a ter um ângulo de visão superior, ficando no alto se comparada a presença das minas de água sulfurosas.

Na relação entre a religiosidade e o espaço, observa-se que:

As instituições religiosas, por outro lado, ao construírem seus templos e outras formas simbólicas, materializam o local do culto e exibem o poder da instituição ao comunicar a mensagem religiosa proclamada, que une e identifica a comunidade de seus fiéis. (CORRÊA, 2013, p. 75)

Ao visualizar a Figura 17, o leitor na posição de observador, perceberá que a capela se encontra no alto, no fim de um pequeno percurso. Para se chegar a esse ponto mais elevado deve-se sair de sua base, local onde se encontram algumas minas de águas sulfurosas. Toda caminhada que se inicia próximo às minas se encerra no espaço da capela, lugar com maior destaque e visibilidade para quem ali se encontra.

Para fins de exercício de percepção, pode-se tomar como formas comparativas as Figuras 16 e 17. A primeira apresenta o campo de visão de quem chega, já a segunda a de quem está retornando à base. Assim, quem segue o percurso sempre vê a capela como ponto de chegada no alto, já, para quem retorna, a visão que se tem será das minas de águas sulfurosas na parte mais baixa do terreno.

Com base nos estudos realizados, até o momento, compreende-se que a construção da capela em um local superior, em detrimento de onde são encontradas as minas de água sulfurosas não foi desprovida de sentido. Mas pode revelar uma relação simbólica que, em certo sentido, expressa os interesses de um grupo, bem como de uma cultura, marcada pela influência cristã. Levando em conta as proposições de Gomes (2013) e Corrêa (2013), a disposição desses

elementos pode revelar a pretensão de se colocar com grau de maior importância os valores e a fé cristã, se comparadas às águas e suas narrativas de milagres. Em outras palavras, pode-se perceber a sacralização de um espaço não sagrado, local em que se fala de milagres, lembrados pela tradição e pela narrativa popular.

Por meio das pesquisas de Oliveira (2003), Dantas (2014) e Monteiro *et al* (2016), fica expresso que a religião não interfere no ato de conhecer as águas, nesse sentido não há uma postura religiosa que leve o fiel a negar ou deixar de usar as águas. Considerando algumas conversas realizadas com moradores, foi possível perceber que quando missas/celebrações são realizadas por membros da Igreja, vindos de outras cidades, não há menção alguma sobre elementos que possam caracterizar ou ressaltar o caráter de água milagrosa. Postura distinta, segundo a Entrevistada 5, ocorre no dia de São João, quando os assuntos pouco se misturam com exceção na missa do dia de São João em junho onde são feitos comentários sobre o Santo e sobre as Águas. O Entrevistado 4, Guilherme, seguindo a mesma lógica, explica que não havia menções e/ou preocupações com as águas e as narrativas dos milagres, expressa por parte da Igreja. Ressalta ainda que quem mantém essa tradição viva são os ‘leigos’ que vivem no local.

2.2 A CONSTRUÇÃO DA CAPELA E A FESTA DE SÃO JOÃO: REFLEXÕES SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

No ato da escrita, esse tópico chamou a atenção do pesquisador por explorar a dinâmica da lembrança e do esquecimento, os passos pessoais foram revisitados agora com um olhar contemplado com aspectos da pesquisa historiográfica. Nesse momento, foi possível compreender que à medida em que uma pessoa se afasta de determinado local com o qual possuía ligações, aparentemente as memórias ficam num estágio de suspensão. Pouco se pensa e se lembra, o colorido dos eventos fica cinza. Buscar por documentos, mapear comentários em redes sociais, ouvir cada uma das pessoas entrevistadas e, a mais importante, se colocar de forma presencial com algumas fez com que o colorido voltasse ao local que deveria estar.

Visitar Águas de São João trouxe algumas lembranças que, confrontadas com a atualidade, provocaram surpresas ao pesquisador. O olhar se perde entre as estruturas que são mantidas pela rememoração e as transformações que o presente oferece. Primeiro, em janeiro de 2022 quando avistado o espaço onde se situa o ranchão (durante o período festivo), foram revividas algumas memórias: jogo da seleção brasileira, carnes sendo assadas (espetinhos), bebidas servidas aos adultos e um sorriso amarelado que saía a cada bom lance executado pelos jogadores brasileiro, erros do adversário também.

Ao mesmo tempo, o cheiro da terra junto com o frescor provocado pela proximidade com as matas dava o pano de fundo ao contexto. As memórias são de um período em que o pesquisador era criança, logo tudo possuía uma dimensão com amplas proporções. O local era grande, cheio de pessoas (sentadas, andando e pulando). Mas a realidade que 2022 nos apresentou foi na contramão das lembranças apresentadas: o cheiro de terra e frescor ainda continuam, mas e as pessoas? Essas diminuíram consideravelmente. Hoje o espaço é percebido numa dimensão menor e as pessoas já estão mais tímidas em suas mesas, apenas agitando os braços, sejam para pedidos ou lances. Os olhos agora se dividem entre olhar a movimentação ao lado e a notícia/informação na tela do celular. O momento que promovia uma aglomeração agora promove a existência de pequenos agrupamentos, ilhas numa comparação, onde os grupos se fecham e a festa segue numa percepção paradoxal coletivamente individualizada.

Festas como essas tinham um gosto especial, principalmente, para os que viviam no interior. Alguns apontamentos gerais para compreender a euforia que ela provocava: ainda explorando resquícios da memória, normalmente nos interiores eram nessas festas que muitas barraquinhas chegavam com produtos variados para a venda, destaques para camisetas, brinquedos (de diversas formas), artesanato, joias (pulseiras, brincos e colares). Era uma mescla de cores sendo emitidas de cada uma das barracas, uma criança naquele instante era hipnotizada com a quantidade de produtos. Assim como pais e mães, cada um parando nas que traziam objetos de seus interesses.

Dessa forma, o período festivo do interior, em especial o de Águas de São João, trazia também uma aura de socialização. Era o dia de ver aquele que havia se mudado, perceber como o filho (a) de uma amiga havia crescido, os primos distantes se reencontravam e os adultos colocavam assunto em dias.

A partir de agora, deve-se deixar esses traços efervescentes da memória do pesquisador e ceder espaço aos atores sociais do distrito. Buscando, em alguns pontos, seguir as reflexões de Lima (2017, 2020), explorando, além do que é materializado fisicamente, as percepções, aspectos das vivências e nas memórias, passa-se a perceber a festa de Águas de São João como uma produção social de um determinado espaço. Para as reflexões aqui desenvolvidas utiliza-se o conceito de paisagem cultural. Dentre outras explicações sobre esse conceito, uma se destaca por se enquadrar na prática patrimonial é a da UNESCO: “A adoção da categoria de paisagem cultural da UNESCO, em 1992, se diferenciou dessas concepções anteriores, por adotar a própria paisagem como um bem, valorizando todas as inter-relações que ali coexistem”. (RIBEIRO, 2007, p. 40).

No Brasil, sobretudo a partir da publicação da Portaria 127/09, a Paisagem Cultural Brasileira passou a ser concebida como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (IPHAN, 2009, p. 13). Olhar as dimensões exploradas por meio da paisagem cultural permite ao pesquisador empreender um olhar que considere o todo e as inter-relações dos elementos desse todo.

Após analisar as ponderações de Lima (2017, 2020) e Ribeiro (2007), foi possível perceber que um dos pontos de aproximação dos autores está em observar nas pessoas suas interações com o meio em que vivem. Essa ótica amplia as possibilidades de se pensar na festa de São João do distrito de Águas de São João, a qual, conforme afirma Dantas (2016) tem seu início após a construção da Capela, no ano de 1963.

A construção da Capela e sua inter-relação com os demais elementos do entorno nos permite interpretá-la à luz do conceito de paisagem cultural. A construção da capela é, nas palavras de Dantas (2016), um marco espacial e imagético no centro do distrito. A capela aparece como um ponto central e de referência local, não apenas no sentido de visitação, mas considerando todo simbolismo e coexistência no espaço onde são localizadas as minas de águas sulfurosas, local marcado pela presença de pessoas que veem em busca de esperança.

A interação humana aparece, altera e atribui novos sentidos e significados ao local. O espaço marcado por peregrinação em busca de águas que de alguma forma tragam a cura, passa a ser, também um lugar onde se prevalece a fé cristã. Essa coexistência se constrói continuamente num ir e vir das pessoas que, sobem e descem o caminho que vai da bica à capela.

Pensar a dimensão conceitual da paisagem cultural na forma abordada nessa pesquisa possibilita compreender que não houve, no espaço em que se localizam a capela e as minas de água sulfurosas, a intenção de se criar um afastamento ou negação entre esses bens, mas, pelo contrário, a construção de uma paisagem na qual a simbologia e os sentidos desses bens coexistem. Essa ótica por qual observa-se a paisagem permite a aproximação do conceito de imaginário ora abordado, por Baczko (1985). A partir de elementos apresentados, tal como as festas e a capela, juntamente com as águas, tem-se ao longo dos anos a criação de um imaginário local no qual, por meio das memórias e das tradições, pode ser percebida a construção da identidade cultural do distrito.

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (2010), quando o tema abordado é referente às festas, comumente, olhares são lançados rumos a temas mais corriqueiros como um aniversário, por exemplo. Nesse sentido, cria-se uma ideia de uma ação cotidiana, algo, como

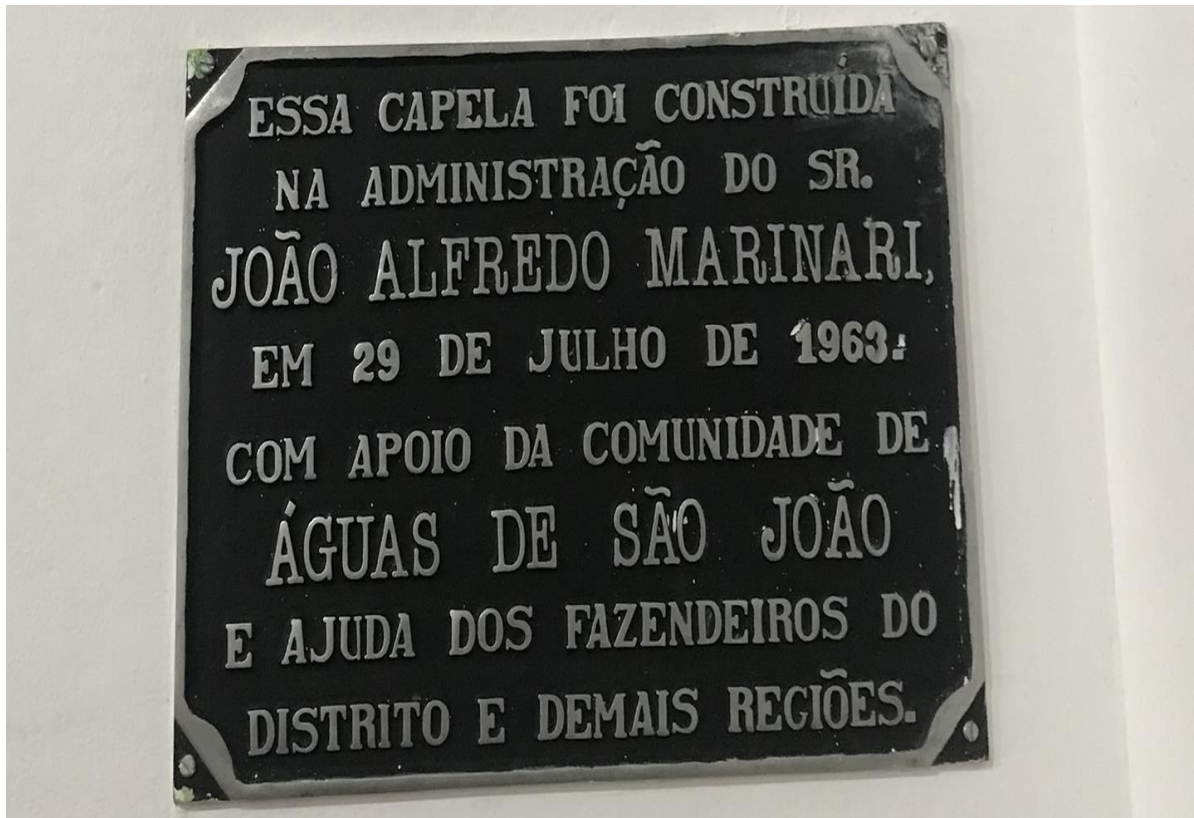
diz o autor, caseiro. E, como um complemento natural, é possível se lembrar de doces e comidas no geral. Mas pensar uma festa nessas medidas pode ser limitador, uma vez que há em sua razão de existir finalidades úteis e, até, fundamentais para a manutenção de aspectos da sociedade em questão.

Segundo o mesmo autor: “Seus rituais veiculam mensagens que fazem circular da sociedade para ela própria significados e princípios que reforçam as estruturas da própria ordem social.” (BRANDÃO, 2010, p. 25). Aproximando as discussões do autor para a proposta desta pesquisa, pode-se compreender que a festa não deve ser compreendida numa dimensão, apenas, contemplativa. Do ponto de vista histórico e social, tal como explora o autor, ela diz muito sobre as intenções da sociedade, de indivíduo e demais segmentos.

Conforme exposto em Dantas (2016), a festa em homenagem a São João Batista foi realizada após a construção da Capela, em homenagem ao Padroeiro local, a partir do ano de 1963. Se anteriormente a manifestação religiosa existia, mediante a crença e, também percebida na nomenclatura local, a partir do ano mencionado, pode-se dizer que institucionalmente tinha-se um marco no distrito. Após a construção desse bem religioso o distrito de Águas de São João passa a ter um local onde concentram-se as atividades festivas e religiosas.

Após analisar as entrevistas realizadas, percebe-se uma ausência de abordagem referente a expressões de religiosidade antes da criação da capela. Mesmo se for considerado que parte das memórias elencadas nas falas dos entrevistados sejam passadas de pai/mãe para filho, o que presume maior abrangência temporal, não são descritos tantos detalhes sobre a festividade em período anterior à criação da capela. Os relatos que envolvem a festa de São João no distrito dizem respeito, temporalmente, ao período após a criação da capela e, espacialmente, ao entorno próximo de onde ela se situa.

Figura 19: Placa referente a construção da Capela



Fonte: Acervo Pessoal (2022)

E escolha da localidade para a realização festiva é imbuída de intencionalidade. Tal como explora Corrêa (2013) sobre a intencionalidade no ato da construção de um bem, a disposição da capela e sua proximidade com as minas de águas sulfurosas (mesmo não havendo nenhum documento que versa sobre) pode ser entendida como uma estratégia de projeção, considerando o fluxo de pessoas que já era comum no entorno das minas.

A construção da capela, tal como na placa apresentada na figura 19, dá ao leitor uma dimensão da articulação social que ocorreu para sua edificação. De acordo com as leituras realizadas foi possível compreender que não houve nada planejado institucionalmente ou por iniciativa da paróquia responsável pelo local (que viria a ser um distrito), prevalecendo então o interesse das pessoas que tinham algum tipo de vínculo com o São João. Retoma-se aqui as análises propostas pelo conceito de paisagem cultural, uma vez que pensar o local onde foi construída a capela equivale considerar a coexistência das duas narrativas e tradições, a das águas e a de São João Batista. O local tipicamente tido como espaço de onde eram retiradas as águas milagrosas de São João, agora era, também, o espaço reservado às homenagens ao Santo padroeiro, São João Batista.

A paisagem cultural se alia bem à dinâmica da festa de Águas de São João, uma vez que a escolha do local onde se realizam as festividades e demais eventos não deve ser pensada ao acaso, mas, com o intuito aparentemente cirúrgico de representar a presença das duas tradições no local que marca uma espécie de epicentro do momento festivo e turístico do distrito. A edificação dos bens, dessa forma, não são apenas o ponto central da observação, mas o que deles decorrem tal como o simbolismo e a percepção da coexistência dos elementos (minas de água e capela).

Em um trabalho sobre as festividades no Estado de Goiás, Magalhães e Soares (2015, p. 67) dizem que: “São, ao mesmo tempo, o marco de devoção e lugar das sociabilidades”. Com base no que fora apurado, por meio das entrevistas, bem como da própria vivência, as festividades de Águas de São João não reavivavam apenas a fé e a crença nos dogmas cristão, mas agiam como uma forma de rememorar a memória coletiva. Um turbilhão da memória e da busca do rompimento com o esquecimento andam de mãos dadas com a homenagem ao padroeiro.

Dessa forma, não será incomum presenciar nas falas dos entrevistados momentos que aproximam toda articulação social das festas, tanto diluídas na convivência, quanto nas redes de amizades locais. Nas falas, a seguir, pode-se perceber que o caráter nostálgico lado sentimental, principalmente dos entrevistados que apresentam maior idade, busca a reconstrução dos elementos rústicos/tradicionais que existiam no distrito.

Abaixo foi realizado um mapeamento dos pontos considerados importantes no que se refere às festividades do distrito. No geral a base deles foram⁴⁶: como era a festa no passado e atualmente? Os entrevistados participaram? E o que mudou? As perguntas foram feitas mediante a disposição do entrevistado. Dessa forma, não seguiram um padrão fechado, eles ficaram livres para os comentários.

Sobre as festividades locais, segundo a entrevistada Santa Bruno de Bastos:

Na minha opinião, o que chamava a atenção era o Ranchão que tinha, era de palha. Tinha muitas barraquinhas, barraquinhas de tudo. Penso que depois, que ficou moderno, o Rancho não é mais de palha, não é mais chão batido, aí, as coisas não acontecem do mesmo jeito. Sem contar que os festeiros da época eram totalmente diferentes dos de hoje. A melhor festa que já teve lá dentro foi no tempo do Chiquinho Trindade. Hoje, às festas não são mais a mesma coisa, não dão aquele impacto mais. Era assim, primeiro tinha a missa. Agora, tem a missa e enquanto ela acontece, muita gente está lá festando. Mas, antes

46 Todas as entrevistas poderão ser consultadas em anexo.

era missa primeiro, depois o leilão e depois, a festa. Agora, hoje é tudo misturado. Um povo está na missa e outro está na festa. (Entrevista concedida em 26/03/2022)

A entrevistada Maria Guimarães Dutra, em sua fala, apresenta elementos que vão além da simples ideia de festa ou de ritual religioso. Ela revela o lado mais comunitário no qual tanto o período festivo quanto o período de preparação se transformam num momento e espaço de união entre os moradores, aspecto este que fica expresso as reflexões de Magalhães e Soares (2015). Sua fala tem um peso ainda maior, uma vez que a entrevista foi feita durante a realização das festividades locais (de 2022), então tem-se nesse ensejo os resquícios da memória, mas com as atualizações do presente.

Hoje foi a abertura da festa, teve o café da manhã e à noite já tem a primeira missa da festa. Olha que eu frequento a festa de São João é desde 1960 que eu morava na fazenda, lá em Poço Redondo. A gente morava lá e vinha festar aqui, a gente vinha até de carro de boi, trazia as coisas, trazia uma barraquinha. Tinha uma senhorinha que morava lá em cima, que é muito minha amiga, ela fazia até a barraca e falava para mim, “Milica, a sua casinha está pronta”. A gente chegava e colocava as coisas e ficava ali até terminar a festa. A festa era assim, todo dia a gente fazia a oração lá na Igreja. O padre não vinha todos os dias, tinha vezes que vinha três vezes durante a festa, vinha no domingo e, às vezes, um dia da semana durante a novena que ele vinha. Mas, era a gente mesmo que fazia as orações, mas depois das orações, a gente ia para o rancho ver os leilões, depois ia dançar. Eu mesma amanhecia até o dia dançando lá, eu e meu esposo. Dançava a noite toda e era bom, viu? E ainda achava era pouco a hora que terminava a festa. [...] E, o rancho era feito de que? Era feito de palha, coberto de palha, ao redor, tudo era de palha e ali, de vez em quando, jogávamos, uma água para acalmar a poeira e, assim alugava as mesas, aquelas de ferro, e as pessoas vinham e ficavam ali e passavam a noite. E tinha bebida né, as pessoas compravam as bebidas no boteco que tinha lá dentro e a gente dançava a noite inteira, brincando. Todo mundo. Vinha muita gente. [...] Mas, por que nós comemoramos no mês de julho? Por causa das pessoas que gostam de participar e, justamente, são alunos, jovens que gostam de participar. Então, aí entrou o tempo das férias, para ter tempo de eles participarem aqui, porque se fosse em junho, não tinha jeito, então, por isso ela ficou sendo em julho. Muita gente faz essa pergunta,” por que que é feita em julho, se São João é de julho?”, aí falei, não, a gente sabe que é de junho. A gente faz a festa pequena, que é dia comemorativo de São João, fazemos a novena, levantamos o mastro, fazemos um café comunitário, tem vezes que fazemos até janta, no dia de São João mesmo, que é no mês de junho, mas a festa mesmo é agora, mês de julho. A gente a chama de festa grande, pequena a gente sempre faz a gente. (Entrevista concedida em 15/07/2022).

Segundo Curado e Lôbo (2015), as festas podem ser vistas como momentos marcados por uma espécie de trocas de experiências, individuais e coletivas. Acrescentam ainda que “são vivenciadas de forma subjetiva quando incorpora valores, crenças, sentimentos de pertencimento e identidades” (CURADO; LÔBO, 2015, p. 59). Dessa forma, abre-se à

possibilidade da seguinte reflexão, os momentos festivos nem sempre provocam nas pessoas as mesmas reações, para alguns pode representar a comunidade, a ação social, para outros o lazer, a sacralidade religiosa (e tantos outros valores).

Exposições como as de Santa Bruno de Bastos e Maria Guimarães são atravessadas por um sentimento constituído pelas experiências de suas vivências que nos são apresentadas como marcas de pertencimento. Suas falas são conectadas por memórias do passado, essas que compõe a memória coletiva e perpetuam aspectos que ficaram tradicionais nas festividades do distrito, por exemplo o ranchão (local onde se fazem os leilões). A realização da festa, no mês de julho, não representa apenas a adoração, mas ao que fica expresso nas falas, bem como das ponderações dos autores acima mencionados, representa a vivência da própria comunidade, o momento das conexões e interações mais próximas.

Para Curado e Lôbo (2015), a identidade pode ser compreendida na relação de valores que são construídos num dado local e que, por meio de suas celebrações/rituais e festas fornecem a solidez necessária para a coesão de um grupo homogêneo. Esse se identifica para além das festividades, mas pelas conexões e padrões adotados ao longo dos anos e dos eventos presenciados.

Seguindo as falas, o entrevistado Guilherme Alves de Lima Costa, apresenta um panorama da realização da festa. Neste, fica evidente os diversos encontros que ocorrem em momentos festivos, entre adorações, encontros e fé, Águas de São João em um mês do ano traz para si a capacidade de aglomerar, reviver e atualizar as esperanças, amizades e fé.

E, São João, embora seja tão parado, pacato, tem um momento forte no mês de julho. É preciso ressaltar que por dois anos não teve por conta da pandemia. Mas, em julho, o povo é atraído pela festa, é um mês de férias, mas é um mês que há mais de 50, 60 anos celebra a festa do padroeiro que dá nome à cidade, São João Batista. Ali, é um momento que reúne gente, pessoas que tiveram casa, que tem parentes, que passaram por Águas de São João e vão para essa época. E, pessoas de fora, da redondeza também vão. Há uma certa religiosidade muito forte na figura de São João Batista, porque na tradição religiosa, na figura bíblica, ele é o Batista, porque ele é quem batiza. Muitos pais faziam promessas, há muitos anos, de levarem o filho para batizarem no distrito por conta do padroeiro. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

As entrevistas realizadas nos mostram um exemplo prático de como as relações sociais desenvolvidas promovem a construção da identidade local. A entrevistada, Mariana Machado da Silva Gomes, dá o seguinte depoimento, sobre uma aproximação e integração com o grupo das festividades e celebrações religiosas:

Eu comecei como coadjuvante, participando, só indo e depois entrei na parte religiosa. À Jennifer tinha uns 2, 3 anos quando passei a ir na Igreja, frequentar. Aí, daí em diante, fui sempre à igreja, peguei gosto, me apaixonei pela religião e fui frequentando e ajudando, até que ajudo em tudo na igreja e na festa. O que puder fazer, eu faço. [...] Sim, tiveram muitas diferenças. A comunidade em geral e os visitantes diminuíram bastante. Tinha mais gente, era mais movimentado, mas sinto que era mais alegre. Começando pela Igreja, era mais cheia, tinha mais gente. As brincadeiras também diminuíram à zero. Hoje em dia, não tem. Na última festa, eu acho que teve Cavalgada, só a Cavalgada, mas sem a prova da argola (vinha os cavaleiros correndo e passava uma lança dentro das argolas pequenininhas). (Entrevista concedida em: 24/04/2022).

Conforme exploram Curado e Lôbo (2015), é possível entender que a participação de indivíduos nas festas (ou outros momentos festivos/celebração/rituais) levam a uma espécie de criação ou estabelecimento de vínculo com o local. Essa reflexão pode ser percebida de forma concreta na entrevista de Mariana Machado da Silva Gomes. Em sua fala ela deixa nítido que sua integração como um dos membros que ficam a frente de assuntos vinculados a capela (religiosidade local) não ocorre de forma imediata, mas com o tempo e de acordo com sua participação desses momentos. Assim, o envolvimento na/com a festa leva ao conhecimento mútuo, à formação de vínculos comunitários e ao sentimento de pertencer a um lugar.

Levando em conta as narrativas das entrevistas e as reflexões de Stuart Hall (2006), pode-se compreender que a constituição da identidade local presume a presença e interação da pessoa com o local. E, conseqüentemente, por meio da integração com as práticas sociais ali desenvolvidas. Segundo o mesmo autor: “(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não inato (...)”. (HALL, 2006, p. 39).

Até este momento fica evidente que o imaginário local, conforme explora Baczko (1985), era criado na medida em que se popularizavam alguns dos costumes locais. Cada caso de cura, milagre, a possibilidade de retornar melhor das estações juntamente com a divulgação desses temas por meio de relações interpessoais e pela mídia⁴⁷, criava um ambiente a ser buscado. As notícias que cada vez mais ganhavam uma dimensão simbólica levava os sentimentos de fé e esperança aos que de longe buscavam e àqueles que ali se encontravam.

Não se pode afirmar que o tráfego de pessoas no distrito poderia ser considerado semelhante ao da capital, no entanto também não se pode dizer que era ínfimo. Segundo o entrevistado, Renato de Bastos Teixeira:

⁴⁷ Basta pensar nos anos de 1934 e as matéria na Informação Goyanna.

[...] na festa de São João, em julho, era muita gente de cidade grande, uma galera nas Cavalgadas que caçavam uma argolinha pequena, só que depois de um tempo, sumiu também. Mas, não era a galera de Itapira, porque sempre foi quem veio de Goiânia, quem veio de fora, Brasília e vinha muita gente. São João era irreconhecível na época da festa. Aí, você fica pensando que o problema não era só Itapira, porque não era só de lá que vinha esse tanto de pessoa. Sumiu todo mundo, entrou em crise também depois de um tempo. (Entrevista concedida em: 16/04/2022)

Em sua fala fica evidente que a Festa de São João não era desconhecida. Ela chamava a atenção das pessoas que viviam nos arredores e daqueles de outras regiões (um exemplo citado foi a região Norte). De acordo com as entrevistas, o momento festivo atraía um fluxo maior de turistas, se comparado ao presente, e isso pode ser pensado como uma das formas de promover maior divulgação da cultura e costumes locais: dentre outras, destacam-se as falas e causos que fazem referência aos usos das águas (as narrativas e as histórias da importância das águas para a saúde das pessoas e o surgimento do distrito).

A última entrevista realizada foi de Etelvino Camargo Costa Carmo. Ele, se comparado aos demais entrevistados é novo na comunidade, trabalha de guarda na ARIE, mas não significa que desconhece os valores e costumes ali existentes. Da sua posição, na *guarita*, pode presenciar as festividades de perto, vendo o fluxo de pessoas que vão para as minas de águas sulfurosas, para a capela ou mesmo as que ficam ali transitando entre as barracas e a praça. Segundo ele:

É uma festa muito alegre, tem uma raiz cultural grande e demonstra também a importância da religião com a cultura e a ligação com a água. A água é definida por muitos como milagrosa, tem essa ligação. E é uma festa que acontece só uma vez por ano, é o momento que movimenta a cidade, porque, no restante do ano, é uma cidade bem pacata. Então, é legal até! (Entrevista concedida em: 23/07/2022).

Apesar de não possuir um vínculo como os demais moradores, o ponto interessante de sua fala é a percepção de que há uma ligação entre os elementos abordados (festas e águas) que ajuda a criar uma dimensão cultural e singular do local. Apesar de não estar explícito, entendemos que sua fala apresenta uma das visões que as pessoas (normalmente turistas) passam a ter do distrito, de o imaginar na relação entre a religiosidade e as curas pelas águas sulfurosas.

No dia 23 de julho de 2022 a festa de Águas de São João foi vista e, mentalmente, confrontada com resquícios do passado vivido pelo pesquisador. Na mescla de sensações que envolvem o pertencimento e o desconhecimento, foi possível observar mudanças e conservação

de alguns costumes. Falando paradoxalmente, foi uma sensação de visitar um estranho conhecido.

O que outrora fora aquecido pela presença e o fluxo de pessoas, agora encontrava-se em uma condição de menor intensidade. Numa breve abstração: o pesquisador entende que o passar dos anos pode mostrar os mesmos elementos, entretanto com tonalidades distintas. As novidades muitas vezes causam pequenos conflitos com os resquícios da memória que são evocados no instante da observação.

Independente das diferenças percebidas, relacionadas à dimensão material da festa, alguns detalhes (ou repetições) mantiveram-se: a roda de pessoas em pequenos grupos para conversar, crianças correndo entre os adultos, presença de vendedores e barracas de comerciantes, movimentação nos trajetos que levam as minas de águas sulfurosas e a capela. Um fato observado e interessante, considerando o período festivo, foi a constante presença de pessoas (adultos e crianças) indo à bica para buscar água e alguns provando-a pela primeira vez.

Abaixo, seguem algumas fotografias feitas durante a festa que podem ilustrar a percepção atual da dinâmica e fluxo das pessoas no local. Apesar de não obter algum documento que apresente a quantidade total dos que participaram das festividades, bem como de lucros obtidos pelos proprietários das barracas, é possível perceber que se trata de um número menor de visitantes (caso comparado com as narrativas das entrevistas). Constata-se que a festa de São João, por mais tradicional, tal como na fala dos entrevistados, encontra-se mais restrita que no passado⁴⁸.

Abaixo seguem algumas fotos que apresentam a entrada no espaço da festa. Por meio delas poderão ser observadas o portal, algumas barracas, vendedores e o fluxo de pessoas nesses locais.

⁴⁸ Ficou evidente nas falas dos entrevistados que há uma grande diferença na realização das festividades no passado e no presente. Antes foi dito que era maior e mais carregada de ações enquanto na atualidade encontra-se com a mesma importância, porém, estruturalmente com menos atrativos.

Figura 20: Portal de entrada para a Festa de São João



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Sabe-se que a festa é um dos atrativos do distrito, logo, em todas as entrevistas foi mencionada, seja de forma geral ou específica, nas falas dos entrevistados. Nas menções à festa foi possível perceber duas formas de abordagens: o saudosismo e o estranhamento. Na primeira, as falas são orientadas rumo aos detalhes que no passado davam brilho à festa, dinâmicas como

pau de sebo e pega argola (entre outras)⁴⁹. A ação em si não é o mais importante, mas tomada no contexto, entendendo-se que fazia parte das muitas atrações que existiam e que deixaram de ser praticadas no evento; a segunda forma de perceber a abordagem da festa está marcada pelo sentimento que defronta a realidade e esboça nas diferentes narrativas a saudade como uma forma de expressão de pertencimento ao local e do orgulho de uma época.

Figura 21: Visão da entrada da Festa de São João



Fonte: Acervo pessoal, 2022

⁴⁹ Em especial, as falas de Santa Bruno de Bastos, Renato de Bastos Teixeira, Mariana e Guilherme demonstram aspectos e algumas dinâmicas que eram marcas da festa no passado.

Figura 22: Visão da entrada da Festa de São João 2



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 23: Barracas na Festa de São João



Fonte: Acervo pessoal, 2022

O espaço festivo e o fluxo de pessoas ficaram menor. Os caminhos entre as poucas barracas oferecem um pequeno corredor que termina na bica, de frente à praça e, logo acima, a capela. Durante os dias de louvor a São João Batista esse percurso é feito constantemente, seja pelos fieis ou as pessoas que vão ali apenas para lazer. Neste momento, todos estão diretamente em contato com os elementos elencados nessa pesquisa. Não é incomum perceber as pessoas bebendo um pouco de água e seguindo à capela.

Partindo da premissa de Lima (2017, 2020), de que o patrimônio pode ser visto também nas ações que existem e resistem ao esquecimento, podemos afirmar, então, que a festa de Águas de São João que no passado viveu seu auge, hoje está cristalizada na memória dos moradores. Retomar tal evento e anunciar grandes momentos pretéritos pode ser entendido como uma das ações que ajudam a se identificar e criar laços de pertencimento, uma característica que está implícita na constituição identitária de acordo com a abordagem de Durand (2002).

As duas imagens que seguem são interessantes para pensar no espaço festivo como um ponto de conexão da população, que não está atenta apenas às expressões de fé, apesar do momento marcar o louvor ao santo padroeiro. Entre águas e religiosidade, podemos dizer que a sede por cada crença é saciada nesse momento.

Figura 24: Barracas na Festa de São João 2



Fonte: Acervo pessoal (2022)

A fotografia acima retrata uma atividade muito comum nos dias festivos⁵⁰, a busca de água na bica para pessoas que estão na festa desenvolvendo algum trabalho (nas barracas, por exemplo). Essa observação não foi percebida apenas em 2022, voltando às memórias do pesquisador no ato da escrita, pode-se afirmar que o mesmo já fez isso durante as visitas no local.

Figura 25: Momento que precede a missa em frente à capela.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Nessa foto, feita antes do início da missa, nota-se a presença das pessoas entre a capela, a praça e as minas de água sulfurosas. O ambiente marcado pela coexistência dos bens é percebido como partes de uma só dimensão. Reencontrar amigos, reviver memórias e beber das águas, temos uma conexão com elementos e valores num mesmo evento.

⁵⁰ Infelizmente a foto não retratou com precisão, mas o momento se trata de um casal de crianças que buscavam água para os pais que trabalhavam em uma das barracas próximas ao portal da entrada.

Uma ação trivial é a passagem das pessoas pelas minas para provar das águas antes de seguir para a capela. Isso demonstra que, mesmo no momento da festa em adoração ao santo padroeiro, o elemento água ainda recebe destaque local. Trata-se de um momento em que as pessoas que vem para viver o momento da fé aproveitam para fazer uso ou experimentar, sobretudo pessoas idosas, conforme foi observado.

A festa de Águas de São João seguirá, não se pode afirmar que o futuro reserva grandes mudanças ou alguma superestrutura. Mas com base nas conversas com moradores acreditamos que continuará um evento acolhedor, local em que o cristão encontra seu espaço de fé e devoção, onde o crente no milagre busca alguns feixes de esperança e onde o turista encontrará grandes histórias que trazem ao distrito uma aura amalgamada de fé, crença e milagres.

2.3 ARIE DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO: ENTRE O USUFRUTO E A PRESERVAÇÃO

No ano de 2000, com a criação da Área de Relevante Interesse Ecológico, tal como exposto no decreto nº 5.182, de 13 de março de 2000, “Art. 2º - A Área de Relevante Interesse Ecológico instituída no artigo anterior destina-se a preservar os mananciais, a flora, a fauna e o paisagismo na área de surgimento das águas sulfurosas do Distrito de São João (...)” (GOIÁS, 2000, p. 1), ocorre uma ruptura nas formas de se viver e conviver com a delimitação da área de preservação. Esse local, de acordo com as narrativas que versam sobre o passado, foi muito explorado, por um lado, por turistas que buscavam o descanso (por ser um lugar cercado pela mata, sem tanta movimentação) e devido ali estar a biquinha, os banheiros e as grutas de onde se retiravam o barro para uso.

Tal como expresso:

Art. 3º - Na ARIE Águas de São João ficam proibidos: I - a instalação de atividade de exploração mineral que possam causar alterações na quantidade e na qualidade das águas sulfurosas; II - o exercício de atividade que prejudique ou impeça a regeneração das plantas nativas; III - as ações que ofereçam riscos à sobrevivência das espécies da biota nativa existente no local; IV - a colheita de produtos naturais, quando a mesma colocar em risco a conservação ou o equilíbrio homeostático dos ecossistemas da ARIE. (GOIÁS, 2000, p. 1)

Enquanto eram levantadas informações sobre a ARIE foi possível perceber que agora devido os cuidados e proteção para com o local, houve o rompimento de costumes que foram, e ainda são, marcas da identidade local. A criação de um portal onde guardas passam a controlar quem entra e sai impedindo a fluxo de automóveis e motocicletas, por exemplo, dificultaram as

visitações das pessoas, especialmente de idosos, que correm riscos ao passar por aquela estrada pedregosa.

Abaixo, um exemplo: por meio dessa imagem pode-se perceber que não se trata de um trajeto regular. Essa foto foi feita no mês de janeiro de 2022, observando-a, atentamente, é possível notar que o efeito das chuvas no solo pode oferecer riscos às pessoas que passam por ali. A quantidade de folhas, galhos e, junto, as pedras, formando uma camada vegetal em decomposição (escorregadia) pode levar a quedas.

Figura 26: Caminho que leva aos banheiros e bica de água sulfurosa



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A segunda abordagem considera as justificativas apresentadas pelo Decreto, entretanto as entende sendo prejudicial à cultura local. Se no passado, enquanto terreno aberto, as pessoas trafegavam livremente (utilizando automóveis, bicicletas e até motocicletas) tinha-se a possibilidade de acesso com maior facilidade. Com a implementação dessas mudanças as pessoas, paulatinamente, se afastam de seus próprios bens culturais. Dessa forma, tem-se em

ocorrência duas visões, uma que apoia a existência da ARIE e outra que, mesmo na aceitação, questiona como é feita toda a proteção, uma vez que na visão dos próprios moradores acabou impedindo o contato direto entre pessoas e bens locais⁵¹.

Por meio das palavras dos próprios entrevistados, tais óticas podem ser observadas. Os dois trechos abaixo foram organizados na sequência por explorar principalmente as possibilidades e as visões regulamentadas pelo decreto nº 5.182, de 13 de março de 2000. As falas são de pessoas que não residem no distrito (Santa Bruno de Bastos e Renato de Bastos Teixeira), e a percepção de ambos foi estritamente pautada nos ganhos oferecidos pela proteção ambiental no local demarcado.

Segundo a entrevistada Santa Bruno de Bastos:

Bom, acho muito importante como estão preservando lá, sabe por quê? Porque as pessoas vinham, levavam o barro e comercializavam fora. E não era pouco, era em grande quantidade. Então, isso daí, foi bom demais, maravilhoso. Está de parabéns quem fez. (Entrevista concedida em: 26/03/2022)

Para o entrevistado, Renato de Bastos Teixeira:

Tem que ter mesmo, precisa ser até mais rígido. Para falar a verdade, vai resolvendo porque o povo não estaria tirando ali ao redor. [...] Aquela região do banheiro, que eu falo que é Mata Atlântica, você sai dali é Cerrado, árvore baixa. A gente ia caçar na beirada do Val, chegava, passava, era uns 2 km andando, ia tomar banho no Val, voltava ao redor, era tudo Cerrado. Caçava passarinho ao redor ali, passava no Sabugo, no terreno dele, caçava lá, voltava, os pedaços eram tudo Cerrado normal. De vez em quando ia para o Tio Adão porque eu era muito jovem, até uns 6, 7 anos e morei numa fazenda a 7 km de São João. Tinha um avô que se chamava Inhorin, ele morava uns 5 km, um pouco antes na beirada da estrada com a avó Miguelina. Às vezes, a gente ia para lá, para aquele pedaço [...] Ia para lá, banhava na beirada do rio e ficava nessa. Na verdade, era isso, caçar e brincar. (Entrevista concedida em: 16/04/2022)

Os ambientes retratados pelos entrevistados são apresentados como uma espécie de ponto de socialização/encontro de pessoas, sejam para o lazer ou para o conhecimento, este oriundo da curiosidade. Pode-se afirmar, então, que o local é fixado na história do distrito como um espaço integrador e socializador. A mudança na rotina pode promover descontentamento e falta de compreensão de uma visão maior, considerando o meio ambiente que passa a ser protegido pela ARIE. Se esse espaço é visto apenas por sua possibilidade de lazer (marcado

51 Argumentos percebidos de forma mais diretas nas entrevistas de Mariana Machado da Silva Gomes, Otília dos Santos Teixeira Pinto e Maria Guimarães Dutra.

também por visitas) as regras podem soar como um problema/impedimento ao morador. Contudo, caso não fosse protegida, a área estaria vulnerável ao fluxo de veículos, caças (mesmo de animais menores), exploração de madeira, barro e água.

Sobre essa insatisfação, ainda que marcada pela compreensão, pode ser notada de forma ainda mais nítida nas falas daqueles que ainda vivem em Águas de São João. A primeira percepção e exposição foi da entrevistada Mariana Machado da Silva Gomes, que vive no distrito com sua família. Pensando sobre a criação da ARIE, ela diz:

Teve seus prós e contras. Tinha muito fluxo de gente lá, as pessoas iam, faziam piquenique, faziam acampamento, iam com carro, sem carro, hoje não pode fazer nada disso. Ficou chato, não pode ir lá fazer um piquenique, não pode colocar um som, não pode fazer muita coisa do que se fazia antes. [...] Ainda vem às pessoas para conhecer e ver, tem quem não conhece ou que tinha muito tempo que não vinha, aí vem e dão de cara com a guarita. Tem as vigilâncias, os seguranças que ficam lá [...] E, eles estão lá para não deixar ninguém entrar, estão fazendo o serviço deles. A gente, comunidade, não gosta do serviço que eles fazem, mas é o serviço deles, então, respeitamos. [...] Hoje tem restrição de entrar naquela área lá, não pode entrar, entram poucas pessoas e à pé, não pode ir de carro. (Entrevista concedida em: 24/04/2022)

Guilherme Alves de Lima Costa, na mesma linha de entendimento que Mariana Machado da Silva Gomes, deixa evidente alguns pontos que apresentam concordâncias. Ambos destacam a importância da preservação, contudo evidenciam as diferenças agora tidas no local e em suas formas de lazer e envolvimento com a área protegida.

São João, como disse no início, era algo natural, quase um trieiro, coisa bem simples. Os banheiros de tomar banho, era algo muito simples, a praça era em chão batido, a quadra, era tudo muito rústico. Quando o estado se apropriou daquilo ali, destrói os banheiros que eram antigos, refazem toda uma arquitetura, quando eles declaram aquilo ali como Patrimônio, parque ecológico, criam uma guarita. Houve, inclusive, na época, que se cobrava para entrar no Parque. Hoje, quando você vai em Águas de São João, já se deteriorou um pouco, mas há um portão grande, portal para entrar no parque que tem uma porteira de madeira. Essa porteira por um tempo foi fechada para que nenhum carro pudesse chegar lá. A ideia era se proteger, porque estava acabando com a vegetação, com o barro que era próprio de lá. Levavam o barro para vender. A dona Maria Santana era uma senhora que pegava barro para vender. Ela fazia bolas de barro, ficava lá na bica esperando gente de fora vir para comprar o barro dela. Então, houve a questão do estado de querer barrar isso. E, isso acabou prejudicando o local. As pessoas estavam acostumadas a ir para encontrar algo muito rústico e, de repente, há uma arquitetura que não era comum. Há um espaço que deixou de ser o que era, dando lugar a estruturas que antes não tinham. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

De acordo com Lima (2017, 2020) o patrimônio, também, se revela na resistência. Se alinharmos nosso entendimento com a autora passamos a identificar um problema, por meio das falas dos entrevistados. Estariam eles, por meio de medidas jurídicas, sendo afastados de seus próprios patrimônios? Ou presencia-se uma nova forma de relação com seus próprios bens em andamento?

Falas que seguem o mesmo raciocínio são encontradas na entrevista de Maria Guimarães Dutra, moradora local. Fica evidente que expressa um sentimento de frustração provocado pelo impedimento de acesso ao local da bica e dos banheiros, como no passado. A mudança implementada pelo Estado ajudou a proteger o local, tanto que é evidenciado por Santa Bruno de Bastos e Guilherme Alves de Lima Costa no tema da extração de barro para fazer bolas, que posteriormente poderiam ser vendidas, ou mesmo para uso pessoal⁵². Entretanto para as pessoas que ali moravam, bem como aos que vem de fora, essa alteração nas formas de lidar com o ambiente fez com que muitos fossem barrados pelas dificuldades de acesso aos bens.

De acordo com Maria Guimarães Dutra:

Tem outra coisa também, proibiu muito as pessoas de irem lá. Aqui, fizeram parque e lá perto da bica puseram uma cancela. Era aberto, então iam lá, banhavam, isso tem tempo, aí, foram lá e fecharam a cancela. Ai, passava por debaixo do arame e iam. E com essa pandemia, proibiram de ir lá. Fechou mesmo. Agora mesmo, tem muita gente lutando para ver se abre. Quem gostava muito de ir lá tomar banho eram os idosos, porque você se sente bem, chega lá, toma banho dos pés a cabeça e se sente levinho, aquela coisa maravilhosa. E como dá conta de subir lá? Não dá⁵³. Então, isso atrapalhou demais o uso da água. Mas, estamos lutando. Dizem que vai ir lá, ficar umas horas aberto para pessoas irem. Isso atrapalhou muito porque, eu não conheço, passo por aqui, vejo a água lá, a bica que ficou para o lado de fora da cancela, ai eu quero ir lá e tem esse empecilho de não poder ir lá, e aí, não conheço nada. Porque eu vou embora, não vou ficar esperando a pessoa abrir para mim. Na pandemia não abria para ninguém. Eu falava, gente o que que tem, uma vai lá e vem, dois vai lá e vem. O que tem? (Entrevista concedida em: 15/07/2022)

52 É sabido que a exploração desse material sem os devidos cuidados pode prejudicar a fauna e flora local, mas o interessante é que não havia um questionamento sobre essa prática por nenhum dos outros moradores. Por meio das entrevistas foi possível perceber normalidade sobre esse tema.

53 Para compreensão do leitor: o trecho na ARIE que leva da entrada aos banheiros passa por um caminho marcado por leve subida, o chão repleto de pedras e restos de vegetação que, conforme o período, encontram-se secas ou em decomposição. No geral, tais circunstâncias podem ocasionar algum acidente para os que passam por ali.

Os piqueniques já não ocorrem com a frequência de antes, os momentos de lazer e descontração, fuga da correria, também, foram perdendo a essência que tinham no passado. As entradas/passeios não são totalmente proibidas, desde que não quebrem as regras. Agora, devido se tratar de uma área protegida, o percurso é feito apenas a pé. A criação e aplicação de regras ao local faz com que as facilidades que existiam no passado sejam proibidas, com o intuito de manter a preservação do meio ambiente. Um dos pontos argumentados nas entrevistas está centrado na afirmação, direta e indireta, de que as regras impedem o contato do morador com seus próprios bens. E, especificamente, no caso dos idosos a impossibilidade de usar qualquer tipo de veículo na ARIE torna o trajeto mais complexo diante a irregularidade do solo, a presença de pedras, os restos da vegetação do entorno que pode, no ato da decomposição, gerar um tipo de matéria orgânica que se torna escorregadia.

Nas falas anteriores, principalmente dos que vivem ou viveram no distrito, as narrativas pairavam sobre a importância da proteção, mas, paralelamente, traziam a visão de que a proteção, por mais importante que fosse, trouxe consigo a descontinuidade de alguns hábitos que ocorriam em dado ambiente. Contudo, o que pode ser perceptivo é o estranhamento da população com as regras de preservação (que vão desde a proibição da caça até a locomoção sem veículos) na área preservada.

Segundo Otália dos Santos Teixeira Pinto:

Com esse cuidado excessivo, ficou excessivo até demais. Tem muita gente que não conhece e é gente de São João mesmo, criança que não conhece a mata, não conhece as lendas, porque quando a gente estudava, eu estudei em Águas de São João mesmo, uma vez por semana, a escolinha levava a gente lá para mata do banheiro para pegar casca de cigarra e ficava na árvore para explicar como acontecia. Uns cachimbinhos que falavam que era o Saci que estava fumando cachimbo na mata e tinha deixado. Hoje em dia, as crianças mesmo, a Maria Clara mesmo não chegou a ir. Para você ver, a Maria Clara já tem 15 anos, não chegou a ir na mata do banheiro para estudar. Então, acabou bastante um pouco da história da mata, dos milagres, acabou bastante. (Entrevista concedida em: 06/07/2022)

Sua fala traz uma importante abordagem que a pesquisa visa explorar, o sentido de pertencimento desenvolvido pela comunidade. Como ele opera? Como surge? E qual é a sua importância? Questões como essas ajudam a compreender que o processo de constituição identitária é formado por meio do próprio local em que se vive, na dinâmica do cotidiano e suas

marcas que acabam por orientar novas ações e, geram nas pessoas uma espécie de sentimento de pertencimento social.

Otália expõe um problema local, que na verdade é reflexo de uma crise da sociedade moderna. Ela entende que a forma como são organizadas as relações, sociais e educacionais, podem colocar em perigo a própria identidade local, uma vez que se percebe uma tendência de afastamento da própria comunidade dos elementos identitários do distrito em que vivem. No geral, sua fala está mais aberta e pondera, inclusive, sobre posturas pedagógicas que, com o tempo, se afastaram de muitas atividades que colocavam as crianças em contato com os bens do distrito.

O entrevistado Etelvino Camargo Costa Carmo, um dos guardas da ARIE, questionado sobre sua função e objetivos da ARIE, faz o seguinte depoimento:

O objetivo principal aqui é proteger as águas. Na época que foi criado, não foi pensado bem, então colocaram uma especificação muito abrangente. Queremos especificar que é um patrimônio natural. A água deve ser o objetivo geral da Unidade precisa estar focada e envolvida nisso. E essa categoria, ela abrange uma facilidade maior de recursos. À questão de recursos, também, com a nova Secretária do Meio Ambiente que temos aí, estamos conseguindo alguns avanços, quanto à questão de captar recursos de fiscalização, por exemplo, compensações ecológicas, esses tipos de verba que antes não eram aplicadas direto na Secretaria do Meio Ambiente, agora estão sendo aplicadas. Já tem previsão de projeto para revitalizar com a possibilidade de um dinheiro já vir para reformas emergenciais e melhorar questões turísticas ao mesmo ponto, criando mais atrativos. Então, já foi desenvolvido um projeto, que é um projeto básico, de ideias, uma empresa foi contratada pelo estado para desenvolver o projeto. Agora, estamos na fase de desenvolvimento do plano de manejo. O plano de manejo define as especificações da unidade, o que falta mais é isso, “o que pode ser feito?”, “o que não pode ser feito?”, através disso, teremos o plano de manejo que irá demonstrar as demandas que temos, facilitando maiores recursos para desenvolver isso. (Entrevista concedida em: 23/07/2022)

As falas que fazem menção a ARIE tomam como ponto de partida a percepção e as memórias das pessoas que viveram, direta e indiretamente, nesse local. Se, no passado havia um contato sem tanta restrição, atualmente parte dos costumes passaram a ser questionados (considerando a necessidade e importância de preservar a área). Lidar com as mudanças na forma de experienciar o mesmo local promoveu questionamentos e falas que mostraram certa insatisfação por parte dos moradores.

Refletir sobre a ARIE em Águas de São João faz com que a pesquisa não se atente apenas aos aspectos naturais que compõe esse espaço, vai além seguindo rumo a constituição das relações sociais do próprio distrito. Deve-se destacar alguns pontos: segundo Pelegrini (2006), a concepção de patrimônio cultural está ligada à de memória, uma vez que os bens preservados o são devido os laços de pertencimentos e sentidos que eles despertam em determinado grupo e/ou comunidade. Bens que são preservados não são pensados apenas como âncoras do passado fixadas no presente, mas como espécies de projeções e marcas de uma construção de vínculos que perpassam da memória individual à coletiva implicando a constituição identitária.

As ponderações de Pelegrini (2006) são importantes nesse momento por oferecer uma reflexão que permite compreender que a ARIE não é vista apenas como uma reserva natural, mas como uma parte cristalizada na memória de indivíduos com resquícios de suas vivências no local. Fica evidente, por meio das entrevistas, que a insatisfação não é resultado apenas do descontentamento com as novas regras, mas, também, surgem como uma forma de estranhamento para com uma nova forma de se organizar nesse espaço.

Segundo Pelegrini (2006, p. 119):

Sob esse enfoque o conceito de patrimônio ambiental adquire dimensões sociais, cujo significado aponta a materialização dos sentidos atribuídos no decorrer do processo histórico e lhe imprime uma perspectiva dinâmica, uma conotação que fomenta a consciência do uso comum do meio e, principalmente, a responsabilidade coletiva pelo espaço. (PELEGRINI, 2006, p. 119)

Não apenas uma reserva, a ARIE de Águas de São João é um espaço que marca o desenvolvimento de relações de pertencimento. Por meio da explicação de Pelegrini (2006), fica explícita a relação da memória na formação do pertencimento, essa sendo vista para além de uma relação individual, está presente na memória coletiva e, também, nos reflexos sociais que o imaginário local potencializou.

Dessa forma a atitude local que mostra traços de insatisfação com as regras que marcam a área preservada não surgem apenas pelo fato de não frequentarem como antes, mas vem de um remodelar das ações que agora podem ser desenvolvidas/praticadas nesse local. Deve-se ressaltar que, conforme relatado nas entrevistas, não ocorreu uma ruptura das visitas da população à ARIE, mas uma delimitação e ajustamento das práticas que naquele local poderiam ser feitas. Se, antes, poderia ser pensado em momentos com som (seja ele automotivo ou de outra categoria), piqueniques e demais atividades, agora pode-se pensar ainda no lazer, no

descanso e até no uso do local como um dos cartões de visita do distrito, entretanto, mediante as normas que visam a proteção e preservação da natureza ali presente.

Por meio, principalmente, das falas de Mariana e Guilherme percebe-se que havia um fluxo mais intenso da população nesse local. E, a partir da entrevista de Etelvino, verifica-se que atualmente local pode ainda ser usufruído, mas acompanhado de normatização que visa a conservação, o que de fato promove alterações na relação entre as pessoas e a ARIE, o que, ocasionalmente gera conflitos.

2.4 O MITO FUNDADOR: “TUDO COMEÇA COM AS ÁGUAS”

Cada um dos temas mapeados anteriormente possui sua parcela de importância na construção da identidade do local, mas quando se versa sobre as águas os caminhos se entrelaçam entre abordagens de fé e esperança. Nas palavras de Dantas (2016), *tudo começa com as águas*.

As águas estão presentes na estruturação e dinâmica social do local, manifestam-se nas expectativas da fé e esperança, estão presentes na curiosidade daqueles que não as conhecem e se arriscam a alguns goles e, evitando qualquer extremismo, estão sólidas na vida das pessoas que as veem como o elo entre elas e o distrito.

Os trechos que seguem são resultados de conversas direcionadas às seguintes questões: como as águas foram descobertas? Conhece algum milagre promovido por elas? Conhece alguém que faz ou fez uso? Acredita que elas podem prover algum milagre? Não dito de forma explícita, mas subentendido, tem-se aqui uma navegação por entre as memórias dos entrevistados, sendo essas parcelas individuais que, percebe-se como também coletivas num olhar mais abrangente.

Se, anteriormente, as águas foram exploradas numa dimensão historiográfica, agora parte-se rumo às emoções e os laços da memória. São os atores sociais que manifestam suas visões. Não serão apenas apontamentos científicos, mas uma possibilidade de navegar entre os simbolismos construídos e compreender a criação do imaginário local.

A entrevistada, Santa Bruno de Bastos, ao ser questionada sobre sua crença nas possibilidades milagrosas decorrentes da utilização das águas, diz:

Eu acredito no milagre sim. Para mim, o milagre existe, pelas histórias e pelas pessoas que a gente já viu. [...] A água era usada por meio do banho só com ela e também para beber. [...] O barro era utilizado para cicatrizar feridas, tinha muita gente que naquele tempo ia para lá com lepra e aí, se curavam com

barro. Passava o barro e curava. [...] Sei da minha vó e da minha sogra falarem disso. (Entrevista concedida em: 26/03/2022)

Falar sobre as águas, mais que qualquer outro tema no distrito de Águas de São João, implica uma reflexão que não consiste apenas com o passado recente. A pesquisa é levada ao distante, a tempos que não são localizados historicamente (considerando datações), que são resumidos na expressão antigamente, no passado e as pessoas falavam. Essas formas de exploração da historicidade do local em que vivem, buscam caracterizar e apontar um momento fundador. Nas reflexões de Durand (2002) e Pesavento (1993) sobre os temas de identidade e imaginário, é possível entender como esses conceitos têm relação com uma interpretação e com uma cosmovisão partilhada. Até mesmo, ex-moradores reconhecem vínculos em vários pontos de referências ali construídos, que caracterizam sua percepção de mundo, sua referência valorativa, suas formas próprias de explicar as coisas e os fenômenos existentes e retraduzidos pela relação entre indivíduo e comunidade.

Dessa forma, as falas que seguem terão um fio em comum quando se trata de pensar os usos das águas, sejam pelas pessoas que carecem de algum tipo de cura ou mesmo considerando sua existência e relação com o distrito. Assim, conforme a entrevistada Mariana Machado da Silva Gomes:

Agora, só para beber mesmo, porque várias das pessoas aqui, no caso, sou exceção. Não bebo, não faço uso dela em casa. Gosto dela só para tomar banho mesmo, só vou lá e muito raramente. Mas, tem gente aqui que só bebe ela, só serve para beber se for ela. Se sair da comunidade para viajar, leva um tanto de água e passa um sufoco por não ter ela quando acaba. Se vai trabalhar nas fazendas, leva uma garrafa com a água. No geral, é só para beber mesmo. Só se tiver fazendo algum tratamento, eles banham. [...] O barro não é mais utilizado por conta daquela guarita que colocou lá, não permite mais tirar o barro. Mas a água é maravilhosa e os que usam, hoje em dia, é só para beber. [...] Acredito por conta de conhecer pessoas que tomaram e fizeram o tratamento. Por isso, acredito. Tem uma senhora, que sou muito amiga, que acredita muito nessa água. Tem várias pessoas em São João que alegam ter sido curadas, que faz bem, que estão bem, que faz bem para o estômago, para à pele. (Entrevista concedida em: 24/04/2022)

Sua fala apresenta uma condição temporal clara a ponto de o leitor perceber algumas das mudanças na percepção dos próprios locais. O simbolismo resiste nas gerações recentes, muito embora a água atualmente não seja consumida da mesma forma como no passado, tal como por meio dos banhos.

A seguir, no relato de Mariana Machado da Silva Gomes, fica, implicitamente, possível de ser observado que ela se coloca na condição de crer no elemento, mas, ao mesmo tempo,

como marcas de uma nova geração, explica que apenas a usa quando vai ao banheiro para banhos. Segundo ela:

Para pele e cabelo, eu garanto que é boa. Para beber, eu não gosto. Sou suspeita para falar dela na bebida. Para tomar um banho, lavar o cabelo, ela é ótima, deixa o cabelo e a pele maravilhosos. E o estômago, também muita gente gosta dela. Pode se dizer sim que é milagrosa, tem seus milagres. (Entrevista concedida em: 24/04/2022)

Uma história frequentemente narrada quando se questiona a respeito do conhecimento sobre a ocorrência de algum milagre, é a seguinte, relatada por Mariana:

Acho que, basicamente a mesma história (da pessoa que tinha tantas feridas que chegava a juntar moscas, a família não aceitava, ela fugiu de casa e começou a usar, mesmo sem saber, o barro e houve uma melhora). Tinha um livro que contava essa história. Mas, de alguém falar que aconteceu com conhecido, não. (Entrevista concedida em: 24/04/2022)

Agora, na fala de Maria Guimarães Dutra:

Eles relatam muita coisa até a histórias que ouço, que mais ouvi dos mais velhos, que mais concordam na questão da criação do distrito é a história de um milagre. E várias pessoas já presenciaram. Eles associam essa cura com o milagre. É uma história até engraçada, assim, que ouvi mais recorrente. Nessa região, antes, só tinha algumas propriedades rurais e tinha um fazendeiro que era bem de vida. Mas, ele pegou uma doença de pele e a família associou isso à Hanseníase e, nesta época, eles isolavam a pessoa. Ele ficou muito desgosto em relação a família e saiu para o meio do mato, para morrer no mato. E, chegando aqui, nessa região, que era muito brejada, tinha muito caititu. E ele vendo os caititu rolando no barro que criava aqui. Ele ficou aqui, tinha muitas feridas e pousava moscas nela. Aí, resolveu passar o barro para as moscas não pousar e não criar bicho nele. Ele ficou por aqui e passava barro e tomava banho e foi vendo que estava melhorando e quando o encontraram, ele estava totalmente curado. Ai, associou ao milagre. A partir daí, foi formando esse vilarejo. (Entrevista concedida em: 15/07/2022)

Essa não é a única parte onde as narrativas se encontram projetando um imaginário em comum que, em certo sentido, tem a possibilidade de orientar a dimensão simbólica sobre os usos das águas sulfurosas no local que daria lugar ao distrito. Os mitos fundadores são socializados, compondo a memória de um povo. Enquanto memória, as representações povoam o imaginário local. No caso do distrito, seu surgimento ora é atribuído a este milagre narrado, ora à imagem de São João Batista encontrada nas águas do local.

Segundo Reimer, Abadia e Freitas (2022, p. 193):

Do ponto de vista conceitual, podemos dizer que um mito é um relato de um acontecimento originário, no qual deuses ou heróis fundantes agem e

cuja finalidade é outorgar sentido a uma dada realidade. Neste sentido, um mito, em si, não se refere a uma realidade historicamente comprovada, mas remete para algum tempo ou momento originário ou originante. Por isso, muitos mitos começam com alguma expressão do tipo “naquele tempo ...” (in illos tempore) ou “quando ainda não ...” (illud tempus).

Na sequência, explorando as narrativas sobre os usos e benefícios das águas sulfurosas, é apresentada a entrevista de Guilherme Alves de Lima Costa. Questionado se ouviu ou conhece algum caso em que elas ajudaram a quem fez seu uso, ele diz:

Conheço! Meu avô era um exemplo vivo, ele faleceu a três anos atrás. Ele tinha uma ferida na pele, uma espécie de micose e a água ajudou que cicatrizasse aquela micose. Depois, recentemente, encontrei em Águas de São João, encontrei uma senhora de Fazenda Nova, que pertence também ao estado de Goiás, próximo a Jussara, Dona Amelinha que estava lá justamente fazendo um tratamento com as águas. Ela estava com uma coceira no corpo e foi para lá para usufruir dessa água. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

As águas ganharam a fama da cura e, como consequência, pode-se deduzir numa alteração da dinâmica local⁵⁴, uma vez que turistas chegando implica no aluguel de quartos, consumo de comida e bebidas, por exemplo.

Numa fala que mescla a busca pela esperança com a dinamização social, Guilherme Alves de Lima Costa mostra que, mesmo de forma implícita, pequenas mudanças ocorriam e, essas, aos poucos dariam mais fama ao distrito (possibilitando a chegada de mais pessoas):

Mas, há centenas de pessoas que passavam por Águas de São João. Dezenas de pessoas passavam por ali e eram pessoas desconhecidas por nome a nós. Como estávamos sempre na praça, víamos pessoas que se hospedaram na pensão de dona Zefa, que era bem próximo ao centro do Distrito que você via, ao longo do dia, indo 2, 3 vezes ao banheiro tomar banho. E, aí você perguntava a essas pessoas e elas falavam que estavam fazendo estação. Fazer estação era ficar 21 dias usufruindo da água. [...] Me recordo de uma senhora que tinha tanta ferida na pele que ela ia para o banheiro enrolada num lençol, porque não podia nem vestir roupa. Ela ia para lá usar do barro e da água e, depois de 21 dias, ela, de fato, estava com a pele transformada. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

Em conexão com as falas anteriores, a próxima é de Maria Guimarães Dutra. Sua entrevista é carregada da experiência construída mediante sua vivência no local. Explorando alguns momentos que viveu/presenciou, ele expõe a importância que as águas tiveram na vida das pessoas, sejam as que ali vivem e as que vem de fora:

54 Algo que já era exposto nas palavras de Zoroastro Artiaga e Marechal Eduardo Sócrates (na Informação Goyanna).

Casei em janeiro, cheguei aqui em janeiro de 1978. E não tenho intenção de mudar daqui a intenção de mudar daqui é dali para cima. Da entrada da cidade. Vivo aqui muito bem, eu já vi muitas coisas que acontecerem. Pessoas doentes chegarem aqui, Marlon, com lepra e ir tomar banho na água e sair dali curado. E sem ser desse jeito, já vi pessoa que vinha tomava água e sentia muito bem, porque passava mal de alguma coisa. E essa alguma coisa ele tomava a água e sentia bem. Então, isso até hoje. (Entrevista concedida em: 15/07/2022)

Para além das narrativas sobre curas milagrosas, podemos observar gradativamente a mudança da dinâmica do local, uma vez que novas relações entre o interior e o exterior do distrito moldam-no, chocam-se e se conhecem paulatinamente, e proporcionam, em decorrência disso, interações e trocas de conhecimento que além de formar e perpetuar novas leituras, reforçam a persistência das narrativas do imaginário do distrito. O caráter mais rústico, também abordado por Guilherme Alves de Lima Costa, que era comum ao local, concomitantemente, foi cedendo lugar às pequenas mudanças decorrentes da modernização. Mesmo hoje quando se fala com os moradores existe um sentimento de nostalgia, os detalhes são lembrados desde as brincadeiras na porta da rua ou das folhas utilizadas para cobrir os ranchos durante as festividades de julho.

Era muita gente naquela época que vinha fazer estação, mas aí você sabe, as coisas vão melhorando e as coisas, às vezes, fica até difícil. Então, o povo foi se afastando porque não tinha mais onde se acomodar. Porque eles traziam barraca, trazia lona, fazia barraca, ficava 21 dias, então o espaço foi ficando pequeno porque foi fazendo casa. Naquele tempo não tinha nem casa de telha quer ver? Tinha uma na esquina, a segunda lá na estação e o grupo só. O resto tudo era de palha, entendeu? E essa aqui, onde moro, só tinha uma metade de telha, o resto tudo era de palha. Então, foi melhorando, porque hoje nem casa de palha tem, porque não pode tirar palha e ninguém quer. As coisas foi melhorando. (Entrevista concedida em: 03/05/2022)

O progresso chega lentamente. O distrito ainda segue pequeno e com uma aura acolhedora, marcado por um povo simples. A pessoa se sente acolhida num ambiente muito tranquilo. Na medida em que se populariza as curas promovidas pelos usos das águas sulfurosas o distrito passa a se ajustar para comportar a movimentação. A estrutura urbana do distrito se transformou com o passar do tempo, haja vista que, várias características interioranas foram modificadas, adaptadas, reformadas para acolher tanto os seus residentes quanto os transeuntes. Mesmo a economia interiorana mostra vestígios desses pequenos e visíveis confortos proporcionados pela vida moderna. O progresso, simbolicamente e materialmente, como vimos de forma geral na fala acima, se enraíza no local.

Até onde foi conhecido e pesquisado, não é possível localizar de forma oficial a história do distrito, por falta de mais documentação. No entanto uma fala se torna uma das pilastras que conseguem juntar a descoberta das águas e o crescimento do local que futuramente seria o distrito. O caso é contado por Maria Guimarães Dutra, mas não é localizado via documentos, apenas pela tradição oral. Segundo a entrevistada:

Foi assim, o que me contaram, foi um senhor já bem idoso e não é pessoa que mente. Então, naquele tempo, que nem existe Águas de São João, o gado era solto, não tinha negócio de pasto que a pessoa cercava não, era largado, né? Então, o vizinho mais perto que tinha aqui, o gado dele era mais bonito do que dos outros, aí eles perceberam por que que é mais bonito? Aí, o peão, que mexia nos condados, chegou perto do gado e o gado estava lá, bebendo a água. Ai, ele desceu do cavalo, foi lá na água, bebeu e viu, “Uai, essa água não é natural, essa água é diferente. O gosto dela é completamente diferente. Eu não dou conta de beber essa água”. Mas, então, era por isso que o gado tinha o pelo maravilhoso. Foi a partir daí que descobriram que ela era uma água mineral, uma água que curava, que fazia tudo. E ele (o peão) tinha uma ferida na pele, ai ele pegou e pensou, “Essa água tem um gosto diferente, vou lavar minhas pernas”. Pegou, lavou a perna dele e foi embora. Ai, ele se sentiu melhor e voltou de novo e foi lavando, foi lavando e a ferida curou. Assim, contou esse senhor, ele chamava Manoel. A partir daí, descobriram que essa água tinha esse tanto de cura. (Entrevista concedida em: 15/07/2022)

Ao longo das entrevistas foi possível perceber que, normalmente, as narrativas de cura/milagre estão localizadas no passado. Certa *hereditariedade* é percebida nos resquícios das memórias que são evocadas, enquanto falam. Tem-se exemplos de histórias que passam de avós para pais e, sucessivamente, aos filhos, configurando aqui o que Michel Pollak (1992) chamará de memória por tabela. O passado se aproxima do presente pela memória e imaginário. Mas isso não quer dizer que não haja alguma forma de presenciar esses exemplos atualmente. Segundo Maria Guimarães Dutra, ainda hoje, sua família possui laços com o distrito. Não vivem ali, mas fazem o percurso de Anápolis à Águas de São João constantemente, em busca das águas. Os reflexos de um passado permanecem vivos no presente. Mais que isso, vivos e atualizados. Tem-se nesse exemplo um grupo familiar que mantém vivas as tradições e esperanças promovidas pelas águas:

Primeiro contei para você aquele caso da moça que chegou aqui. Ela ia tomar banho, ela ia em lepra, ia coberta de lençol, ia desse jeito porque não tinha como colocar roupa no corpo. E ele foi tomando banho e com 15 dias já foi vestida com a roupa dela. Já estava tudo limpo, limpinho a pele dela. E aqui mesmo, até hoje a família está aqui, tem muitos anos, os pais deles, o casal veio, ficou aqui fazendo estação. Compraram uma casa aqui, pegam água daqui, levam para Anápolis, leva a caminhonete cheia de água, tambor de 5 litros, garrafa pet, de 20 litros, 10 litros, enche e leva. Lá eles repartem para família, veem que a água vai acabar, voltam de novo e vem pegar dessa água.

Só usam dessa água. Tem um outro fazendeiro também que só usa a Água de São João. Passa e pega, vai para Goiânia, leva. (Entrevista concedida em: 15/07/2022)

O relato de Etelvino Camargo Costa Carmo apresenta uma perspectiva que não se encontra alinhada a ideia da água milagrosa, talvez por não pertencer à comunidade e não comungar dos mesmos valores e imaginários.

Questionado sobre a crença no milagre existente para muitos dos que fazem uso do líquido, ele responde:

Pessoalmente, como milagre não, acho que é mais ciência. A gente tem que ter uma análise mais específica dessa água, mas pelos componentes que temos das análises antigas, temos o sulfato (enxofre), ele já tem essa propriedade já conhecida de curar essas coisas de pele. E, tem outros elementos como o bicarbonato, o pH da água, que é considerado bom, então, acredito mais no fator científico dela. (Entrevista concedida em: 23/07/2022)

Segundo Armstrong⁵⁵ (2005, *apud* Reimer; Abadia; Freitas, 2022), ainda que não forneça dados factuais, um mito se torna verdadeiro pela sua eficácia, por permitir uma cosmovisão, um significado profundo para quem dele comunga, por dar novas esperanças. Nesse sentido conceitual, ainda que as histórias narradas pelos moradores não sejam absolutamente verdadeiras, o mito fundador de Águas de São João, o qual atribui às suas águas um caráter miraculoso, é válido porque, embora remeta a um enredo imaginário, se realiza no concreto para dar sentido à realidade da comunidade local em seu contexto.

As entrevistas apresentaram perspectivas distintas e própria do distrito de Águas de São João, na visão de quem naquele momento versava sobre. Foram exposições enriquecedoras, no que se refere a construção e representação de um determinado contexto histórico amalgamados de sensibilidades e da percepção do espaço em que vivem. Dessa forma, elas apresentaram uma visão da forma com que a população lida e vê seus próprios bens culturais.

Após contar com a participação de adultos, expondo seus entendimentos e percepções sobre os bens de onde vivem, porque não explorar um público mais jovem? Parte-se da seguinte ideia: as crianças que vivem e estudam no distrito estão sob tutela de suas famílias, logo, se apropriam das visões e dos valores dos seus responsáveis. Pode-se dizer que com o tempo, é possível que elas passem a reproduzir conhecimentos aprendidos com os pais como uma forma de apreensão dos elementos que as cercam, o que também, segundo Pollak (1992), configuram memórias que constituem identidades. Dessa forma, o ato de produzir um mapa

⁵⁵ ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

mental pode ajudar a expressar uma ideia que foge do campo das palavras e se aproxime daquilo que está em seu âmago, sua percepção mais íntima, apresentando, então, uma mescla do que se ouve, se vê e compreende mediante sua percepção.

2.5 ÁGUAS DE SÃO JOÃO NA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS: MAPAS MENTAIS REVELANDO SIGNIFICADOS

Trabalhar com os mapas mentais não envolve apenas a observar a realização de algumas ilustrações, eles “são desenhos concebidos a partir das observações sensíveis, da experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas (...)” (KOZEL; LIMA, 1999, p. 211). Essa metodologia aplicada aos rumos da pesquisa delineados pelo pesquisador permite compreender que, além da materialidade, a reflexão patrimonial pode ser desenvolvida a partir da percepção, no que resiste ao tempo e se solidifica no espaço por meio dos costumes e formam os laços de pertencimentos.

De acordo com Kozel e Lima (1999) os mapas mentais podem oferecer muitas informações sobre as percepções que uma pessoa tem de um lugar ou outro tema específico. Utilizar essa metodologia implica em abrir espaço para que o registrado em uma folha, por meio de um desenho, que possa expressar a representação de determinado aspecto da realidade. Com base nas mesmas autoras, ficou entendido que nenhum dos desenhos a serem utilizados são desprovidos de informação.

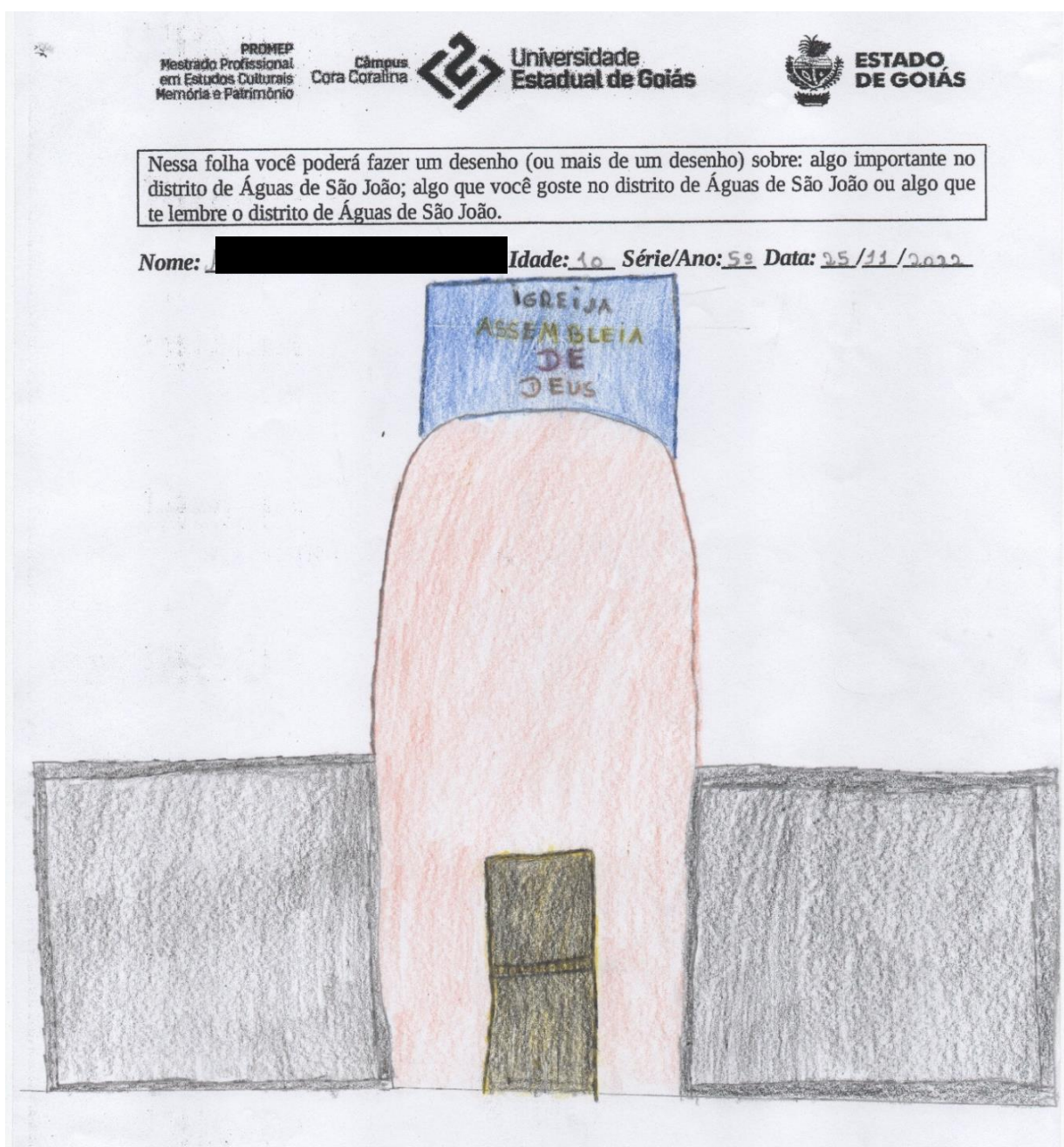
Nesse sentido, “Uma imagem ao ser construída ou decodificada passa por diferentes filtros e linguagens, o que é inerente a cada indivíduo, que estabelece códigos simbólicos próprios de acordo com a sua visão de mundo”. (KOZEL, 2013, p. 59). Assim como uma criança pode descrever um local com traços grandiosos e, no futuro, voltar e ver que se tratava de proporções menores, construir uma imagem implica na percepção e na forma que vivem, com quem e como os responsáveis também compreendem. Assim, as representações do imaginário permitem estabelecer relações entre o modo como cada criança enxerga o seu lugar e como cada lugar compõe a paisagem.

Quando o foco esteve sobre as narrativas produzidas pelas entrevistas, pôde ser notada uma convergência nos relatos. Agora, tendo como objeto os mapas mentais, pode-se dizer que algo similar ocorreu, entretanto, através da observação das representações. As figuras que seguem são organizadas de acordo com os temas que foram colocados no papel. Buscou-se alinhar as que apresentavam com maior evidência os templos religiosos, após as que tinham

como acréscimo elementos naturais (como as árvores, minas de água, entre outros) e, por fim, as que mesclavam tais elementos juntamente com os que foram construídos ao longo dos anos.

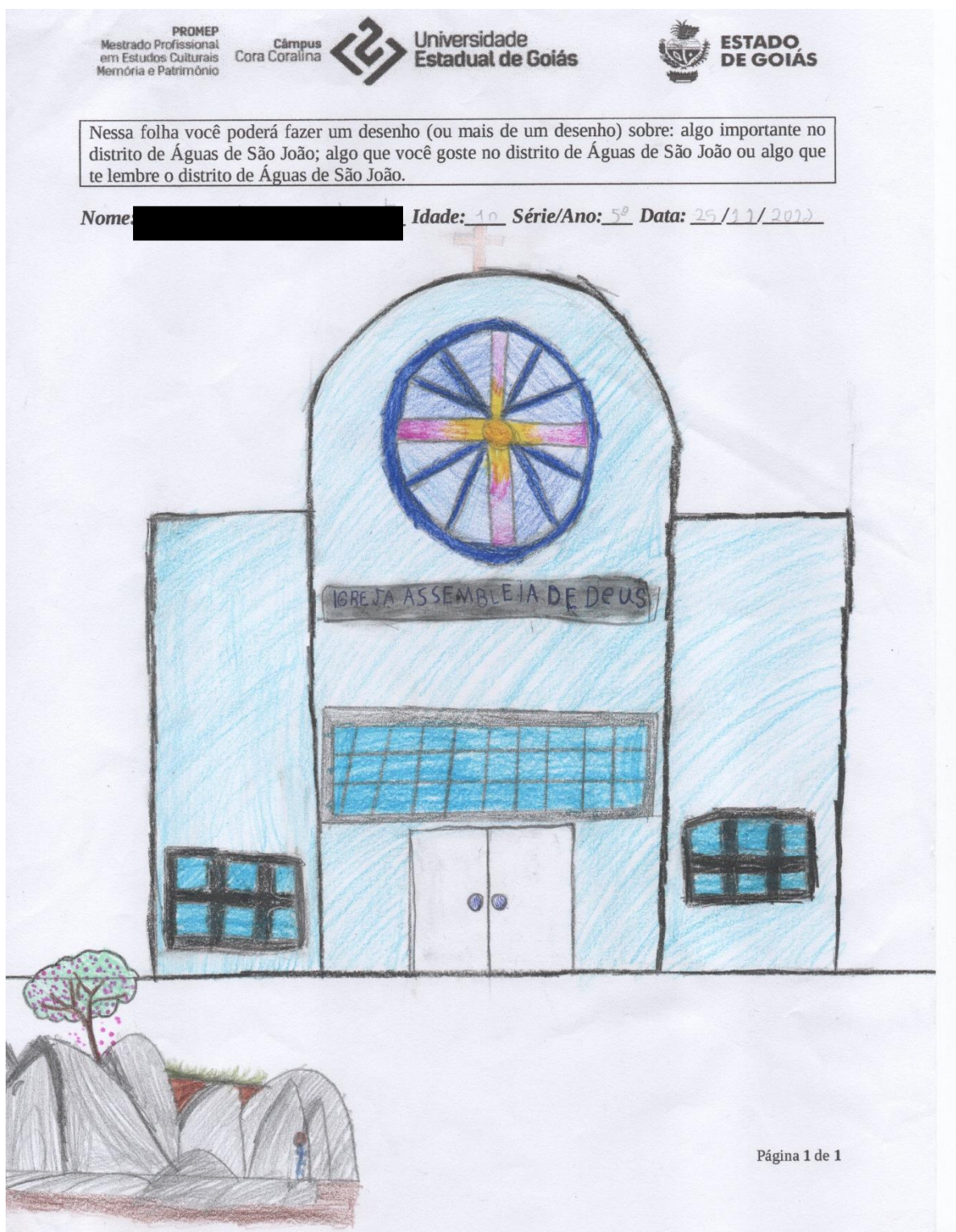
Apesar de constar na folha, ressaltamos que o enunciado foi aberto para livre exercício da criatividade da criança. Foram evitadas questões que pudessem induzir uma criação determinada: “*Nessa folha você poderá fazer um desenho (ou mais de um desenho) sobre: algo importante no distrito de Águas de São João; algo que você goste no distrito de Águas de São João ou algo que te lembre o distrito de Águas de São João*”.

Figura 27: Mapa Mental – Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 28: Mapa Mental – Igreja Assembleia de Deus e Bica



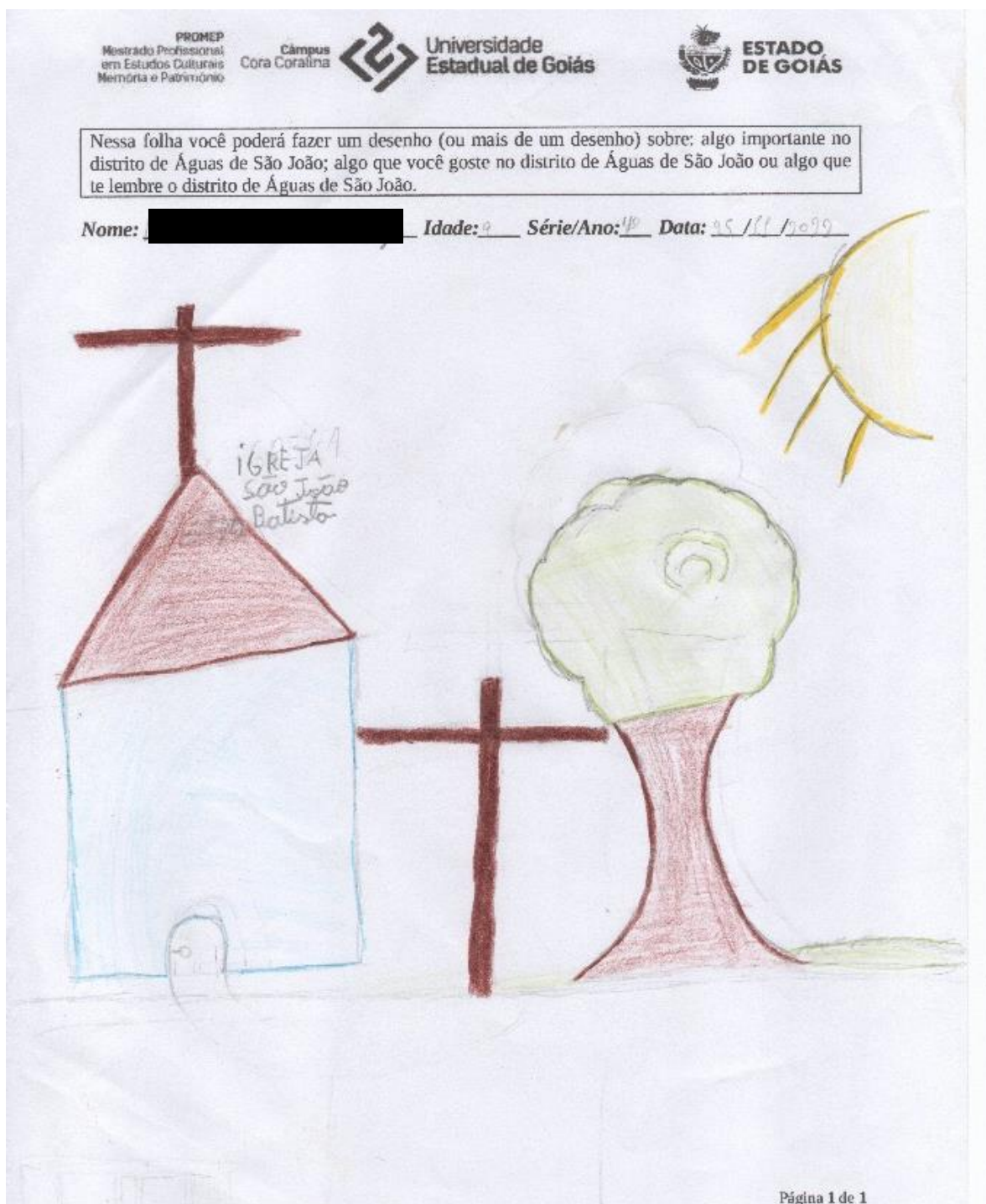
Fonte: Acervo pessoal (2022)

As duas imagens acima (27 e 28) apresentam uma mesma lógica: a dimensão da Igreja e sua disposição no centro da folha; trata-se de uma instituição evangélica (“Igreja Assembleia

de Deus”). Ao focar no tamanho que foram desenhadas não seria leviano dizer que para as crianças (quicá suas famílias) a Igreja é o ponto sagrado e uma das localidades mais importantes que frequentam no distrito. Detalhe interessante fica expresso na segunda, Figura 28: apesar de se retratar a instituição religiosa na centralidade, na parte inferior, em menor escala, encontram-se algumas pedras desenhadas que podem ser entendidas como as minas de águas sulfurosas (importante se atentar ao pequeno ponto azul que marca o local por onde jorra a água).

Baseado nas análises de Kozel (2018) sobre os mapas mentais, nenhuma imagem é desprovida de sentido. Dessa forma, pode-se afirmar que a “Igreja Assembleia de Deus” está para as duas crianças como um dos pontos de referência do lugar, um local que adquire importância, que gostam e que as levam a recordam do distrito. Neste momento, não há como negligenciar a fala de Maria Guimarães Dutra quando diz que os evangélicos não creem nos milagres das águas sulfurosas, isso abre uma possibilidade de pensar e até compreender a não representação das minas de águas na Figura 27. Por outro lado, a Figura 28 pode mostrar outra perspectiva, a coexistência das duas tradições. Caberia indagar, em outras pesquisas, em que medida o crescimento das instituições religiosas de matriz protestante no distrito arrefecem as crenças e os imaginários locais associados às águas e ao santo padroeiro? Esse crescimento estaria relacionado às mudanças na festa e na forma com as pessoas vivenciam seus espaços?

Figura 29: Mapa Mental – Igreja de São João Batista, árvore e sol



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 30: Mapa Mental – Igreja de São João Batista e sol

PRONEP
Mestrado Profissional
em Estudos Culturais
Memória e Patrimônio


Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

ESTADO
DE GOIÁS

Nessa folha você poderá fazer um desenho (ou mais de um desenho) sobre: algo importante no distrito de Águas de São João; algo que você goste no distrito de Águas de São João ou algo que te lembre o distrito de Águas de São João.

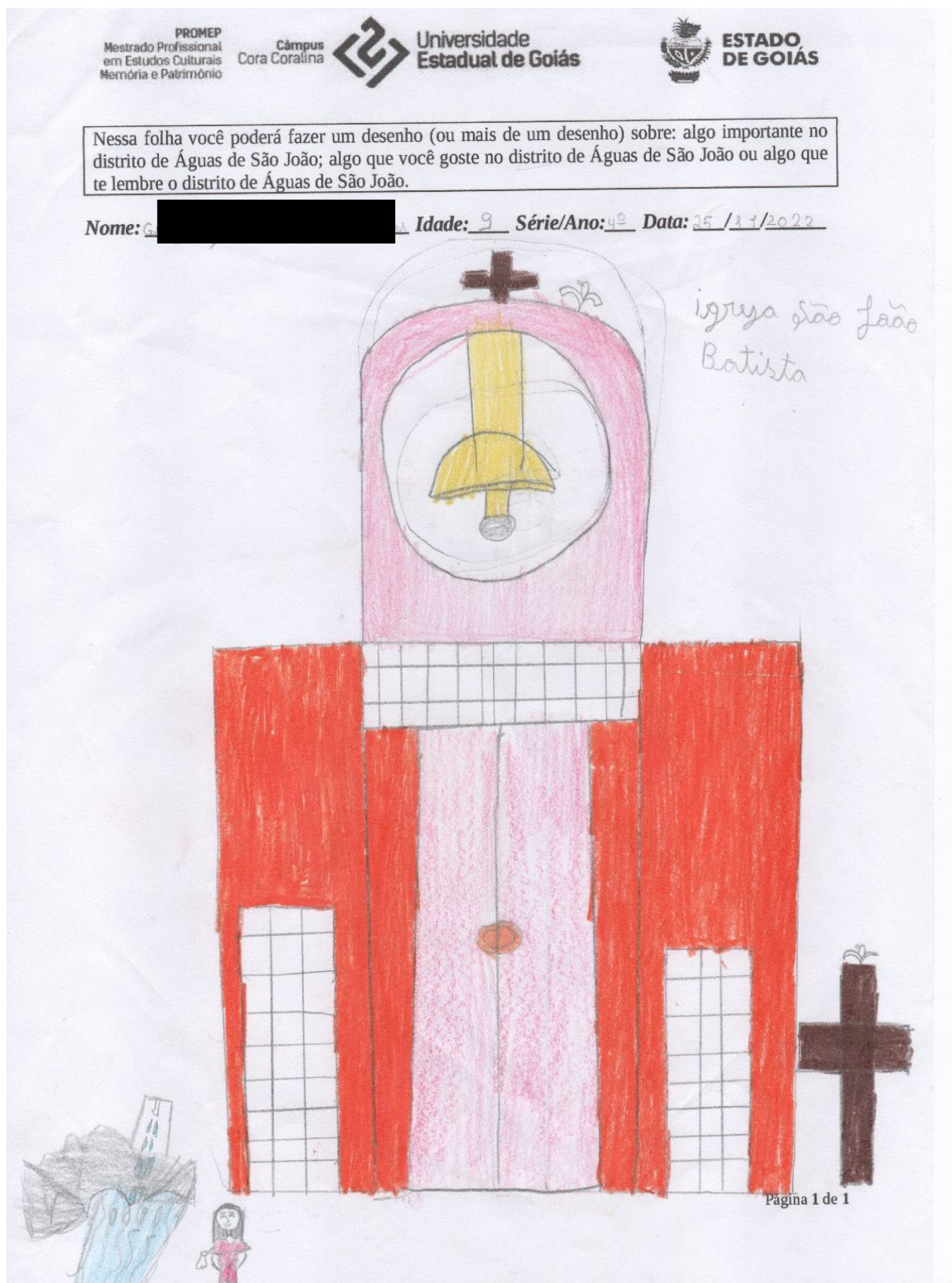
Nome: [REDACTED] Idade: 8 Série/Ano: 2^o Data: 25/11/2022



Página 1 de 1

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 31: Mapa Mental – Igreja de São João Batista e Bica



Fonte: Acervo pessoal (2022)

As imagens acima trazem a representação da Capela de São João Batista (apresentada pelas crianças como Igreja de São João Batista). Na primeira e segunda, Figura 29 e 30, é possível observar sua presença e centralidade acompanhadas de elementos naturais como de árvores, do sol e das nuvens. Na seguinte (Figura 31), observa-se a presença das minas de águas sulfurosas e a presença humana. Durante as entrevistas, todas pessoas católicas com quem falamos respeitam e creem nas águas como um elemento importante ao distrito e, portanto, essa imagem pode representar essa ideia, uma vez que as minas estão desenhadas ao lado da capela.

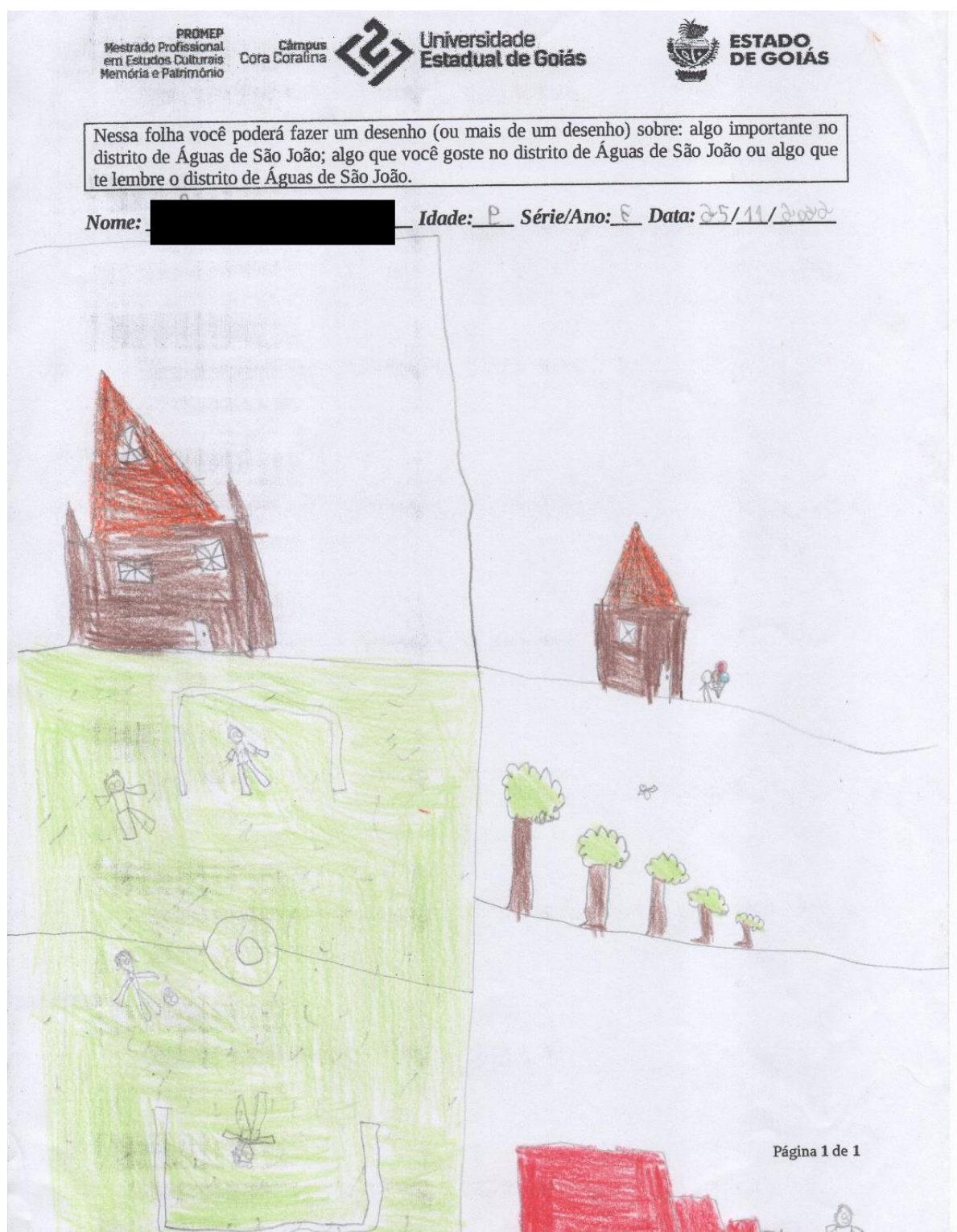
Interessante observar que a dimensão da “Igreja” nas imagens acima ocupa parte maior da folha e, basicamente, o seu centro reforçando, mais uma vez como a religião é estruturadora da vida social e como inculca nos indivíduos um sentido topofílico de hierofania.

Essa percepção ainda nos remete a outra ideia, abordada por Corrêa (2013), de que todo bem construído nos passa uma mensagem e, de forma geral, quer ser visto. Uma das questões que surgiu no início dessa pesquisa era o interesse em pensar a localidade das minas em detrimento da capela, sendo aberta a reflexão de que a localização topográfica de destaque na paisagem presumiria superioridade em relação às crenças milagrosas das águas sulfurosas, ou ainda, associaria o caráter “milagroso” à figura do padroeiro e do templo. Nessa ilustração essa ideia fica clara quando se nota a proporção da “Igreja” ao lado das minas.

As primeiras imagens, especialmente, tiveram uma característica em comum: apresentaram de forma centralizada a Igreja/capela ou outra representação que estivesse ligada a um aspecto da religiosidade (como no caso de uma Cruz, Figura 29). Nas próximas, a presença da capela será constante o que evidencia sua centralidade na vida da comunidade, o que pode ser ainda reforçado pelas festividades em homenagem a São João Batista. Como os mapas foram feitos por crianças será comum perceber ao longo das ilustrações a presença de elementos que tem relação com o lazer, estes são representados por meio da praça, parquinho e a quadra de esporte, localizada na ARIE. Além disso, há a presença de árvores, o que sugere o apreço pelo ambiente bucólico da paisagem que a arborização local propicia.

As imagens acima apresentadas, mesmo em suas singularidades, apresentam alguns pontos que podemos ter como base para compreender o caráter e força da tradição religiosa no local. Na medida em que eram lidas as entrevistas e pensadas nas produções dos mapas metais entendemos que o local é permeado socialmente pela forte presença da religião e, essa, pode ser percebida inclusive na abordagem feita pelas crianças. A igreja, nesse caso, pode representar o local sagrado e, também, aquele local que é relacionado ao lazer, onde as famílias vão aos domingos fugindo da rotina de casa.

Figura 32: Mapa Mental – Capela, Quadra de esporte, árvores e a Bica

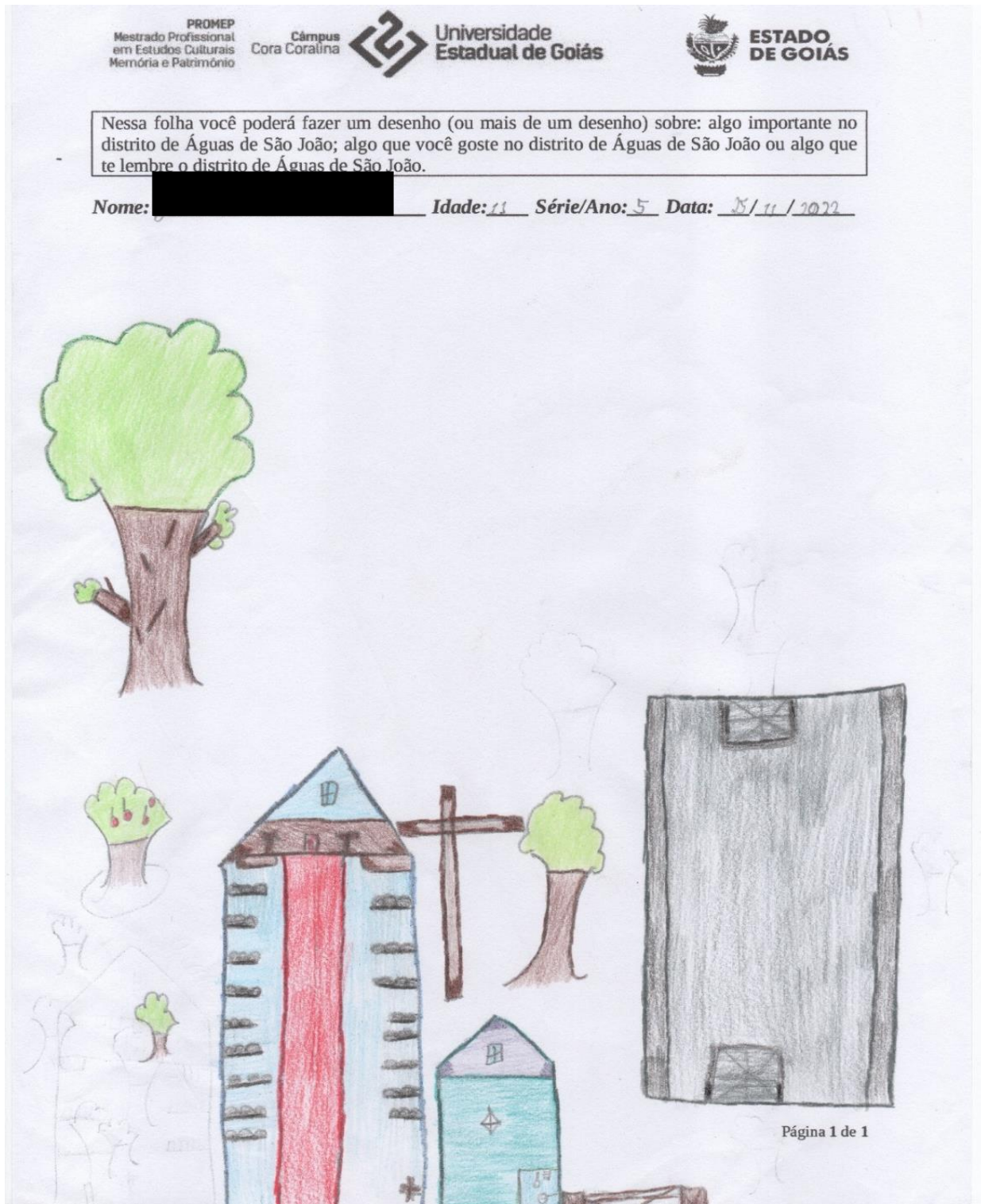


Fonte: Acervo pessoal (2022)

Uma vez que o enunciado abre margem para mais de uma pergunta, foi observado que muitas crianças não se mantiveram restritas apenas a uma única ilustração. Algumas, inclusive, foram extremamente detalhistas elaborando um mapa com os principais pontos do distrito. A

imagem acima, Figura 32, traz algumas exposições que podemos entender da seguinte forma: capela (superior esquerda), escola (superior direita), quadra (abaixo da capela), ARIE (abaixo da escola) e a bica de águas sulfurosas (de vermelha, abaixo da ARIE).

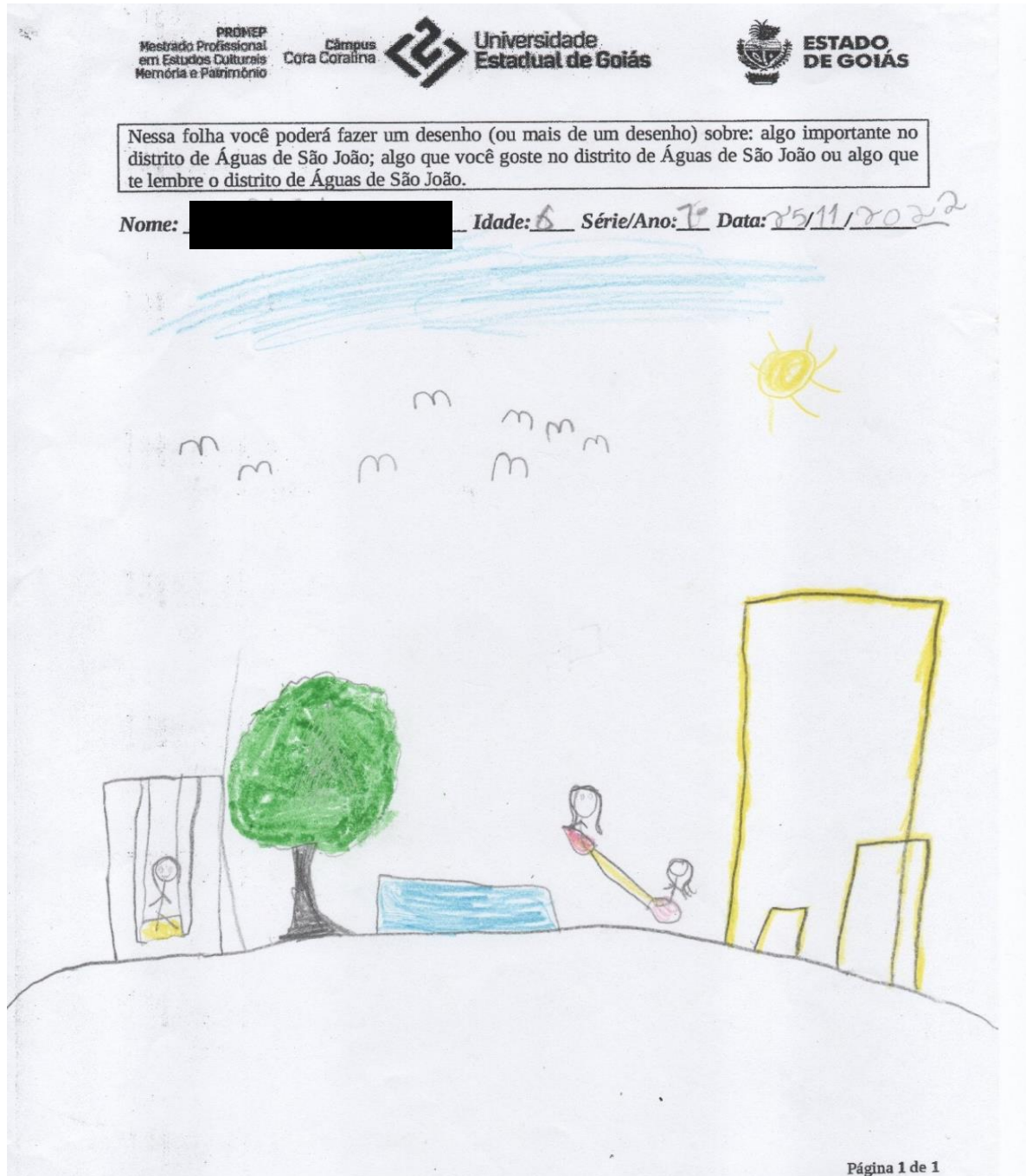
Figura 33: Mapa Mental – Capela, árvores e casa



Fonte: Acervo pessoal (2022)

A Figura 33 segue o padrão e ilustração das que foram apresentadas anteriormente. Entretanto, essa possui algumas características que destoam das demais, a capela é representada em sua estrutura interna e externa (na imagem é possível notar o desenho e posicionamentos dos bancos, alguns elementos que podem sugerir a presença de pessoas nos bancos, tapete vermelho e o altar). Além disso, segue expondo a marca da natureza em torno do local.

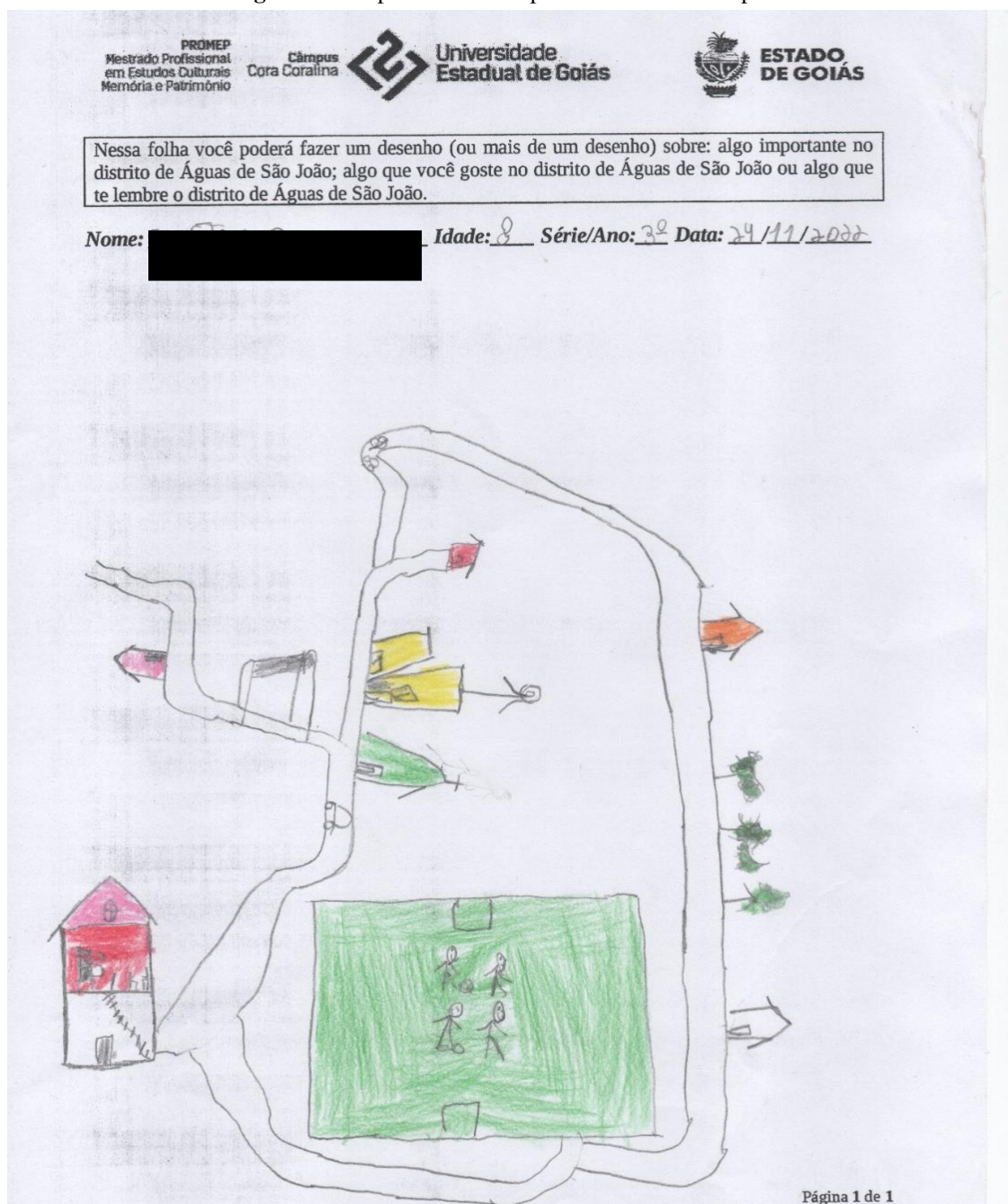
Figura 34: Mapa Mental – Parque e árvores



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Bem como percebido em janeiro de 2022, a Figura 34, apresenta uma situação típica de lazer em Águas de São João. Após o momento festivo, temos um espaço em que as atividades oscilam entre a realização de missas/celebrações e lazer com as crianças. Na praça, local em que estão algumas minas de águas sulfurosas, crianças são levadas pelos pais para se divertirem entre os bancos, o parquinho e os demais espaços no local. Nesse dia, em especial, durante pesquisa *in loco*, fora observado o fluxo de pessoas chegando e saindo acompanhadas de crianças que corriam pelo espaço aberto e tranquilo.

Figura 35: Mapa Mental – Mapa da Arie e seus componentes



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 36: Mapa Mental – Parque, Árvores, Capela, Bica e Sol

PROMEP
 Mestrado Profissional
 em Estudos Culturais
 Memória e Patrimônio


Câmpus
 Cora Coralina


**Universidade
 Estadual de Goiás**


**ESTADO
 DE GOIÁS**

Nessa folha você poderá fazer um desenho (ou mais de um desenho) sobre: algo importante no distrito de Águas de São João; algo que você goste no distrito de Águas de São João ou algo que te lembre o distrito de Águas de São João.

Nome: [REDACTED] Idade: 8 Série/Ano: 3º Data: 25/11/2022



Página 1 de 1

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 37: Mapa Mental – Parque, Árvores, Capela, Quadra e Bica

Fonte: Acervo pessoal (2022)

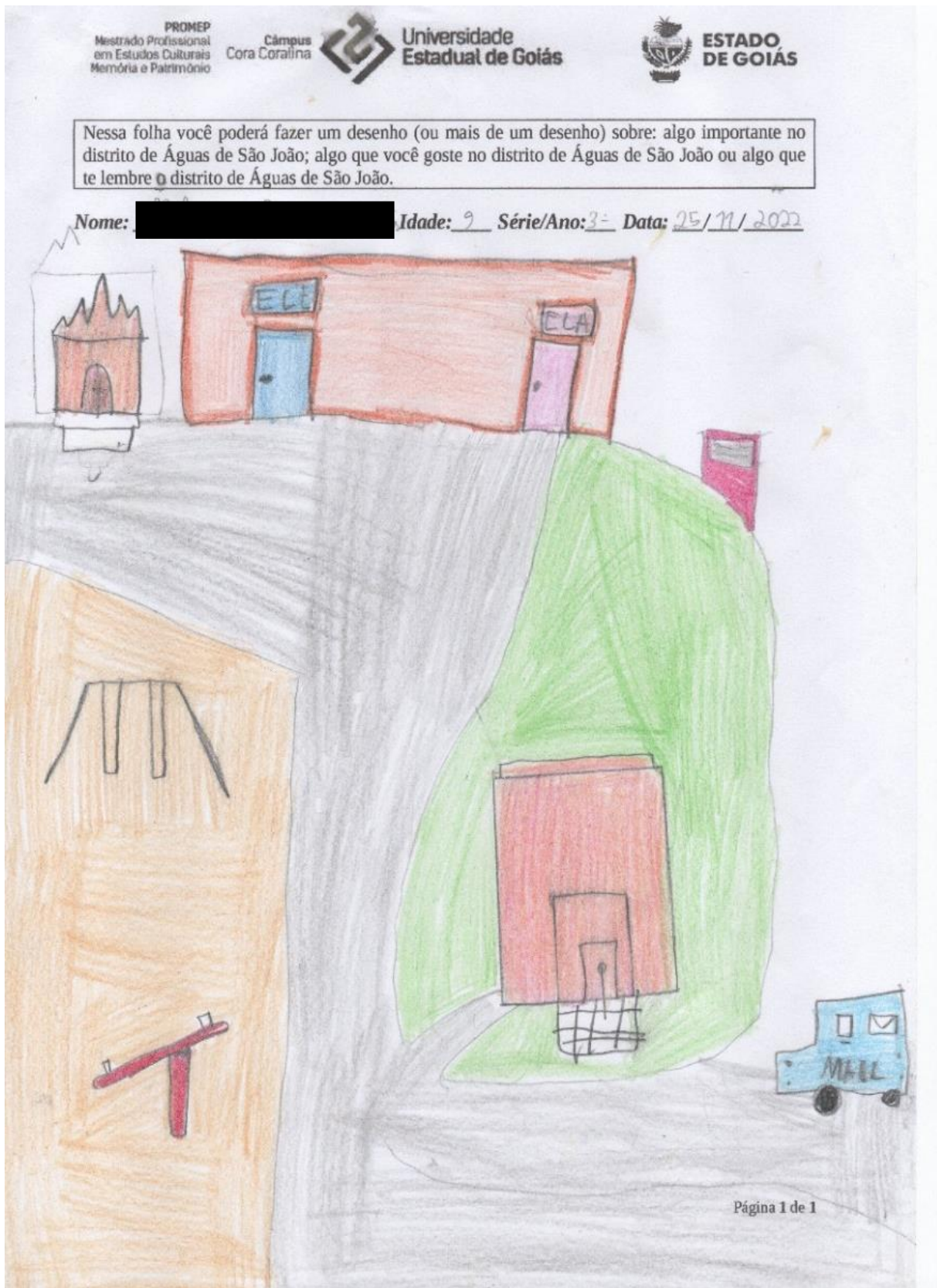
Sobre as Figuras 35, 36 e 37 podemos perceber alguns detalhes: ao observar as três, o pesquisador remonta os tempos de criança quando a professora pedia para desenhar um mapa de onde você vivia, as ruas e os pontos de referência. Neste momento, a imaginação ganhava intensidade na busca de lembrar quais os locais mais importantes e que eram mais conhecidos na cidade, feito isso, o mapa estava pronto.

Uma característica que liga todas as três imagens consiste no fato de todas apresentarem os mesmos elementos: nota-se a capela, as árvores (que marcam o local) e os espaços de lazer (bancos quadra e balanços). Nelas, diferentemente das demais, percebe-se a ausência da centralidade de um bem específico e certa padronização da dimensão dos elementos em geral, seguem sem evidenciar uma hierarquia entre um elemento e outro.

No entanto, destacam-se a 35 e 37 por apresentarem alguns detalhes que chamam a atenção: os caminhos. Ao observar cada uma delas, tem-se a percepção de que se trata de uma rota feita, seja pela criança ou por sua família, induzindo a pensar que cada um dos locais sejam os especiais para as pessoas que por ali passam. Nas duas imagens os seguintes locais podem ser identificados: o parque na entrada da ÁRIE, as minas de águas sulfurosas, a capela e o salão paroquial, a quadra de esportes e os banheiros, dentro da ARIE. A representação feita pelo aluno nos remete a simples conclusão: pensar em Águas de São João é, também, trazer juntos os espaços religiosos e os que são marcados pela crença no milagre.

Nesse ponto, é interessante trazer à tona a profundidade e a combinação de como os elementos religiosos e seculares estão presentes na imagética dos moradores do local, e principalmente, nas sensibilidades e direções que esses detalhes, características e representações indicam para uma aparente e complexa harmonia entre símbolos e vivências. Assim, podemos destacar que não apenas o local e a imagem deste tem impacto relevante nas mentalidades existentes, mas também na forma que essas pessoas se posicionam, se reconhecem e dinamizam seus modos de viver utilizando esses fatores e elementos como marcos de identidade e resistência.

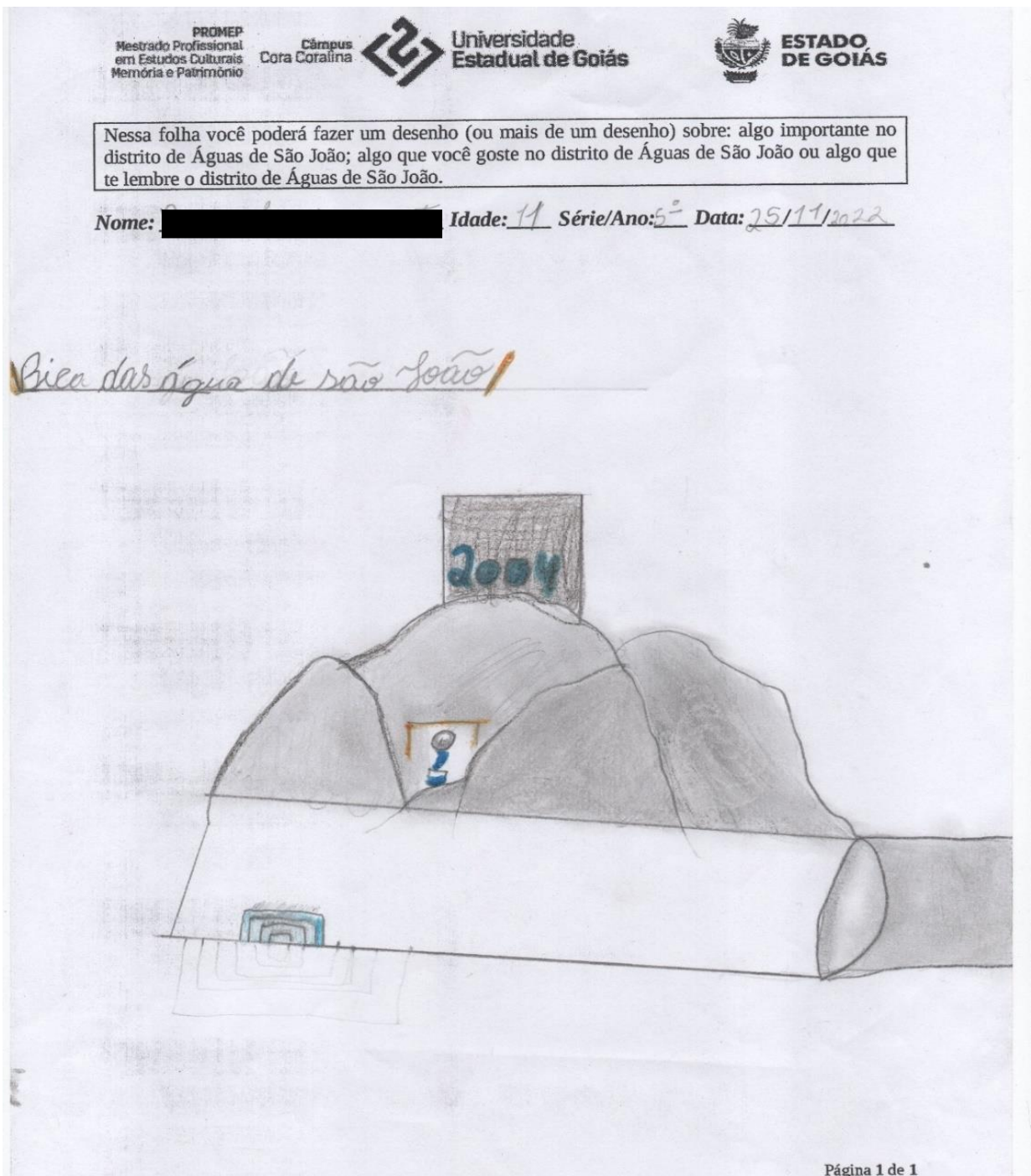
Figura 38: Mapa Mental – Capela, Banheiros e Parque



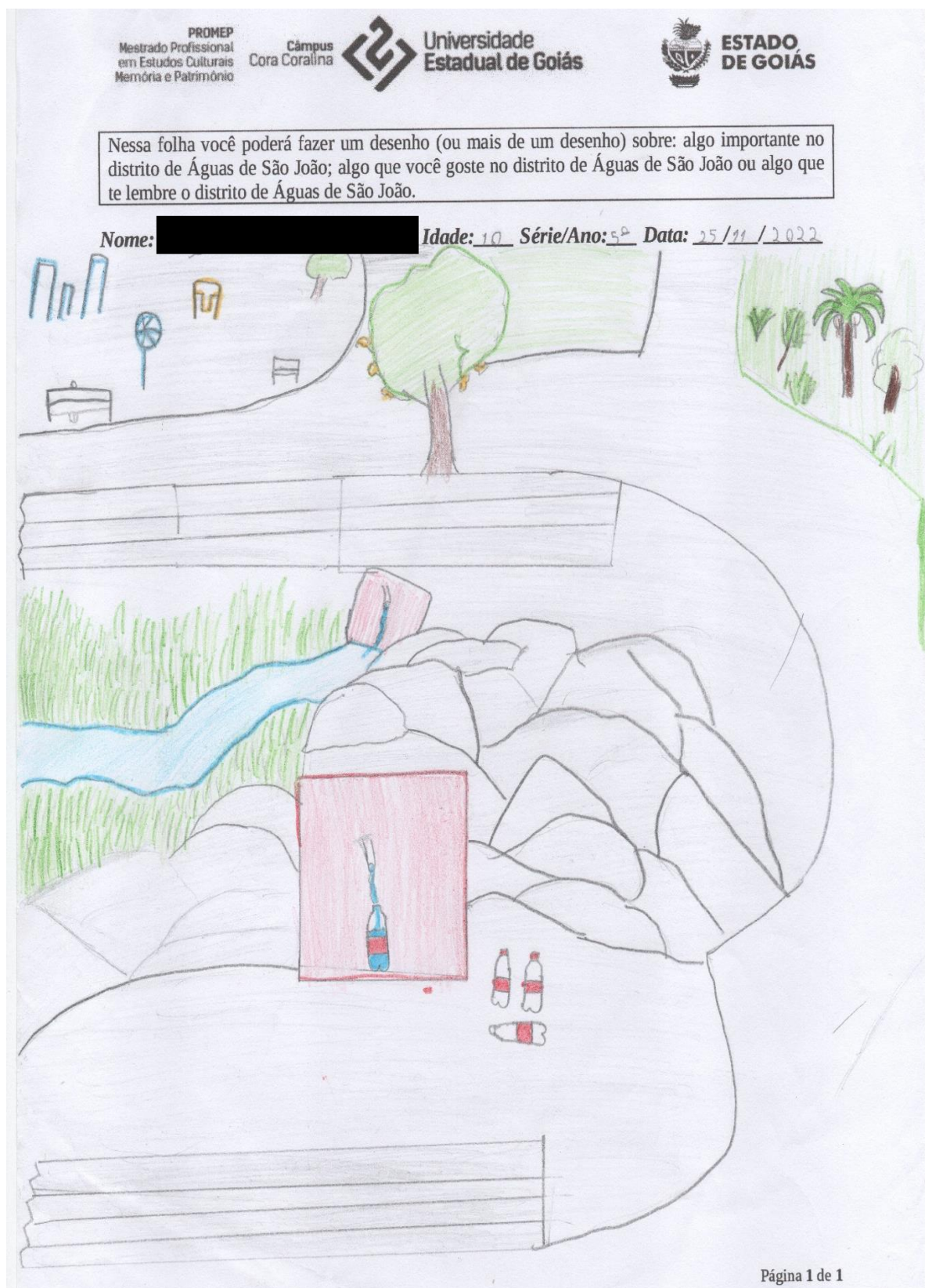
Fonte: Acervo pessoal (2022)

A Figura 38 mescla os elementos num mesmo plano de forma que coloca no mesmo horizonte a Capela, os banheiros que ficam na ARIE e o que pode significar ou a bica de água sulfurosa no início da praça ou a placa de inauguração ao lado da quadra. Acredita-se que devido as vivências, as crianças, geralmente, costumam retratar elementos de lazer na representação gráfica com maior intensidade do que os demais elementos, por estes representarem maiores aspectos emocionais e lúdicos numa mesma lembrança.

Figura 39: Mapa Mental – Bica (minas de águas sulfurosas)

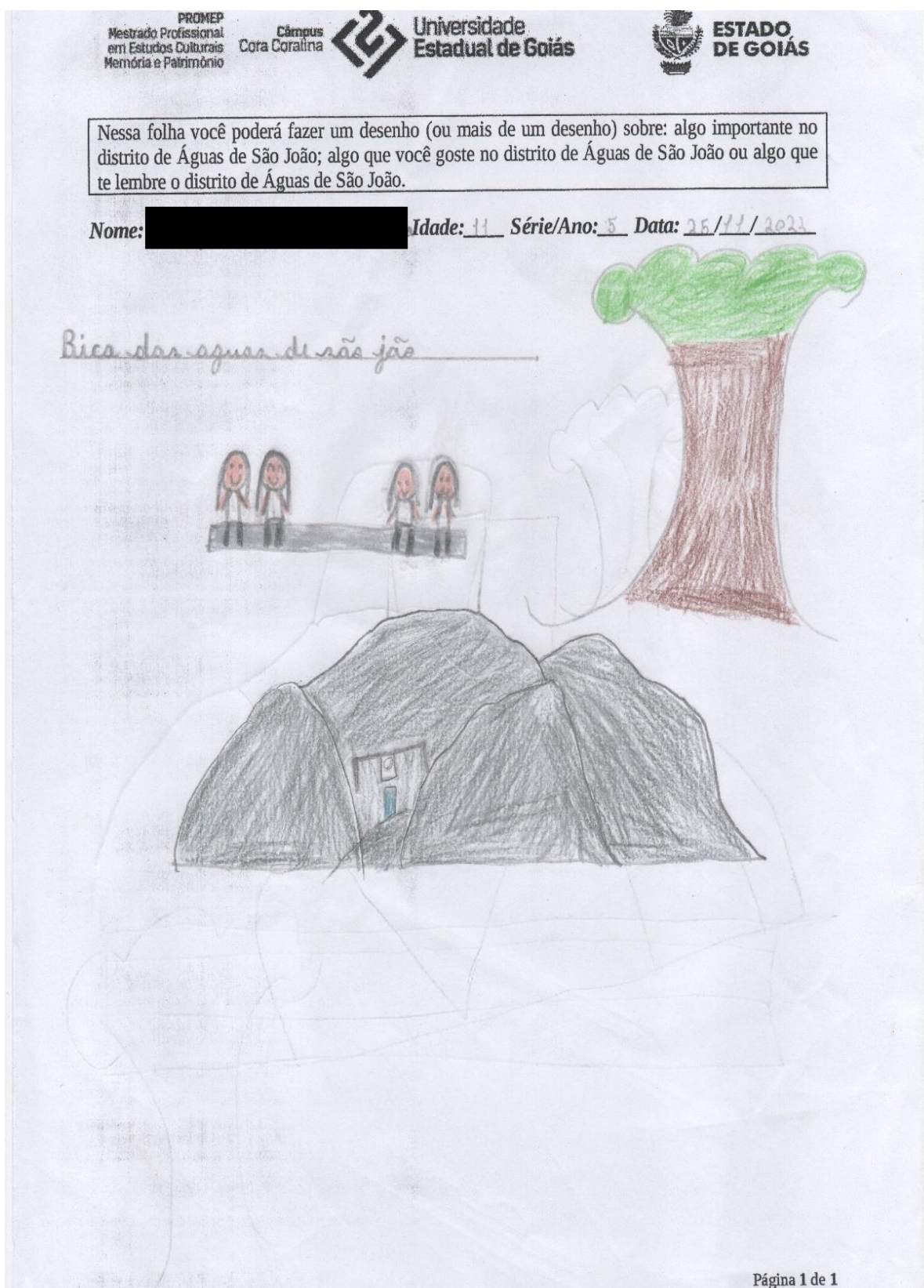


Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 40: Mapa Mental – Praça, Parque, Minas de Águas sulfurosas (Bica)

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 41: Mapa Mental – Praça, Árvore, Minas de Águas sulfurosas (Bica)



Fonte: Acervo pessoal (2022)

As Figuras 39, 40 e 41, são as que melhor retrataram um dos aspectos mais relevantes do ponto de vista da identidade local do distrito de Águas de São João, o consumo das águas

sulfurosas. Apesar de nenhuma delas mostrarem uma pessoa bebendo do líquido, todas deixam detalhes que presumem essa ação: pode ser observado que nas três são representados recipientes para coleta e armazenamento desse elemento (copos e garrafas).

Característica similar aos mapas que apresentaram um desenho de igrejas, nessas três figuras temos centralizadas as minas de águas sulfurosas assumindo a dimensão maior. Se as que retratam os templos religiosos permitem pensar a possibilidade de demonstrar a dimensão da fé cristã do local, podemos dizer que essas (Figuras 39, 40 e 41) apresentam a crença nas águas como uma das referências locais.

Por se tratar de uma reprodução de uma paisagem que não estão vendo no momento do desenho, é comum que não apareça um fluxo de pessoas, uma vez que na maior parte do ano não ocorrem tantos atrativos que venham a mobilizar um grande número de turistas. As paisagens, vazias de presença humana, apontam uma característica local; os copos e garrafas revelam um consumo ainda constante das águas sulfurosas, bem como demonstrado pelas falas de Mariana, Guilherme e Maria Guimarães, ainda que em menor grau se comparado à intensidade como eram consumidas no passado.

Podemos verificar que uma das características mais comuns dos mapas mentais está contida na construção e reconstrução memorial do lugar, dos caminhos, pontos de referência e direções percorridos pelo indivíduo. Normalmente, isso pode aparentar como algo sem tanta importância para uma visão leiga, porém, para uma análise acurada do desenho feito por uma criança, podemos entender diversos elementos presentes, tais como as estradas percorridas, os caminhos escolhidos, as rotinas e percepções íntimas do lugar e das pessoas e as noções e valores atribuídos aos espaços, ambientes e convivências por onde estiveram. Desse modo, fica evidente o significado comum de um conjunto reiterado de elementos nos trabalhos das crianças, afinal, é perceptível como cada traço revela desde elementos das próprias crianças que os fizeram até elementos como dimensão, posição, tonalidade escolhida e muitas outras, reveladoras de sentidos da relação lugar-comunidade.

Figura 42: Mapa Mental – Quadra de esporte

PROFMEP
Mestrado Profissional
em Estudos Culturais,
Memória e Patrimônio


Campus
Cora Coraína

Universidade
Estadual de Goiás

ESTADO
DE GOIÁS

Nessa folha você poderá fazer um desenho (ou mais de um desenho) sobre: algo importante no distrito de Águas de São João; algo que você goste no distrito de Águas de São João ou algo que te lembre o distrito de Águas de São João.

Nome: XXXXXXXXXX Idade: 1 Série/Ano: 2A Data: 28/11/2022



Página 1 de 1

Figura 43: Mapa Mental – Parque e árvores

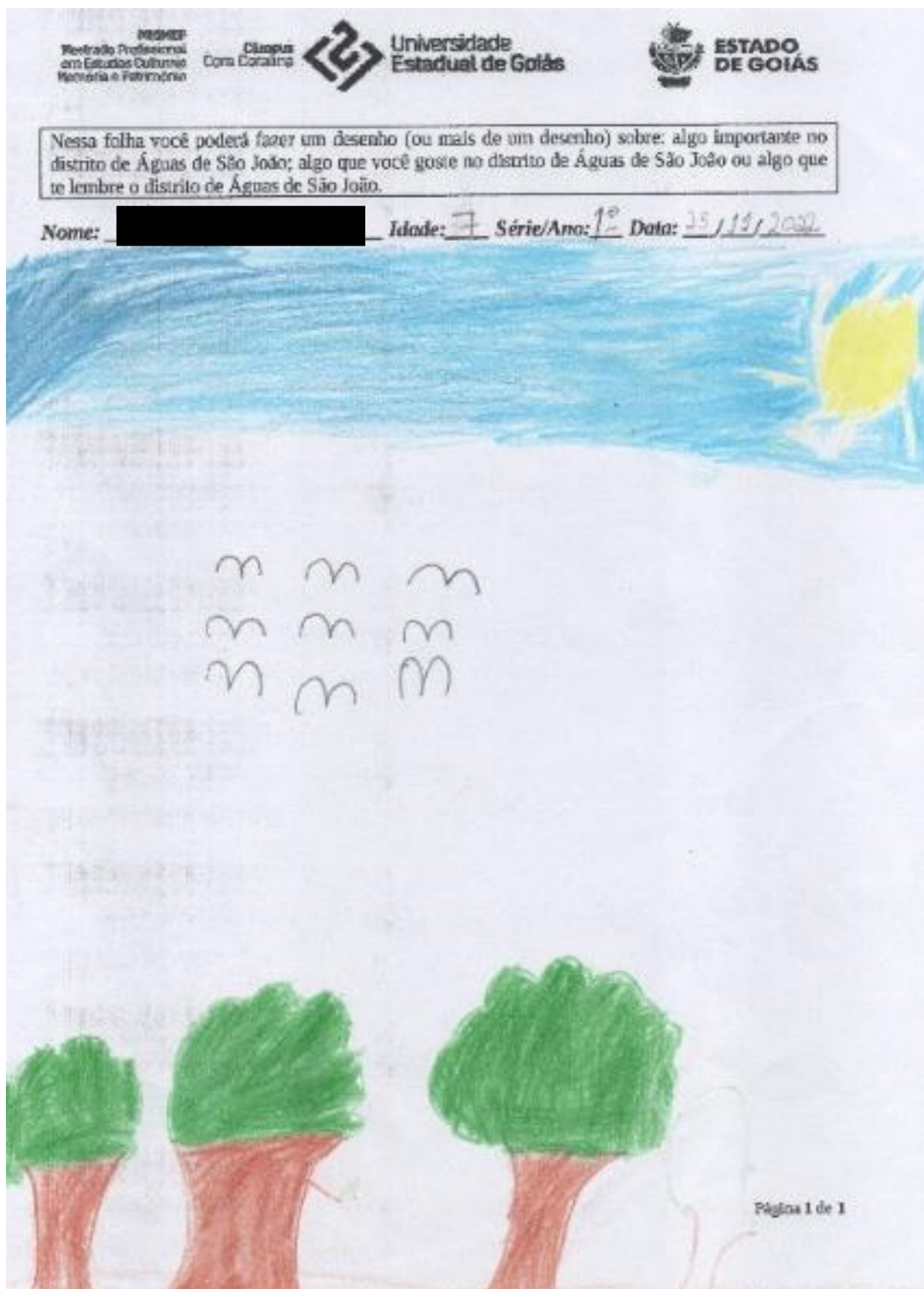
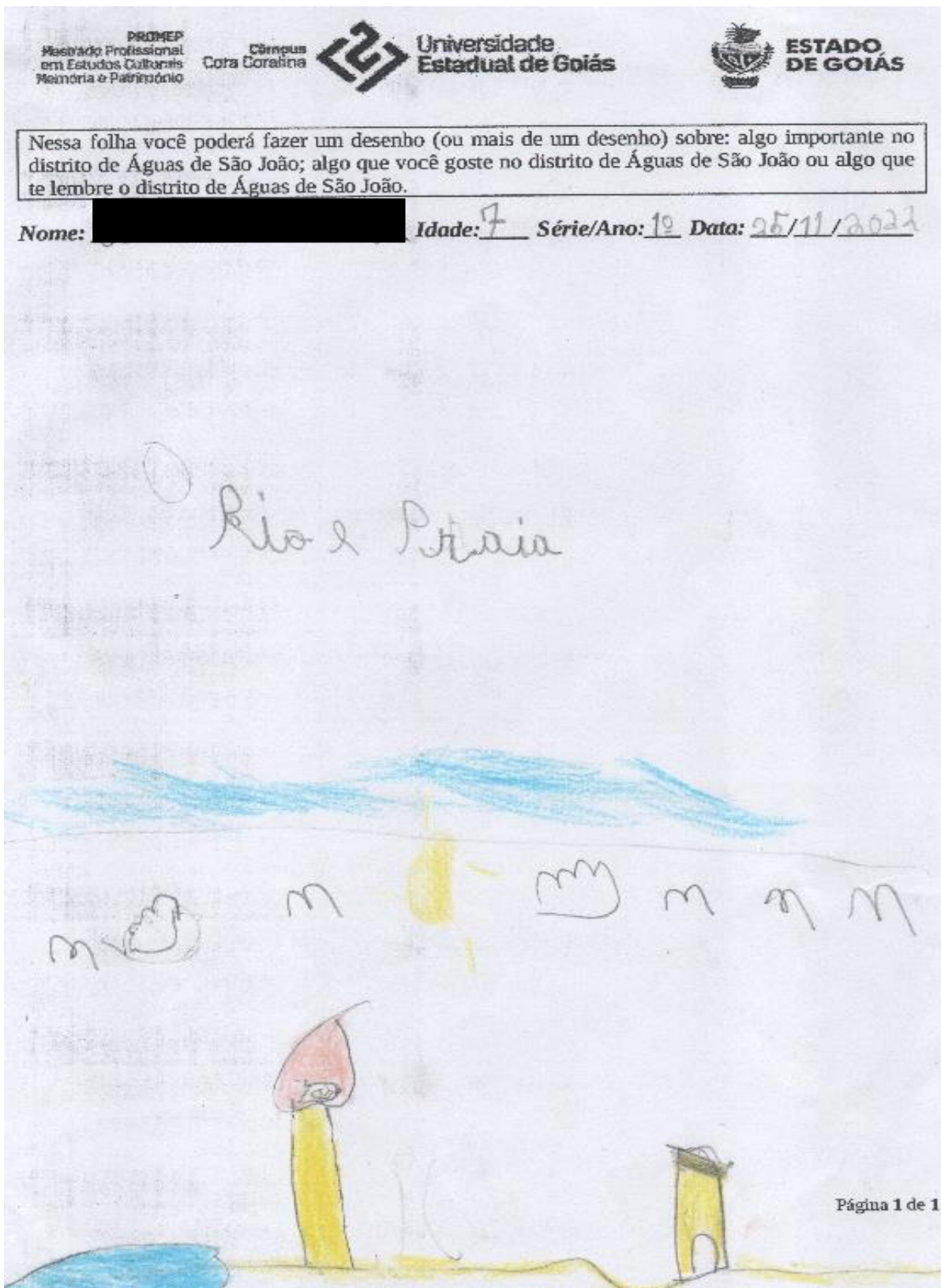
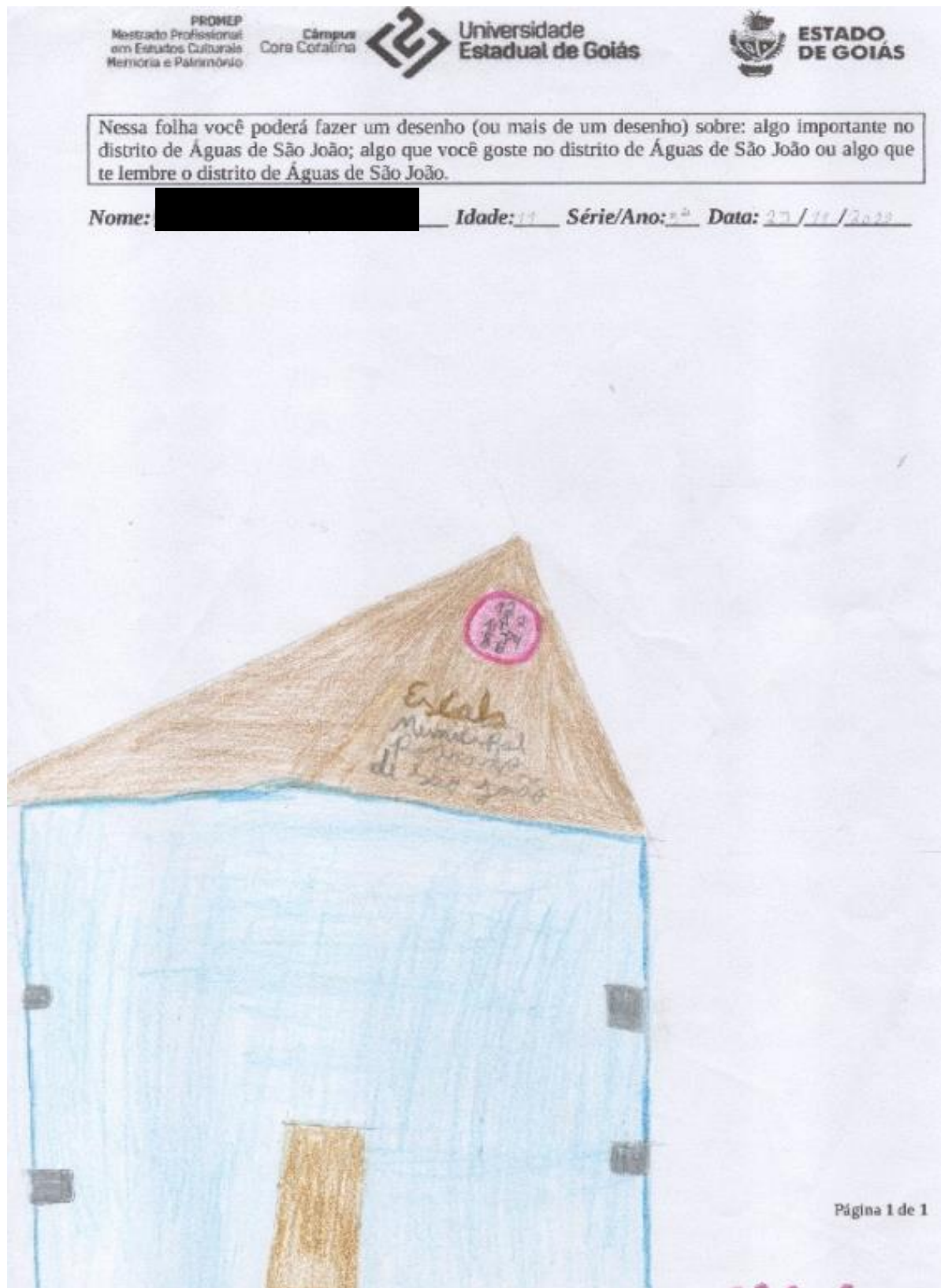


Figura 44: Mapa Mental – Parque e Céu



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 45: Mapa Mental – Escola Municipal Águas de São João

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 46: Mapa Mental – Casa e sol

PROPEP
Mestrado Profissional
em Estudos Culturais
Memória e Patrimônio

Câmpus
Corá Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

ESTADO
DE GOIÁS

Nessa folha você poderá fazer um desenho (ou mais de um desenho) sobre: algo importante no distrito de Águas de São João; algo que você goste no distrito de Águas de São João ou algo que te lembre o distrito de Águas de São João.

Nome: [REDACTED] Idade: 8 Série/Ano: 2^o Data: 25/11/2022



Página 1 de 1

Fonte: Acervo pessoal (2022)

As últimas Figuras (42, 43, 44, 45 e 46) condensam e reforçam um pouco do que já exploramos dos elementos de imagem, de identidade e de simbolismo sobre o imaginário local. Mas isso não significa que não haja mais pontos a serem trazidos à tona sobre como o distrito é compreendido, representado e sentido pelas pessoas em suas particularidades ao expressarem-se por desenhos, destarte, o trabalho de uma criança em representar o seu meio pode também nos aproximar da realidade experimentada por ela.

A paisagem é sempre representada incluindo elementos da natureza, como rio, praia (do rio), bosque, e elementos construídos, como a escola, a igreja e a quadra de esportes. O fato de não apresentarem os elementos centrais analisados nessa pesquisa (águas, capela, mata), os quais legam ao distrito uma identidade, também revelam aspectos importantes para a mesma. Conforme reiteram Lima e Oliveira (2022) “o patrimônio é polissêmico, plurissignificativo, carregado de “vontade de memória”, pois provém e é mantido por sujeitos que também o são”. Nesse sentido, cabe às pesquisas no campo do patrimônio sempre apontar para os sujeitos e suas distintas valorações, ainda que não apresentem nos relatos e representações a preservação de bens culturais como algo relevante em suas vidas. Muitas vezes, a preservação social, como analisam os autores, se sobressai à preservação dos bens culturais.

Os mapas mentais possibilitaram alguns pontos reflexivos para essa pesquisa: primeiro, como os próprios moradores do distrito podem experienciar seus bens. Os desenhos são feitos por crianças, mas não se pode negligenciar o fato de essas crescerem em contato com o meio e em um ambiente familiar em que podem escutar e aprender sobre as características de onde vivem, o que já presume apreensão das ideias de uma geração anterior. Tal como abordado por Pollak (1992), nesse caso entende-se que as memórias são construídas no meio social, mesmo que alguns não vivenciaram o que ouvem, mas passam a internalizar uma imagem que passa a compor sua própria narrativa e visão.

3. FESTA, ÁGUAS E MATA: REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO E IDENTIDADE – UMA PROPOSTA EDUCATIVA

3.1 PERCEPÇÕES SOBRE AS CONEXÕES: A PATRIMONIALIDADE DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO

A proposta dos tópicos anteriores, do segundo capítulo, foi apresentar um mapeamento das entrevistas destacando alguns elementos importantes e específicos: Festa, Águas, ARIE e, conseqüentemente, as formas de aproximação e usos locais de seus bens. Após complementar com as percepções identificadas nos mapas mentais. Por vezes foi possível perceber repetições, sejam nas frases ou em ideias gerais sobre o distrito, durante as entrevistas realizadas. Observação também percebida nas participações das crianças, esboçadas na repetição dos bens, como igreja, bica de água, praça, matas, entre outros. Tais repetições permitem perceber uma visão de mundo que incluem memórias, imaginários e vivências de ordem coletiva.

Cada um dos elementos que foram elencados tanto nas entrevistas quanto nos mapas mentais ajudam o leitor a situar Águas de São João numa dimensão histórica e temporal, além de oferecer explicações diante da falta de outros documentos e produções sobre o local. Conseqüentemente, lida-se com materiais produzidos por pessoas que estão em contato com o distrito e, de acordo com Corrêa (2013) e sua ponderação sobre o ser humano e a produção de sentidos, atuam de forma a reproduzir elementos que conferem um simbolismo ao local e ajuda na constituição identitária dos mesmos.

Na medida em que as entrevistas foram compiladas percebeu-se a convergência nos relatos, o que não foi identificado apenas entre os que moravam no distrito, apesar de serem mais alinhadas entre os que ainda vivem ou viveram por mais tempo. No geral, os pontos que convergem são relativos ao conhecimento que se tem sobre o distrito (sejam históricos ou pautados em narrativas sem a comprovação histórica); sobre as vivências nesse local e conhecimento das narrativas e simbolismos em torno dos bens locais; e sobre as percepções do período festivo. A considerar a diferença de idade, mesmo demonstrando conhecimento, alguns não conseguiram vivenciar parte dos fatos narrados, o que Pollak (1992) em suas reflexões demonstra como uma das percepções sobre a construção da memória, socialmente, passando a nortear e estruturar as relações e percepções de um grupo. Conhecê-las, permite que o pesquisador seja colocado frente aos traços e percepções do imaginário local. Sabe-se das diferenças e ressalvas entre cada um desses dois conceitos, mas entende-se que se aproximam quando se trata da construção imaginária e formação identitária.

O simbolismo anda junto ao imaginário, se completam. E a constituição imaginária, possibilita pensar na construção de uma identidade, uma vez que para isso é considerada a coletividade e as constituições/marcas em comum. Dessa forma entende-se que os pontos de conexão nas falas, que foram mencionadas ao longo das entrevistas, inclusive as que se apresentam em discordância com as demais, fazem parte de um contexto que marca a criação da identidade do distrito.

Águas sulfurosas, capela e área de preservação não existem apenas em Águas de São João. Esses são bens que podem ser vistos em diferentes locais, mas o que marca a singularidade do distrito está na disposição dos bens, os valores a eles atribuídos e as conexões criadas nas relações das pessoas com eles. A forma como é construído um determinado bem não vem desprovida de intenção ou sentido, argumenta Correia (2013), e isso pode ser evidenciado na metodologia dos mapas mentais. Lida-se com crianças que ainda não dispõem de capacidade de abstração o suficiente para pensar criticamente, mas são capazes que projetar numa folha o entendimento que é construído socialmente (considerando a vivência em casa, na rua e na escola em torno dos adultos).

Sobretudo, o local da pesquisa, destaca-se pelas relações culturais existentes desde a criação de uma capela passando pelo simbolismo progressivo e pujante das histórias sobre as águas sulfurosas até a construção de uma identidade local, com narrativas extraordinárias e cotidianas às imagens locais cujas histórias comunitárias mesclam elementos do místico, do sagrado e da secularidade da sociedade entorno, que modela, alicerça e reinterpreta a vida local.

A dimensão simbólica que, por um lado ajuda a conferir sentido ao surgimento do distrito potencializou a criação do imaginário local que, perpetua-se, por meio das ações da memória (individuais, coletivas e, por tabela) e relações pessoais que são desenvolvidas no local. Pensar nas práticas sociais desenvolvidas em Águas de São João, não apenas em momentos festivos, nos coloca frente a um problema apontado por alguns entrevistados, o esquecimento. Fato que ocorre mediante a desatenção para com seus próprios bens.

Pensar em Águas de São João é rememorar as lembranças do local marcado pela esperança e pelo milagre; aquela água com um gosto estranho que, muitas vezes, as avós pediam que bebêssemos; lugar de descanso nos finais de semana, num espaço verde com o suave barulho dos animais; ambiente de alegria, no mês de julho com felizes lembranças de jogos da seleção; local onde vão pessoas com alguma enfermidade e que voltam melhores. Águas de São João comporta todas essas dimensões em um espaço marcado pela religiosidade cristã, festa em louvor a São João Batista, tal como explica Guilherme Alves de Lima Costa, “aquele que

batiza” e, ao mesmo tempo, pela crença nas águas milagrosas que coexistem de forma harmônica e geram a singularidade de um povo simples do interior.

O patrimônio, então, se apresenta como possibilidade de promover uma rede de convívio e sociabilidade que transmuta o sentido de cidade ou espaços modernos. Combinam-se a resistência do espaço e do tempo, não só pelos acúmulos históricos que rememoram o passado, mas por meio de relações sociais que persistem, pelo sentido de pertença e pela construção da identidade partilhada, ora como passado, ora como presente e ora como devir. (LIMA, 2017, p. 24)

Entende-se, dessa forma, que as reflexões patrimoniais ganham amplitude quando o patrimônio deixa de ser percebido, apenas, em seu aspecto material e passa a ser visto, também, como resistência. Para além de bens e amontoados de dados históricos, mas nas relações desenvolvidas fixadas no passado e existentes no presente, marcando e orientando as ações sociais existentes no presente.

Cada um dos entrevistados apresentou uma abordagem com singularidades do distrito, considerando sua vivência, construiu uma narrativa com traços da criação do local, do desenvolvimento de uma crença nos milagres, dos rituais festivos forma que a comunidade vive interage num local marcado pela coexistência dessas duas visões. Navega-se, então, pela memória individual, coletiva, por tabela e como consequência, numa abordagem maior, por entre os conceitos de imaginário e identidade.

As conexões pensadas nesse tópico ficam evidentes não apenas pela exposição de convergências narrativas, essas apenas descrevem suas ações que cotidianamente mantêm vivos os costumes locais. No caso do distrito, contar e recontar uma história permite revivê-la, compartilhar e guardar na memória do outro. Pensar Águas de São João de acordo com as proposições de Lima (2017, 2020) sobre o patrimônio permite o enxergar numa perspectiva totalizante, integrada, abarcando tanto os bens naturais e edificados, quanto o sentido e simbolismo desenvolvidos no local. O esforço constitui-se num olhar agregador que compreenda a cultura local numa relação de coexistência, respeitosa, que passa por gerações se consolidando e resistindo ao esquecimento.

Se Corrêa (2013) nos diz que toda edificação humana não é desprovida de sentido, em Águas de São João pode-se partir da ideia de que a construção da capela em local elevado e de destaque pode significar uma proposta de conectar as narrativas do milagre da fé cristã e a concepção do sagrado na órbita dos milagres das águas sulfurosas. Sua localização próxima das minas d'água, que estão em terreno baixo, poderia promover uma ideia de que uma crença se

coaduna com a outra, o que em tese poderia desenvolver um sentimento complexo sobre origens e narrativas. O trato das pessoas para com seus próprios bens e história mostraram o oposto, o distrito abraça essas duas visões criando o entendimento da importância de ambos para a constituição de sua historicidade.

Lima (2020), em um estudo realizado sobre a cidade de Crixás, propõe uma abordagem que apresenta novas perspectivas para análises patrimoniais de locais que não possuem bens patrimonializados. Segundo a autora: “[...] é preciso lançar luz a um patrimônio que não é dado como patrimônio, mas que resiste na trama de vivências e memórias do lugar.” (LIMA, 2020, p. 212).

Assim como ponderou Lima (2017, 2020) sobre a patrimonialidade de localidades onde não se observa o fenômeno da patrimonialização, em Águas de São João vislumbramos a mesma possibilidade de abordagem, uma vez que a análise do patrimônio local recai sobre as formas de agir e de sentir da população.

Segundo Lima (2017, p. 24): “[...] o patrimônio se mantém no vivido: valores, práticas simbólicas, lembranças e vivência cotidiana, podendo ser locais, pequenas e até familiares [...]”. Se no distrito o patrimônio cultural não passa por processos institucionais de registro ou de tombamento, passa-se, então, à possibilidade de ser identificado nas relações sociais e na relação com a natureza que, em suas singularidades, ajudam a compor a identidade local.

Pensar as relações sociais de um determinado local implica considerar sua abrangência e percebê-las na disposição urbana, costumes, regras (entre tantos exemplos) que ajudam a caracterizar o local, dotando-o de sentido e, ao mesmo tempo, levando tal sentido a quem quer que ali busque algo.

Dessa forma,

O que permanece é a certeza de que o patrimônio é o modo possível de identificarmos, no passado, os valores existentes, as concepções de espaço, os princípios estéticos, a técnica, o saber fazer, as formas de trabalho, as expressões do coletivo, a construção das identidades e as disputas sociais. (CARVALHO; MENEGUELLO, 2020, p. 24-25)

Quando buscamos nas relações ali constituídas, compreendemos as vivências como parte fundamental do arcabouço constituidor dos valores intrínsecos e extrínsecos do local. Nesse sentido, como exposto nas ponderações de Carvalho e Meneguello (2020, p. 24), “os bens não têm valor em si, mas valores que lhes são atribuídos”, ou seja, a paisagem cultural do local é dotada de forma e função. A forma pode ou não permanecer estável, mas a função geralmente se modifica para atender aos novos sentidos que são atribuídos ao espaço.

No decorrer das entrevistas ficou percebido, indiretamente, que parte do movimento que teve Águas de São João foi em decorrência das possibilidades de cura, manifestando então sentimentos de esperança e fé. Compreendendo que a construção do imaginário local não ocorre de forma aleatória percebe-se que tais ideias vieram a fortalecer o conhecimento das pessoas sobre o local, fomentando um simbolismo em torno do que ali existe. O distrito passa a ter em si, cristalizando as narrativas sobre ele espalhadas na comunidade, um caráter de local em que são realizados milagres.

Ouvir cada um dos entrevistados ajudou a entender como a consolidação de uma ideia no interior de uma comunidade pode vir a fortalecer os laços do local, bem como os criar. Mesmo havendo a distância entre alguns deles (as entrevistas ocorreram com pessoas que vivem em: Itapirapuã, Águas de São João, Goiás e Goiânia), os entrevistados conseguiram apresentar uma conexão estabelecendo aproximações narrativas sobre fatos e, além disso, permitindo que se perceba na prática a criação de uma identidade, sendo essa reforçada pela existência, historicidade e simbolismo dos bens locais.

3.2 MÍDIAS DIGITAIS E SUA POTENCIALIDADE PARA A DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Durante anos José Morán (2017) produz reflexões que são, em certo sentido, desafiadoras. Tal postura, são provocações ao profissional da educação, afinal, geram certo desconforto, pois implica numa revisão de sua postura e domínio de elementos no sentido de romper o tradicionalismo escolar. Em suas análises, a sala de aula não cede espaço muito além da dinâmica giz e lousa, e em consequência disso, há um total desalinhamento entre consumidores e o que está sendo oferecido pela profissão de professor. Suas reflexões são chamativas e desafiadoras para a atuação docente, principalmente, depois dos anos 2000, que afetou e desnudou desenfreadamente as deficiências desse setor da educação.

O ano de 2020 marcou uma das maiores mudanças que viriam a ocorrer no país, em todas as esferas, mas neste estudo, destacamos aqui apenas a esfera da educação. Todos os municípios encontravam-se na difícil condição de ofertar uma educação de qualidade, uma vez que, agora ela deveria estar em compasso com a tecnologia. Dessa forma, uma nova perspectiva, mais presente, na educação era praticada com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), já que essas mostrar-se-iam como recursos metodológicos e ‘atalhos’ para chegar aqueles que não conseguiam ir à escola. Estes profissionais precisaram mergulhar numa realidade que há tempos era presente em suas vidas, mas entendida, unicamente, como forma de lazer e entretenimento.

Sem negligenciar a discussão feita sobre os efeitos da pandemia do covid-19 nas condições de trabalho do professor, entende-se que a sala de aula não deve retornar ao tradicionalismo. Após o período de distanciamento social a população passou a conhecer as extensões e usos das mídias, das redes sociais e seus efeitos no cotidiano e, em tese, seus impactos aliados à escola. O momento que significou um rompimento temporário das relações sociais, foi, também, o que mostrou as inúmeras oportunidades de viajar sem sair de casa.

A proposta de realização de um vídeo como produto surge mediante essas percepções da relação entre as tecnologias e a educação, bem como as ponderações/sugestões recebidas no exame de qualificação do mestrado. O pesquisador, na condição de professor, entende, conforme sua prática, que os alunos que saíram da pandemia descobriram as novas possibilidades de potencializar seus estudos por meio de videoaulas, bem como cortes que são disponibilizados por meio das redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter e TikTok). Com uma pesquisa simples no YouTube é fácil encontrar uma gama de aulas com tempos distintos (desde 3 horas até 15 minutos, por exemplo) e, olhando os *views* e *feedbacks*, é perceptível que elas são muito procuradas.

Segundo Soster, Gonçalves e Borges (2021) a cultura digital implica novos olhares e novos comportamentos. Nesse sentido enxerga-se a produção de um vídeo sobre o distrito de Águas de São João, especificamente seus bens, com uma ampla possibilidade de alcance aos moradores, e também complementar, com conteúdo escolar não apenas para o distrito, mas para qualquer um que se disponha analisar e pensar a variedade de aspectos da localidade.

Navegar rumo aos benefícios que a internet pode oferecer e buscar sua proximidade com as reflexões patrimoniais nos levam a explorar, brevemente, o conceito de patrimônio cultural digital, que pode ser relacionado, segundo Reis, Serres e Nunes (2015, p. 56), “à criação de redes de esforços e à integração de pessoas não necessariamente ligadas a instituições patrimoniais”. Tais redes, conforme ainda exploram, seriam colaborativas para ampliar e potencializar esse diálogo da tecnologia juntamente de seus benefícios para com as questões relacionadas ao patrimônio, bem como oferecer acesso a memória coletiva.

Ainda, com base em Reis, Serres e Nunes (2015), deve-se mencionar que a relação com o digital não se faz de maneira conclusiva, ou seja, ela abre mais uma porta de relacionada a percepção sobre determinado bem e/ou local. O que se quer dizer com isso? Independente de um processo de digitalização de documentos e bens, de exposição de vídeos e imagens, nada impede que a visita seja feita e, quiçá, seja mais proveitosa que apenas o recurso audiovisual.

Considerando o ambiente da sala de aula, cada vez mais dinâmico, entendemos que a produção de um vídeo (até 10 minutos) pode ampliar a divulgação do distrito e suas

singularidades para outras localidades, além de demonstrar a importância dos bens locais explorados aos próprios moradores. Logo, uma produção que traga a junção de vídeos, áudios e fotos às pessoas poderá criar uma nova abordagem para com seus próprios bens e meios onde se encontram. Sua apresentação segue uma narrativa versando sobre traços geográficos, históricos até os bens locais com suas respectivas abordagens simbólicas.

O vídeo está armazenado em uma página do YouTube e posteriormente será colocado de forma pública e disponibilizado em redes sociais, como o Instagram e Facebook. Dessa forma, por se tratar de uma produção de curta duração, acredita-se que será de fácil acesso por todos que desejarem conhecer. Um ponto que será interessante e enriquecedor serão os *feedbacks*, uma vez que em todos os mecanismos *on-line*, elencados acima, são permitidos os comentários.

Outrossim, a relação das reflexões patrimoniais para com a tecnologia encontraria sua efetividade no compartilhamento e divulgação do distrito de Águas de São João, que por sua vez não seria visto apenas na sua dimensão midiática, mas educacional, já que se trata de uma exposição cultural que permite maior conhecimento dos costumes e práticas sociais do distrito.

3.3 “ÁGUAS DE SÃO JOÃO-GO: PEQUENO DISTRITO DAS GRANDES HISTÓRIAS”

A ideia de produzir um vídeo sobre o distrito de Águas de São João surgiu após os apontamentos da banca de qualificação. É algo que vai ao encontro tanto da atuação profissional do pesquisador quanto do momento pós-pandemia e dos constantes usos e busca de materiais audiovisuais.

O objetivo aqui pretendido está na abordagem do tema da pesquisa em um vídeo educacional. No geral, vai trazer à comunidade aspectos históricos e culturais que por vezes podem passar despercebidos por turistas ou mesmo pela população que ali reside. Além disso, explora nas singularidades locais e, ao mesmo tempo, na coletividade a formação da identidade do distrito.

Dessa forma, o vídeo está centrado numa abordagem de parte das narrativas que versam sobre o distrito, de seu aspecto histórico (seja ele possível de localização ou não) até os fatos recentes. Enquanto professor da educação básica (ensino fundamental e médio) é possível perceber que essa produção surge em um momento importante que marca o constante uso do meio digital, o que pode permitir haver facilidades em sua divulgação por meio de diferentes plataformas (Instagram, TikTok, Facebook e YouTube) levando o conhecimento local e

regional aos alunos e qualquer pessoa que tenha interesse em conhecer a história de Águas de São João.

A criação do produto também atende a uma necessidade pedagógica, além da cultural. Diante da falta de conteúdo na internet, principalmente os que são relacionados a vídeos e exposição de conhecimentos locais, esse virá a contribuir com uma explanação sobre o distrito, costumes e as memórias. Para toda a população, mas em especial às novas gerações, esses elementos serão importantes para a compreensão das singularidades e formas de experimentação do meio em que vivem e, como consequência, do entendimento da historicidade e da identidade local.

No fim do vídeo ocorre uma exposição dos mapas mentais desenvolvidos pelas crianças da Escola Municipal Águas de São João. Eles foram escolhidos para o fim, pois apresentam a percepção das crianças para com os bens com os quais elas convivem. Dessa forma, lida-se com a representação que elas fazem mediante o convívio com locais e construções que ganharam e geram sentidos ao longo da organização do distrito. Utilizando as reflexões de Kozel (2013), para nossa pesquisa os mapas mentais podem expor o entendimento de um determinado grupo sobre o que é o distrito, quais os seus pontos importantes, onde vivem e, por último, de forma implícita, como experienciam esse meio.

Tolentino (2016) apresenta uma reflexão que aponta para a inserção das diferentes visões dos sujeitos acerca de seus bens na interpretação do patrimônio cultural.

E também, ao levar em conta que o patrimônio cultural está inserido no espaço de vida das pessoas, a sua construção e conformação devem considerar as referências culturais e os diferentes saberes existentes nas comunidades onde esse patrimônio está inserido, bem como as distintas visões dos sujeitos detentores e produtores dessas referências. Isso requer, necessariamente, que as práticas educativas sejam dialógicas e democráticas, partindo do pressuposto de que o patrimônio cultural é dinâmico e histórico-socialmente determinado pelos sujeitos que lhes atribuem sentidos e significados. (TOLENTINO, 2016, p. 47)

Entende-se que a prática educacional consiste na construção do saber e, este, considerando o lugar em que se encontra. Dessa forma, a produção da pesquisa apresenta um aporte teórico e historiográfico que possibilita a compreensão da trajetória do distrito de Águas de São João, mediante a construção do imaginário local e a percepção das pessoas envolvidas. Em sua estrutura foram exploradas etapas, tanto as que envolvem as mídias (revistas e internet, por exemplo) quanto como o fator interpessoal, que ajudaram a potencializar o conhecimento

dos elementos que existem no distrito, bem como o desenvolvimento do simbolismo dos elementos (Águas sulfurosas, capela, por exemplo).

A metodologia dos mapas mentais viria a coroar o desenvolvimento dessa pesquisa, pois mostraria de forma prática a percepção dos próprios habitantes (dessa vez focado nas crianças) sobre o que existe e a importância dos elementos do local em que vivem. Nesse sentido, basta pensar nas descrições presentes nos desenhos realizados marcando a existência das minas de águas sulfurosas, seus usos, a capela e a ARIE.

Seguindo as reflexões historiográficas e patrimoniais tendo como foco o distrito de Águas de São João, consideramos que a produção de um documentário atende as expectativas. Foi pensada uma produção que proporcionasse ao internauta (ou qualquer outra pessoa que tiver acesso ao vídeo) uma experiência de quem vai presencialmente até os locais acima mencionados. Esse produto, sendo um documentário, segundo Melo (2002, p. 25) “procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro *in loco*, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc”.

Por fim, sua construção respeitou alguns pontos que o pesquisador considerou necessários para a construção de um vídeo que fosse informativo e, ao mesmo tempo, proporcionasse uma sensação de estar visitando alguns espaços do distrito. Dessa forma seguem: exposição de dados geográficos, em imagens como mapas e verbalmente dados estatísticos; apresentação de imagens com sua extensão territorial e limites; presença de rios em seu entorno; imagens que delimitam e localizam a ARIE, as minas de águas sulfurosas e a capela (divididas em imagens feitas por drone e durante a visita local, via terrestre); e, por fim os mapas mentais. Após a parte gráfica, segue o áudio: são apresentadas algumas das características do distrito alinhadas com as imagens que seguirão; alguns trechos das entrevistas serão analisados e expostos de forma sintetizadas apresentando características gerais e específicas.

3.4 PÚBLICO ALVO E A PROPOSTA DE DEVOLUTIVA

A devolutiva para a sociedade foi pensada de forma relacionada ao trabalho do pesquisador. Dessa forma, na condição de professor, pretende-se o desenvolvimento de uma oficina na Escola Municipal de Águas de São João, o local em que ocorreu o desenvolvimento

dos mapas mentais. Por se tratar de uma escola com alunos do ensino fundamental I pretende-se o desenvolvimento na seguinte sequência:

- Apresentação aos alunos e professores do tema pesquisado;
- Apresentação de imagens e abertura para que os alunos e professores participem com experiências e causos;
- Apresentação do vídeo e abertura aos comentários dos alunos e professores;
- Ao fim, deixar em um pendrive e o link do canal onde podem ter acesso ao conteúdo.

No geral, a ideia é promover uma socialização e abertura de falas, aos alunos e aos professores responsáveis pelas turmas para se pensar a importância dos bens locais para a história do distrito. Mostrar como esses bens foram importantes para a formação local e como ainda se mostram com forças para chamar a atenção e movimento nos períodos festivos, além de manter vivas memórias e as singularidades afetivas do local.

Concluída essa etapa, como forma de reforçar a presença, serão deixados endereços e links de acesso ao conteúdo produzido, o vídeo, na coordenação da escola. Entendemos que o acesso pode ser útil para a instituição manter um documento/produção sobre o distrito em sua base de arquivos e possa utilizar nas aulas em momentos que os professores julgarem necessários.

No segundo momento, existe a pretensão de uma apresentação na instituição onde o pesquisador trabalha: CEPMG, Maria Tereza Garcia Neta Bento localizada no município de Jussara-GO. O colégio não tem uma ligação direta com o distrito de Águas de São João, mas sim com os alunos do ensino fundamental e médio que vivem ali e estudam nessa instituição⁵⁶. Por se tratar de um colégio que atende alunos dos municípios que estão no entorno de Jussara, consideramos fundamental uma abordagem de cunho regional, uma vez que pode explorar a dimensão e detalhes de nossa própria história e, por reunir pessoas de locais distintos existe uma chance de levar o conhecimento sobre Águas de São João um pouco mais longe.

- Será aproveitado o espaço da aula de Cultura Goiana, uma vez que nelas são explorados contextos e as singularidades de nossa regionalidade;
- Haverá um momento para pensar a relação próxima entre redes sociais e turismo, dos riscos aos benefícios;

⁵⁶ O CEPMG, Maria Tereza Garcia Neta Bento, localizado no município de Jussara atende alunos das seguintes localidades: Itapirapuã, Jussara, Santa Fé, Montes Claros, Matrinchã e Águas de São João.

- Exposição de fotos e imagens presentes na pesquisa, bem como no banco de dados que o pesquisador montou. Objetivo de perceber contextualmente aspectos do passado e as explorações de sentido nas visualidades;
- Apresentação do vídeo e conversa sobre comportamento das pessoas que vivem e passam pelo distrito. Como suas memórias ajudam a preservar a cultura e identidade do distrito.

As realizações de pequenas aulas/oficinas podem levantar conhecimentos prévios e demonstrar a força da memória coletiva na formação individual de cada um. Por meio de uma troca de experiências e contos de algumas histórias, será possível compreender as peculiaridades de cada local.

O último passo da devolutiva à sociedade seria feita por meio de uma aproximação com a Secretaria de Educação do município de Goiás. Nesse momento, tendo o e-mail específico, um perfil e uma página na qual o vídeo estará armazenado, seria proposto no diálogo a disposição para o uso e divulgação nos meios institucionais da prefeitura municipal responsável por Águas de São João, bem como a outra instituição que vise a exposição do material como forma de promoção do tema, de acordo com seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distrito de Águas de São João visto sobre o prisma da reflexão patrimonial não oferece, em aspecto material, um bem que seja tombado ou algum registro de reconhecimento institucional. No entanto, isso não quer dizer que não seja possível estudá-lo por meio da patrimonialidade, conforme ponderou Lima (2017).

Percebemos que as relações sociais desenvolvidas no distrito são permeadas pelos elementos relacionados à fé cristã, vistos por meio da capela e as festividades em homenagem a São João Batista; e, por outro lado, na esperança dos milagres, marcados pelos usos das águas sulfurosas. Os dois elementos não se excluem. No distrito eles são amalgamados de uma forma que interagem, fazem parte do mesmo ambiente onde são vistos, conhecidos e experienciados.

A capela e as minas de águas sulfurosas estão fisicamente separadas, mas espacialmente, são vistas na parte central de Águas de São João, onde ocorrem as festividades, local em que também pode ser encontrada a ARIE. Esses elementos são vividos cotidianamente por parte da população, cuja memória coletiva se torna uma das ferramentas na dialética da lembrança e do esquecimento, que ajuda a estruturar o distrito e sua historicidade. Todos os sujeitos participantes da pesquisa possuem pontos referenciais em suas narrativas que expressam uma coesão social em torno dos mesmos temas, o que permitiu compreender a formação de uma identidade local na qual se reconhecem.

A ARIE, atualmente, pode ajudar a conferir novo olhar ao distrito de Águas de São João, que não apenas por meio dos milagres das águas ou da festividade cristã. Antes de ser determinado por meio de decreto a preservação do espaço (observado nos mapas apresentados na pesquisa) esse local era utilizado para lazer pela população que ali vivia. O rompimento com as práticas da população, que por vezes resulta em conflitos, pode ser justificado com a necessidade de criação e aplicação de regras que visem a proteção e o controle o fluxo de pessoas e as atividades que lá ocorrem. Se anteriormente as propriedades do terreno eram exploradas e alguns materiais (como o barro) eram vendidos, agora há a fiscalização para que seja mantida a integridade natural.

Fato interessante que pode ser notado desde as entrevistas, mas especificamente nos mapas mentais, é a presença de áreas verdes que, conforme a proximidade da praça, capela e minas de águas, pode se presumir ser a ARIE. A metodologia dos mapas mentais conferiu à pesquisa a possibilidade de compreender a dinâmica da população para com seus próprios bens e como eles são vistos pelas gerações mais novas.

Nos mapas mentais foram representados mais vezes: as minas de águas sulfurosas, a capela e áreas de matas, o que presumimos ser a ARIE. Neles são possíveis de serem observadas as criações de rotas, alguns como se fossem pequenos mapas que os levam de um ponto a outro (provavelmente os caminhos feitos com a família e na hora do lazer) que levam a pensar que são representações dos lugares, naquele momento, mais importantes de onde vivem.

Percebendo essa aproximação da forma de abordar ou pensar de pessoas distintas, que vivem ou viveram no distrito, entende-se importante a realização da pesquisa que visou analisar suas referências culturais e a forma como são elas são vistas dentro e, de forma indireta, fora dali. Além de servir como mais uma possibilidade de exploração científica de Águas de São João, ela complementa e oferece, por fim, um vídeo documentário sobre o distrito e seus elementos.

O documentário “*Águas de São João-GO: pequeno distrito das grandes histórias*” foi produzido como forma de democratizar o conhecimento a respeito da localidade, possibilitando o alcance de um amplo público. Das crianças até pessoas que, eventualmente, não tenham sido alfabetizadas podem ter contato e entendimento da exposição do vídeo. E o mais importante, apresentar à comunidade local uma reflexão sobre suas referências culturais, a partir de uma visão que emanou de suas próprias vivências cotidianas, saberes e imaginários enraizados localmente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Homero Gomes; MACIEL, Luciana Boeira; DIAS, Edson Ferreira. **Pós-Modernidade e o sertão em Feira de Santana – Bahia**. 2006. Disponível em: <gepai.yolasite.com/resources/XIV%20CICLO%20IMAGINARIO.pdf> Acessado em: 25 de jan. de 2022.
- ARTIAGA, Zoroastro. Águas de São João. In: DAHER, Nice Monteiro. **Velhos portais**. Goiânia: Kelps, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2005.
- BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BENTO, Elói Alberto. **Gaston Bachelard**: o lado noturno do filósofo. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2010.
- BENTO, Inês de França. **Água, Mito e Mistério**: um estudo de filosofia da religião. Dissertação de mestrado. Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1998.
- BEZERRA, Karina Oliveira. **Paganismo contemporâneo no brasil**: a magia da realidade. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Católica de Pernambuco. Pernambuco, 2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.
- BRUNI, José Carlos. **A água e a vida**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5 (1-2): 53-65, 1993.
- CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. Apresentação. In: **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. (Org.) Aline Carvalho e Cristina Meneguello. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2020.
- CASTILHO, Denis. **A Colônia Agrícola Nacional de Goiás (cang) e a formação de Ceresgo – Brasil**. 2012. *Élisée – Revista de Geografia da UEG*. 117-139. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/582/326>> Acessado em: 12 de jul. de 2022.
- CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia 2**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento, política e espaço. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia 2**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia, 1**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 181-218.

COSTA, Mônica Martins da. **Avaliação do Patrimônio Natural do Município de Goiás (GO) e sua potencialidade turística**. Monografia de graduação. Curso de Graduação em Geografia, Institutos de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.) **A Imagem das Águas**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CURADO, João Guilherme; LÔBO, Tereza Caroline. Divino Goiás: O espaço da festa e a festa no espaço (Séculos XIX e XX). In: BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Paulo Brito do; ROSA, Rafael Lino (Orgs.) **Os Sentidos da Devoção: O império do Divino na Cidade de Goiás (Século XIX e XX)**. Goiânia: Espaço acadêmico, 2015.

DANTAS, Dallys. **A formação do distrito de São João (município de Goiás) e sua dinâmica territorial**. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO, v. 10, n. 3, p. 215-233, dez./2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/44856>. Acesso em: 30 set. 2020.

DANTAS, Dallys. **O distrito de São João, município de Goiás-GO: Formação e dinâmica territorial**. Monografia de graduação. Curso de Graduação em Geografia, Institutos de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

IPHAN. **Paisagem Cultural**. Brasília-DF, 2009.

DIAS, Isabela Marcantonio; CAMILO PEREIRA, Ana Paula. **O turismo e o não-lugar: uma análise empírica sobre o complexo Grande Hotel e termas de Araxá/MG**. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/viewFile/4299/3312> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Micea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

ELIADE, Micea. **O sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FERREIRA, Clenon. **Respeitável pioneiro**. Disponível em: <https://especiais.opopular.com.br/museu-e-seu/zoroastro-artiaga> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

PINTO FILHO, Ricardo de Faria. **Inventário e avaliação da geodiversidade no município de Goiás e Parque Estadual da Serra Dourada**. 2014.

GUIDA, Manoel. **Águas de São João**. S/D

GOEDERT, Valter Maurício. **O simbolismo da água**. 2004. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/460/447>> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

GOIÁS (Estado). **Lei Nº. 6.944, de 19 de junho de 1968**. Cria o Distrito de São João, no município de Goiás. Diário Oficial [do] Estado de Goiás, Goiânia, n. 10.597, 14 ago. 1968.

GOIÁS (Estado). **Decreto Nº. 5.182, de 13 de março de 2000**. Dispõe sobre a criação de Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) Águas de São João, no Distrito de São João, pertencente ao Município de Goiás e dá outras providências. Diário Oficial [do] Estado de Goiás, Goiânia, n. 18.386, 16 mar. 2000.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HALBACHWS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

IBGE. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTOIDAGUA. **O distrito de Águas de São João**. 2011. Disponível em: <<https://institutoidagua.webnode.com.br/news/o%20distrito%20de%20aguas%20de%20s%20c3%a3o%20jo%20c3%a3o/>> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

KOZEL, Salete. **Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais**. In.: SEEMANN, Jörn (Org.). *A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

KOZEL, Salete. **Mapas mentais: dialogismo e representações**. Curitiba: Appris, 2018.

LAZZERINI, Fábio Tadeu; BONOTTO, Daniel Marcos. **Fontes de águas “milagrosas” no Brasil**. *Ciência e Natura*, v. 36 Ed. Especial II, 2014, p.559–572 Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/view/13707/pdf> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

LEITE, Edgard. **Cosmogonias Védica e Judaica**. PHOÏNIX, Rio de Janeiro, 10: 100-110, 2004.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salete. **Lugar e mapa mental: uma análise possível**. *Revista do Departamento de Geociências, Londrina*, v. 8, n.1, p.5-11, jan./jun.1999.

LIMA, Luana Nunes Martins de. **Lugar e Memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG/GEA) da Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

LIMA, Luana Nunes Martins. **Patrimonialidade em cidades não patrimonializadas**: caso de Crixás, Goiás, Brasil. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 3 (6), 202-218. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6040/604065750014/html/> Acessado em: 12 de fev. de 2023.

LIMA, Luana Nunes Martins; OLIVEIRA, Victor Henrique Fernandes. **Lugar, sujeito e polissemias do patrimônio em Goiás, Brasil**. *PatryTer*, v. 5, n.10, p.183-198, 2022. Disponível em: [604071867011.pdf \(redalyc.org\)](https://www.redalyc.org/pdf/604071867011.pdf) Acessado em: 12 de fev. de 2023.

MAGALHÃES, Sônia Maria de; SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Festa do Divino em Goiás: Mulheres, relações de gênero, lembranças, festas e comida. In: BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Paulo Brito do; ROSA, Rafael Lino (Orgs.) **Os Sentidos da Devoção: O império do Divino na Cidade de Goiás (Século XIX e XX)**. Goiânia: Espaço acadêmico, 2015.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. 2002. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168/14059> Acessado em: 12 de março de 2023.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **O sistema nacional de unidades de conservação da natureza**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/mel-e-produtos-das-abelhas/2019/50a-ro/mma-apresentacao-geral-snuc-convertido.pdf> Acessado em: 17 de jun. de 2022.

MONTEIRO, Ana Maria Antunes; NETO, João Damasio da Silva; NOVAIS, Kaito Campos de; GUIMARÃES, Luisa; SIGNATES, Luiz. **Águas de São João**: da legitimação religiosa ao surgimento do mito. *Mídia e Desigualdade*. Goiânia: PPGCOM/Gráfica da UFG, v. 1, p. 106-127, 2016.

MORÁN, José. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação**. 2017. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf Acessado em 30 de jan. de 2023.

NETTO, Carmo Gallo. **Pesquisa avalia a qualidade das águas termais de Poços**. 2014. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/610/pesquisa-avalia-qualidade-das-aguas-termais-de-pocos> Acessado em: 12 de julho de 2022.

NETTO, Orozimbo Correa. **Indicações e contra-indicações das águas sulfurosas de poços de caldas em oto-rino-laringologia**. 1955. Disponível em: <http://oldfiles.bjorl.org/conteudo/acervo/acervo.asp?id=132> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

NUNES, Samanta; TAMURA, Bhertha Miyuki. **Revisão histórica das águas termais**. *Surg Cosmet Dermatol* 2012. Disponível em: <http://www.surgicalcosmetic.org.br/details/220/pt-BR/revisao-historica-das-aguas-termais> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

OLIVEIRA, Márcio Nunes. **Águas Sulfurosas em Águas de São João**. Monografia de graduação, Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Goiás. Goiás, 2003.

PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **A invenção da sociedade gaúcha**. 1993. Disponível em: <<https://revistas.dee.spgg.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/view/1617/1985>> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

PIRES, Maria José Ramos Guedelha Rodrigues. **Características das águas termais sulfurosas**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Química da Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2008.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

REIMER, Haroldo; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; FREITAS, Mirielle Antônia Souza. Sant'ana e o mito fundador de Anápolis, Goiás. Caminhos, Goiânia, v.20, n.2, p. 190-207, maio/ago. 2022. Disponível em: <[Vista do SANT'ANA E O MITO FUNDADOR DE ANÁPOLIS, GOIÁS \(pucgoias.edu.br\)](http://Vista%20do%20SANT%27ANA%20E%20O%20MITO%20FUNDADOR%20DE%20AN%C3%80POLIS,%20GOI%C3%80S%20(pucgoias.edu.br))> Acessado em: 20 fev.de 2023.

REIS, Marina Gowert dos; SERRES, Juliane Conceição Priman; NUNES, João Fernando Igansi. **Bens culturais digitais: reflexões conceituais a partir do contexto virtual**. 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/147/14743480005/html/>> Acessado em: 12 de mar. de 2023.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. **“A terra” e “as Águas” originais**. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/757/738>> Acessado em: 12 de mar. de 2023.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de; RIBEIRO, José Felipe. **Cerrado**: ecologia e flora. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: uma antologia 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e. **O sagrado e o profano na dança de são gonçalo: etnografia de um ritual de pagamento de promessa**. Revista Mosaico, v. 11, p. 30-42, 2018. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/6029/3496>> Acessado em: 12 de set. de 2022.

SÓCRATES, Eduardo Arthur. Águas sulfurosas em Goyaz. In: **Revista A Informação Goyanna**. Rio de Janeiro, ano XVIII, nº 3, v. 19, p. 14, out. nov. 1933.

SOSTER, Sandra Schmitt. GONÇALVES, Pedro Henrique. BORGES, Ariane Magda. **Tecnologias Digitais aplicadas ao Patrimônio Cultural e ao Turismo**. 2021. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/journal/1154/115468015009/html/> > Acessado em: 30 de jan. de 2023.

SOUZA, Naiady. **Os benefícios do banho de água sulfurosa**. 2019. Disponível em: <<https://naiadysouza.com/2019/02/os-beneficios-do-banho-de-agua-sulfurosa.html>> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **O que não é educação patrimonial**: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In. Educação patrimonial [recurso eletrônico]: políticas, relações de poder e ações afirmativas (org.) Átila Bezerra Tolentino, Emanuel Oliveira Braga. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

TOMIYOSHI, Carolina; WOJCIK, Adma Silva de Lima; VENCATO, Elisa Milani Oba; TAQUES, Guilherme Ribas; NETO, José Fillus; BRENNER, Fabiane Andrade Mulinari. **Caso para diagnóstico**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/abd/a/M4RkhTNBMzJjSdKqVB5v7KF/?lang=pt>> Acessado em: 12 de jul. de 2022.

ANEXOS

ANEXO I

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa CEP-UEG



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Águas de São João como Paisagem Cultural: A identidade e simbolismo do distrito na relação entre as águas e festa do padroeiro

Pesquisador: Marlon Teixeira de Faria

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50699621.8.0000.8113

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.045.889

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa ("PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1797577.pdf" de 12/10/2021) e Projeto detalhado ("Projeto_Mestrado_Marlon_Teixeira.pdf", de 12/10/2021).

"Resumo:

Este projeto visa desenvolver uma pesquisa no distrito de Águas de São João, pertencente ao município de Goiás. Nesse local destaca-se a existência de alguns elementos que são fundamentais para sua constituição identitária. A Festa de Louvor a São João Batista, o padroeiro do distrito e a existência das minas de Águas Sulfurosas. Deve-se considerar serem dois componentes distintos, um constituído por meio da interação humana, que possui uma trajetória e composição religiosa em sua formação. O outro surge da natureza e, por meio das narrativas e tradições populares, ganha uma dimensão e significação simbólica capaz de criar relações sociais que ficam relacionadas com os usos das águas e as crenças em seus milagres. Perceber então a existência de duas grandes fontes de simbolismo nesse local motiva a pesquisa a se aproximar das reflexões patrimoniais e, principalmente, do conceito de Paisagem Cultural que, gradualmente, vem se mostrando de forma interessante para se pensar a interação do ser humano e a natureza. Dessa forma, serão exploradas as aproximações e distanciamentos desses dois elementos e compreender como eles são importantes para a estruturação e organização social do distrito.

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO

CEP: 75.132-903

UF: GO

Município: ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1434

E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.045.889

Neste instante considera-se uma visão sobre o distrito com o simbolismo que ali foi criado, algo que impacta as pessoas e, além disso, faz com que a atividade turística seja potencializada.

Introdução:

A proposta apresentada nesse projeto encontra-se vinculada a pesquisas em desenvolvimento que giram em torno da reflexão conceitual do Patrimônio cultural. A partir das leituras feitas entende-se que uma investigação dentro desse campo, bem como as políticas patrimoniais, pode oferecer um espaço que promova diálogos conceituais, reflexões sobre as raízes de uma nação ou, em escala menor, de um distrito. Estabelecer um diálogo com autores/leituras sobre o Patrimônio Cultural faz com que se perceba a possibilidade de produção historiográfica que contemple as singularidades e, em simultâneo, as multiplicidades culturais do local escolhido ou objeto pesquisado. Nesta pesquisa não será feito um recorte divisório entre materialidade e imaterialidade, mas, por meio desses, navegar nas possibilidades de reflexão e riqueza que pode-se obter através das discussões deles provenientes. Uma análise referente a reflexão patrimonial contemplando os aspectos materiais e imateriais de um local pode promover a construção de um diálogo/narrativa que aborde temas como: ideias, crenças e, a própria tradição oral, dentre outros. Elementos como esses podem ser de grande importância para se entender a construção da história local, pois conferem sentido a cenários que podem auxiliar, em partes, no entendimento de determinado lugar, seus aspectos práticos e simbólicos. A partir da leitura de Sandra Pelegrini (2009), compreende-se que, neste caso, os estudos que fixam sobre cidades (neste caso especificamente um distrito) devem-se entender que a discussão não fica restrita apenas a linhas, ruas, estruturas e sua arquitetura edificada. Deve-se considerar que seu significado e importância simbólica também está presente na constituição de seus elementos, não apenas em sua materialidade, deve-se ter em consideração também a imaterialidade e o contexto histórico em questão. Se antes os apontamentos tiveram a intenção de mostrar a abordagem teórica e conceitual que será desenvolvida, agora, explorando os detalhes, a atenção começa a apontar o carácter espacial. Esta pesquisa será desenvolvida no distrito de Águas de São João-GO, um distrito da Cidade de Goiás, ficando 70 km de distância da cidade. Considerando a sua localidade, está próximo de cidades como Itapirapuã (23 km de distância), Jussara (49,8 km de distância), Matrinchã (84,7 km de distância) e Lua Nova (74,6 km de distância). Geograficamente, está localizado na Mesorregião Noroeste Goiano e, especificamente, na Microrregião Rio Vermelho. Passando aos aspectos históricos, as terras que compõe este distrito, no passado, davam origem a uma fazenda onde foi descoberta uma fonte de águas sulfurosas e isso desencadeou uma reação

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.045.889

interessante atraindo pessoas que as consideravam com propriedades curativas, Márcio Nunes de Oliveira (2003) e Dallys Dantas (2014 e 2016). A partir desse momento nota-se uma alteração na dinâmica populacional, fazendo com que diversificassem as atividades ali desempenhadas, além dos trabalhos agrícolas já explorados. Outro fator que faz desse distrito ser reconhecido, regionalmente, é a tradicional Festa de Louvor a São João Batista, que gera um fluxo de turistas. Observando a abordagem sobre o distrito de Águas de São João nota-se que ele abriga dois elementos importantes, em sua própria constituição, que produzem sentido no imaginário local e, claro, tiveram importância na mudança e fluxo de pessoas na região, destacam -se os elementos da religiosidade de um lado e as águas com propriedades curativas, de outro. Dessa forma, a sua escolha se dá mediante a busca de se entender os elementos que são importantes neste local e como se aproximam ou distanciam para a formação da identidade local. Pensar a dinâmica do distrito de Águas de São João ocorre de maneira bem interessante quando se observa a seguinte ponderação: “Se antes o patrimônio assumia no imaginário coletivo a ideia de obstáculo ao desenvolvimento, agora se torna fundamento deste” (BRITTO, 2014, p. 977). Ou seja, se antes a ideia de patrimônio poderia levantar um pensamento de atraso, considerando o tombamento de alguns bens e a impossibilidade integral de mudanças, neste caso específico pode-se dizer que houve o oposto. A área que hoje é o distrito, teve sua movimentação potencializada após, principalmente, a descoberta das Águas e a realização da Festa do Padroeiro. Identificados os elementos centrais destaca-se outro ponto de reflexão importante para a pesquisa, o quanto um deles puderam influenciar o conhecimento sobre o outro, suas aproximações e distanciamentos. Essa questão se faz de forma interessante visto que o distrito traz na composição de seu próprio nome a presença deles, ‘Águas’ e ‘São João’. Entendendo que a pesquisa segue dando atenção ao simbolismo, ao imaginário popular faz-se preciso expor um conceito que, a princípio, será importante em toda sua estruturação, o conceito de Paisagem e, enquanto as reflexões avançam a Paisagem Cultural. Considerando as reflexões de Giuliana Andreotti (2013) e Anne Cauquelin (2007) fica evidente de que aqui não há o interesse de apenas explorar a visualidade material da paisagem do distrito de Águas de São João. Se dedicar a compreender e pensar sobre uma dada paisagem significa ir além e entender sua materialidade e, claro, o que está, além disso, o que envolve as pessoas, os sentidos, os sentimentos e orientações. Um quadro complexo como esse pode dizer muito sobre a organização social do local. Considerar a reflexão sobre os conceitos de Paisagem e Paisagem Cultural faz com que a pesquisa passe a considerar de grande importância fatores que, por vezes, poderiam passar sem tanta atenção. Nas exposições de Dantas (2014 e 2016), é possível observar que houve mobilização popular no distrito, essas no que lhe concerne

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO

CEP: 75.132-903

UF: GO

Município: ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1434

E-mail: cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.045.889

foram fundamentais para que a paisagem local em dado momento não fosse alterada e em outro, se assim puder ser dito, ressignificada. Ilustrando esses dois exemplos, nas análises do mesmo autor, temos: em 1972 a mobilização contra a explosão de parte das minas d'água para aumentar seu fluxo e em 1963 a construção da capela à São João Batista, próxima das minas de águas sulfurosas. A partir do instante em que se propõe estudar e analisar o conceito de paisagem, no Distrito de Águas de São João, implicitamente estão consideradas dentre as etapas a serem feitas: estudos da produção existente, pesquisa oral, estudar as narrativas populares e o imaginário local. Dado que, como abordado acima, o distrito não tem sua formação apenas devido um de seus aspectos, mas na conjuntura e relação da população e os elementos que constituem sua realidade. Entender a história de Águas de São João, conforme as leituras e pesquisas feitas, faz com que não se resuma apenas numa exposição fatural e histórica. Deve-se então considerar uma gama de saberes locais. Essas ações são importantes enquanto patrimônio imaterial, visto que podem ser caracterizadas devido à formação de um imaginário local que articula a importância de cada um desses elementos como referências culturais. E é nessa relação que se busca compreender como se relaciona a realização das festas e a presença das águas na constituição simbólica e identitária do distrito de Águas de São João.

Hipótese:

O distrito de Águas de São João tem sua formação marcada por um simbolismo que mescla a religiosidade e as tradições milagrosas das águas sulfurosas. Por meio do levantamento de pesquisas já realizadas entende-se que a origem do distrito se dá num local marcado por uma presença religiosa, a considerar a região conhecida por Piedade e a fazenda chamada São João da Gurita. O surgimento das narrativas milagrosas das águas

sulfurosas ganham um espaço interessante nesse local, já marcado pela religiosidade. Com base nas análises feitas, após os anos de 1960 entende-se que a construção da capela ao padroeiro se dá de forma pensada que visa apresentar, mesmo que de forma implícita, uma consideração simbólica sobre a importância da religiosidade, visto que geograficamente ela se localiza em terreno mais elevado que as minas d'água. Nesse instante, entende-se, após diálogos com autores que refletem sobre o conceito de paisagem cultural que nesse local há uma intencionalidade implícita, a construção de uma capela religiosa ao lado das minas d'água sulfurosas pode ser vista/explorada como uma forma de determinação de importância do viés religioso, pode-se pensar sobre sua localização mais alta, como algo que esteja acima de qualquer ideia de milagres provenientes das águas. A pesquisa de campo, entrevistando as pessoas, pode oferecer uma relação curiosa. Através de trabalhos já produzidos por -se obter, brevemente, algumas ideias

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.045.889

sobre a percepção da importância ou não dessas águas, agora considerando uma pesquisa mais recente pode-se entender como a atual relação das pessoas com seus bens, simbólicos e naturais.

Metodologia Proposta:

O desenvolvimento dessa pesquisa conta com atenção nos seguintes campos: revisão bibliográfica, consulta em banco de dados, pesquisa de campo, considerando entrevistas orais (no distrito e fora dele), entrevistas a distância e serão considerados o uso de acervos fotográficos. Sendo assim segue: 1. Revisão bibliográfica: serão buscadas pesquisas que estiverem abordando o contexto, política, economia, ou, no geral, a formação do distrito de Águas de São João. Estes poderão ter ligação direta ou indireta com os elementos pesquisados: águas sulfurosas e as festividades locais. 2. Consulta de Banco de dados: serão consultados, Catálogos de Teses e Dissertações (catalogodeteses.capes.gov.br), o Google Acadêmico e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, BDTD (bdtd.ibict.br). 3. Entrevistas orais: Serão feitas junto ao entrevistado (estando ou não no distrito). Considera-se as pessoas, moradores e ex-moradores e turistas, que podem ser encontradas no distrito durante a coleta dos dados, encontrados fora do distrito e se dispuserem à entrevista. 4. Entrevistas a distância: Serão gravadas em áudio e/ou vídeo e poderão ser feitas por meio dos diferentes aplicativos (WhatsApp, Telegram, Facebook, Google Meet, Zoom, entre outros), sempre considerando a facilidade e acesso do entrevistado. 5. Consulta de acervos fotográficos: poderão ser explorados acervos fotográficos das pessoas entrevistadas, desde que seja autorizada. Considera-se: os moradores, turistas, registros relacionados às festividades religiosas. 6. Consultas no site do IBGE: Para levantamento de dados sobre população, faixa etária, número dos habitantes, dentre outras informações que possam ajudar a dar mais suporte à pesquisa. Para que tenha sucesso a realização da pesquisa deve haver a autorização para a coleta dos dados, para isso será explicado às pessoas que serão entrevistadas (inclusive considera-se a explicação para alguém próximo que possa auxiliar seu entendimento) a pretensão e o que se busca com a pesquisa. O pesquisador será apresentado como estudante apresentará o vínculo acadêmico. Será explicado que a necessidade da assinatura vem como forma de reconhecer e autorizar sua participação na pesquisa e será uma forma de garantir proteção às partes envolvidas. Sobre a pesquisa durante a pandemia: para cada uma das pessoas que poderão ser entrevistadas, presencialmente, dentro ou fora do distrito, haverá a disposição de máscaras e álcool para uso no local. O distanciamento será respeitado, considerando que para ocorrer a pesquisa pode-se fazer uso de instrumentos de gravação, mantendo distância segura entre os envolvidos. E o local escolhido poderá ser optado por locais abertos com livre circulação do ar.

Critério de Inclusão:

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.045.889

Sobre o critério de inclusão, destacam-se os seguintes elementos: idade, tempo de moradia e se turista, o tempo que já frequenta o distrito. Dessa forma pretende-se alcançar os habitantes com maior idade (18 anos acima, com ênfase, principalmente nos idosos), o que pressupõe maior conhecimento sobre o distrito. Busca-se entrevistar entre os habitantes os que são proprietários locais, considerando o contato com o fluxo de turista. Outros entrevistados serão as pessoas que possuem alguma ligação com a Igreja/capela que ficam no distrito, considerando os critérios acima mencionados.

Critério de Exclusão:

Sobre o critério de exclusão, não serão entrevistadas pessoas menores de 18 anos. Esses independentes de morarem ou não no distrito, ou serem turistas.

Tamanho da Amostra no Brasil: 15”.

Objetivo da Pesquisa:

“Objetivo Primário:

Através de análises de produções bibliográficas, visitas e entrevistas aos moradores e turistas que frequentam o distrito de Águas de São João, compreender a importância do simbolismo religioso bem como das tradições e narrativas sobre as águas sulfurosas para a constituição identitária desse distrito e, claro, compreender suas aproximações e distanciamentos. Compreender essa dinâmica entre esses elementos faz com que seja possível entender suas importâncias para o distrito, considerando em aspectos mais amplos, por exemplo, nas atividades sociais, organizações, a percepção da própria população para com os bens que possuem onde vivem e como isso pode proporcionar e potencializar a atividade turística local”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

“Riscos: A pesquisa, em seu desenvolvimento, considera a possibilidade de riscos em sua execução. Destacam-se:a) cansaço ou aborrecimento ao responder questionários;b) possíveis prejuízos em relação ao tempo de resposta ao questionário;c) alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias passadas;d) possibilidade de quebra de sigilo involuntária e não intencional;e) considerando o momento pandêmico: risco de se expor a situação que possa levar a contágio”.

“Benefícios:

Ao fim da pesquisa poderá constatar um amplo levantamento de informações sobre o distrito. Tendo em mão será possível fazer um compilado e delas extrair diversas informações que podem

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

UF: GO **Município:** ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1434

E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.045.889

agregar, do ponto de vista histórico, ao distrito. Pensando nisso, a princípio foi pensando na elaboração de um blog que terá como benefício o uso pela população em geral que tenha curiosidade sobre o local, sua história, desenvolvimento e o conhecimento dos bens que ali estão. E, nessa parte, surge um importante ponto a ser explorado, da educação patrimonial. Buscar, através de, uma exposição à sociedade a importância da preservação e cuidados dos bens culturais de Águas de São João, sendo elas importantes para o entendimento da história e identidade do distrito. E, ainda, podendo ser usado como fonte de informação e propagação de informações com viés turístico”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Recomenda-se retirar os documentos duplicados "TCLE_Marlon_Teixeira_de_FariaNOVO.pdf 02/08/2021" e "Projeto_Mestrado_Marlon_Teixeira.pdf 02/08/2021" e deixar apenas a versão atualizada (de 12/10/2021) desses documentos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências. O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013. O prazo para a entrega do relatório final, via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1797577.pdf	12/10/2021 00:14:11		Aceito

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.045.889

Outros	Instrumento_coleta_de_dados_Marlon_Teixeira_de_Faria.pdf	12/10/2021 00:11:41	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Outros	Projeto_Mestrado_Marlon_Teixeira_de_Faria.pdf	12/10/2021 00:11:07	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Outros	TCLE_Marlon_Teixeira_de_Faria.pdf	12/10/2021 00:09:20	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Outros	Termo_de_Autorizacao_de_Uso_Imagem_Som_Marlon_Teixeira_de_Faria.pdf	02/08/2021 21:32:12	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso_Marlon_Teixeira_de_Faria.pdf	02/08/2021 21:11:39	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Mestrado_Marlon_Teixeira.pdf	02/08/2021 21:05:02	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Marlon_Teixeira_de_FariaNOVO.pdf	02/08/2021 20:58:24	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Orçamento	Orcamento_Marlon_Teixeira_de_Faria.pdf	02/08/2021 20:54:00	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Cronograma	Cronograma_Marlon_Teixeira_deFaria.pdf	02/08/2021 20:47:27	Marlon Teixeira de Faria	Aceito
Folha de Rosto	Marlon_Teixeira_de_faria_folhaDeRosto.pdf	02/08/2021 20:42:46	Marlon Teixeira de Faria	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ANAPOLIS, 19 de Outubro de 2021

Assinado por:
MARCO JUNIO PERES FILHO
(Coordenador(a))

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

UF: GO **Município:** ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1434

E-mail: cep@ueg.br

ANEXO II

Roteiro com o tema das perguntas elaborado para entrevistas



INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

**ÁGUAS DE SÃO JOÃO COMO PAISAGEM CULTURAL:
A IDENTIDADE E SIMBOLISMO DO DISTRITO NA RELAÇÃO ENTRE AS ÁGUAS E
FESTA DO PADROEIRO**

PESQUISADOR: MARLON TEIXEIRA DE FARIA

**DADOS DO(A) PARTICIPANTE DA PESQUISA (PARA TODOS OS
GRUPOS/SUBGRUPOS)**

1. Nome: _____.

2. Contato telefônico: (____) _____.

3. Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____.

4. Sexo

() Masculino () Feminino

5. Raça que declara ser pertencente

() Branca

() Preta

() Amarela

() Parda

() Indígena

() Não sabe declarar

6. Para o Morador de Águas de São João – Goiás: Mora no distrito a quanto tempo?

_____.

7. Para o Turista: com qual finalidade faz visita ao distrito?

_____.



QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA (MORADORES DO DISTRITO DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO – CONSIDERA-SE OS MAIORES DE IDADE, MORADORES ANTIGOS/IDOSOS, COMERCIANTES/PROPRIETÁRIOS)

- Local de nascimento e, se o caso, motivos de mudança ao distrito;
- Explorar a memória: como era o distrito durante a infância (abrir possibilidades para mencionar fatos do passado vivido, fatos que já ouviu);
- Explorar a memórias: relatos sobre a festa do padroeiro e sua importância (considerar relatos de como era, passagens importantes, momentos de tensão);
- Considerações sociais: pensar sobre os impactos da festa na organização do local;
- Sobre as Águas: explorar os relatos que se ouvia sobre as Águas Sulfurosas (abrir a possibilidade de se pensar em relatos de pessoas do distrito e turistas);
- Explorar o lado místico: possíveis mudanças que as águas promoveram no distrito e na vida das pessoas que vivem ou passaram por ali;
- Reflexão sobre o distrito: como as narrativas sobre as águas e a festa se relacionam com a vida da população;
- Percepções sobre os turistas: pensar sobre o que buscavam as pessoas que por ali passavam (e em quais meses era mais comum as visitas);
- Sobre a experiência local: questionar sobre uso das águas e se faz ou fazia seu uso (pensar motivos);
- Sobre o presente das Águas: conversa sobre como o distrito lida com a existência e os cuidados em torno dos locais onde existem as minas d'água (pensar sobre como a população mais jovem entende as águas e seus usos);

QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA (TURISTAS DE ÁGUAS DE SÃO JOÃO – GOIÁS – CONSIDERAR OS MAIORES DE IDADE QUE JÁ VISITAM E OS QUE FAZEM AS PRIMEIRAS VISITAS)

- Local de nascimento;
- Motivos do turismo: motivos que levaram ao conhecimento do distrito de Águas de São João (abrir a possibilidade de diálogo que considere o que ouviu falar, se leu algo sobre, se conheceu alguém que visita ou faz uso de algo relacionado ao distrito);



- Sobre o distrito: conhecimento sobre a Festa do Padroeiro (considerar possíveis experiências vividas, relatos passados e atuais experiências);
- Sobre o distrito: conhecimento sobre as Minas d'água sulfurosas (explorar narrativas sobre);
- Sobre a percepção sensível: explorar o conhecimento sobre a crença e a festa do padroeiro e sobre as narrativas das águas);
- Sobre a experiência local: questionar sobre uso das águas e se faz ou fazia seu uso (pensar motivos);

O teor das questões norteadoras deverão seguir o que foi exposto. Deve-se, no entanto, considerar, conforme a conversa, a mudança na ordem de alguma das propostas. Considere-se também a possibilidade de surgir outra questão que venha a agregar mais algum tema importante à entrevista. No geral busca-se por meio desse roteiro seguir um raciocínio que venha a explorar e respeitar a crença do entrevistado, mas explorar as narrativas da localidade que ele vive (caso seja o morador) e as que foram contadas (neste caso, abre-se também aos turistas).